



**PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 1.º E NO 2.º
CICLO DO ENSINO BÁSICO:
O património local como recurso para o desenvolvimento de
competências essenciais da História no 1.º ciclo**

Marta Sofia Santos Rebelo

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico

2015



**PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 1.º E NO 2.º
CICLO DO ENSINO BÁSICO:**

O património local como recurso para o desenvolvimento de
competências essenciais da História no 1.º ciclo

Marta Sofia Santos Rebelo

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Professora Doutora Susana Martins

2015

AGRADECIMENTOS

A elaboração deste relatório deve-se a todos aqueles que ao longo deste tempo me prestaram o seu apoio e compreensão. Neste sentido, sinto-me no dever de apresentar os meus sinceros agradecimentos.

À prof. Dra. Susana Martins, pelo seu precioso auxílio, pela sua acessibilidade, encorajamento e simpatia ao longo deste período.

Aos professores desta instituição com quem tive o privilégio de aprender ao longo dos últimos cinco anos.

À professora cooperante, Rita Pedroso, pelas sugestões, conselhos e, principalmente, por tudo aquilo que me ensinou durante a minha prática pedagógica. É, sem dúvida, um exemplo a seguir!

A todas as crianças com quem tive a oportunidade de trabalhar, obrigada por tudo aquilo que me ensinaram.

À minha parceira de estágio, Rita Ingrês de Sousa, por toda a partilha, confiança e amizade ao longo dos último anos.

Às minhas amigas Joana Remédios, Laura Ornelas e Ana Silva por estarem sempre presentes nos momentos importantes e por me auxiliarem sempre que necessitei.

Ao Fábio, por todo o carinho, amizade e compreensão e por ter estado sempre a meu lado ao longo desta etapa.

Aos meus pais, irmão e tio, agradeço todas as oportunidades que me foram dadas, os valores que me transmitiram e que me ajudaram a tornar-me na pessoa que sou hoje. Obrigada por todo o carinho e atenção ao longo deste meu percurso.

A toda a minha família e amigos, sempre dispostos a apoiar-me em todas as minhas decisões.

Dedico este relatório à minha avó Maria, que infelizmente já não se encontra entre nós, por todo o amor, carinho e amizade que me transmitiu ao longo da sua vida.

A todos,
Muito obrigada!

RESUMO

O presente relatório intitulado *O património local como recurso para o desenvolvimento de competências essenciais da História no 1.º ciclo* cumpre um dos requisitos para a obtenção do grau de mestre em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Lisboa.

Partindo da intervenção realizada no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionado II numa turma do 3.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico, este documento pretende refletir sobre essa prática, evidenciando como pode uma abordagem ativa ao património local contribuir para a formação de alunos historicamente competentes e, bem assim, para o desenvolvimento de competências transversais às restantes áreas disciplinares.

Começou por estabelecer-se um breve quadro conceptual, no qual, fundamentalmente, se definiu o conceito de património local e se evidenciou a sua intrínseca relação com a construção de uma identidade local e nacional, se situou o estudo desta temática no 1º CEB, se esclareceram quais as competências específicas da História a atingir nesse mesmo ciclo de ensino e se justificaram as atividades e estratégias adotadas na sua abordagem.

Passou-se então ao relato e à análise da prática desenvolvida, onde se procurou evidenciar que a implementação de atividades de carácter mais prático, como análises de imagens, trabalho investigativo e visitas de estudo, relacionadas com o património local tornam essa aprendizagem mais significativa, e concorre para a aquisição de competências essenciais da História, como a recolha de informação e o seu tratamento, a contextualização histórica e a comunicação em história. Tal abordagem contribui ainda para o sucesso das aprendizagens nas restantes áreas disciplinares, uma vez que os alunos desenvolvem competências transversais importantes para o incremento do seu processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Património local, Estudo do Meio Social, Competências essenciais da História no 1.º Ciclo do Ensino Básico, Estratégias de ensino e aprendizagem

ABSTRACT

This report entitled *Local patrimony as a resource for the development of essential skills in History in the 1st school years* has the purpose of the obtainment of the master's degree in teaching 1st and 2nd cycle of basic education, at "Escola Superior de Educação de Lisboa".

Starting from the intervention carried out under the Education Practice Course Supervised II in a 3rd year class of the 1st cycle of basic education, this document aims consider this practice, showing how an active approach to local heritage can contribute to the formation of historically skilled students, as well as for the development of soft skills related to other teaching areas.

A brief conceptual framework was first established in which the concept of local heritage was determined in order to show its intrinsic relationship with the construction of a local and national identity and to situate the study of this issue in the 1st CEB. Some specific skills in history, to be obtained in this cycle of education, were clarified and the proper activities and strategies were adopted in their approach.

The attention was then turned to the reporting and analysis of developed practice where one tried to show that the implementation of more practical activities such as image analysis , investigative tasks and school trips related to the local heritage make learning more meaningful and contribute to the acquisition of key competences of history, such as the collection of information and its treatment , the historical context and communication. Such an approach also contributes to the success of learning in other subject areas , as students develop important soft skills to increase their teaching-learning process.

Key words: Local patrimony, Study of Social Environment, Essential History skills in the 1st cycle of basic education, Teaching strategies and learning

ÍNDICE GERAL

Introdução	1
1. Caracterização e análise do Contexto Socioeducativo	3
1.1. O meio local e a escola	3
1.2. Caracterização da turma	4
1.3. Caracterização da sala de aula	4
1.4. Caracterização dos princípios orientadores de ação pedagógica	5
1.5. Os espaços de aprendizagem, os materiais, a gestão dos tempos e os conteúdos	7
1.6. Avaliação diagnóstica dos alunos	8
1.6.1. Português	8
1.6.2. Matemática	9
1.6.3. Estudo do Meio	10
1.6.4. Expressão Dramática, Plástica, Físico-Motora e Musical.....	11
1.6.5. Competências sociais	11
2. Identificação da problemática e dos objetivos gerais de intervenção	13
2.1. Identificação das potencialidades e fragilidades da turma.....	13
2.2. Identificação das problemáticas	14
2.3. Objetivos gerais do projeto e sua fundamentação	15
3. Metodologia: métodos e técnicas de recolha e tratamento de dados	19
4. Apresentação fundamentada do processo de intervenção educativa	21
4.1. Princípios orientadores do Plano de Intervenção.....	22
4.2. Estratégias globais de intervenção	23
4.3. Contributo das diferentes áreas disciplinares para a concretização dos objetivos do Plano de Intervenção	26
5. Apresentação fundamentada do tema de investigação	29
5.1. A definição do tema de estudo.....	29
5.2. Quadro conceptual	30
5.2.1. O conceito de Património	30
5.2.2. O lugar do património local no currículo do 1.º CEB e na área disciplinar de Estudo do Meio	32
5.2.3. As competências essenciais da História no 1.º CEB	34
5.2.4. Metodologias de ensino do património local no 1.º CEB	36

5.3. Descrição e interpretação da intervenção relativamente ao tema em estudo.	38
6. Análise de resultados: avaliação das aprendizagens dos alunos e do plano de intervenção	42
6.1. Avaliação das aprendizagens dos alunos	42
6.1.1. Português	43
6.1.2. Matemática	44
6.1.3. Estudo do Meio	44
6.1.4. Expressão e Educação Dramática, Plástica, Físico-Motora e Musical.	45
6.1.5. Competências sociais	46
6.2. Avaliação do PI	47
Conclusão	48
Referências Bibliográficas	51
Anexos	57
Anexo A. Recursos humanos da escola/departamentos curriculares	58
Anexo B. Espaços e recursos materiais da escola.	59
Anexo C. Caracterização dos alunos da turma.	60
Anexo D. Planta da sala de aula.	62
Anexo E. Explicação das rotinas	63
Anexo F. Agenda semanal	65
Anexo G. Questionários de interesse aplicados aos alunos	66
Anexo H. Avaliação diagnóstica de Português	77
Anexo I. Avaliação diagnóstica de Matemática.	76
Anexo J. Avaliação diagnóstica de Estudo do Meio	78
Anexo K. Avaliação diagnóstica das Competências sociais	81
Anexo L. Fotografias da caixa das histórias (Rotina da escrita criativa)	83
Anexo M. Questionário realizado antes e depois da intervenção (Património local)	84
Anexo N. Análise de questionário (pré-intervenção)	89
Anexo O. Guiões de pesquisa	95
Anexo P. Textos informativos	111
Anexo Q. Itinerários pedagógicos	125
Anexo R. Fotografias dos cartazes elaborados pelos alunos	132
Anexo S. Grelha de avaliação das competências essenciais da História	134
Anexo T. Análise do questionário (pós-intervenção)	135

Anexo U. Avaliação final de Português	138
Anexo V. Avaliação final de Matemática.....	141
Anexo W. Avaliação final de Estudo do Meio	143
Anexo X. Avaliação final das Competências Sociais	146
Anexo Y. Avaliação final da concretização dos objetivos gerais	148

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 – Potencialidades e Fragilidades dos alunos da turma	13
TABELA 2 - A aquisição de técnicas de pesquisa, organização e tratamento de dados nos programas disciplinares do 1.º CEB	17
TABELA 3 – Fases de investigação	20
TABELA 4 – Articulação das estratégias com os objetivos	24
TABELA 5 - Estratégias e atividades que se privilegiaram no PI para atingir os objetivos gerais	27
TABELA 6 - Resultados dos questionários (pré-intervenção)	29
TABELA 7 - Resultados dos questionários (pré-intervenção e pós-intervenção)	41

LISTA DE ABREVIATURAS

CEB – Ciclo do Ensino Básico

CEL – Conhecimento Explícito da Língua

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

JI – Jardim de Infância

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PE - Projeto Educativo

PI – Plano de Intervenção

TEA – Tempo de Estudo Autónomo

INTRODUÇÃO

O presente relatório surge no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada II, do Mestrado em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Lisboa. Intitulado *O património local como recurso para o desenvolvimento de competências essenciais da História no 1.º ciclo*, pretende descrever e interpretar a prática educativa desenvolvida numa turma do 3.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), situada na freguesia de Belém, concelho de Lisboa.

Na sequência da caracterização do contexto educativo em presença, identificaram-se um conjunto de fragilidades e potencialidades da turma que informaram a construção do nosso Plano de Intervenção (PI) e de onde emergiu um leque de problemáticas que nos levaram à definição da investigação a realizar. Nesta se procurou avaliar como poderia a abordagem do património local potenciar o desenvolvimento de competências essenciais da História no 1º CEB.

O relatório encontra-se organizado em sete capítulos. No primeiro capítulo apresenta-se uma breve panorâmica sobre o contexto socioeducativo, a qual abrange a caracterização do meio local e da escola, da turma, da sala de aula, dos princípios orientadores da ação pedagógica e da relação escola-família e da gestão do tempo, do espaço, dos materiais e dos conteúdos de aprendizagem. Nela se faz também a avaliação diagnóstica dos alunos, tanto no que respeita às diferentes áreas disciplinares, como ao nível das competências sociais. Esta caracterização foi feita, essencialmente, através da análise dos documentos normativos da escola, dos registos de observação e, ainda, de informações cedidas pela professora cooperante.

Já no segundo capítulo é apresentada a sistematização das potencialidades e fragilidades detetadas durante o período de observação da turma, a partir da qual se colocou um conjunto de problemáticas e se delinearão os objetivos gerais do PI, devidamente fundamentados.

No capítulo seguinte apresentam-se os métodos e técnicas de recolha e tratamento de dados utilizados aquando da elaboração deste relatório.

O quarto capítulo, por sua vez, diz respeito à apresentação fundamentada do processo de intervenção educativa, na qual se explicitam os princípios que orientaram a prática pedagógica e as estratégias adotadas.

O quinto capítulo é dedicado à investigação desenvolvida. Depois de

enunciada a temática de estudo, procedeu-se à sua fundamentação teórica com base numa sucinta revisão de literatura onde procurámos clarificar os principais conceitos em análise. Descrevemos ainda a prática realizada no âmbito da investigação, que procurámos interpretar.

Os últimos dois capítulos dizem respeito à avaliação das aprendizagens dos alunos e à avaliação do PI.

Por fim, é importante mencionar que são remetidas para anexo todas as informações consideradas pertinentes e que são referidas ao longo do trabalho.

1. CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO

1.1. O meio local e a escola

A escola onde decorreu a intervenção pedagógica é uma IPSS situada na freguesia de Belém, em Lisboa. Fundada em 1956, esta é uma instituição de ensino inclusivo, que elegeu desde sempre “como missão principal a integração sociopedagógica de alunos com deficiência visual . . . e normovisuais, desde o Jardim-de-infância e Ensino Pré-Escolar até ao 3.º Ciclo do Ensino Básico (PE, 2012, p. 3). São, pois, seus objetivos fundamentais desenvolver “a autonomia, proporcionar estabilidade emocional, e proporcionar uma adequada transição para a vida ativa dos jovens com necessidades educativas especiais” (PE, 2012, p. 3).

Ainda segundo o PE, a escola adota uma combinação de metodologias de ensino tendo em vista a criação de um ambiente facilitador da aprendizagem e a aproximação aos interesses e necessidades dos alunos. No entanto, podemos afirmar que o modelo dominante na instituição é o Movimento da Escola Moderna.

No presente ano letivo, frequentavam a escola cerca de seiscentos alunos, cento e dez matriculados no JI, duzentos e trinta no 1.º CEB e duzentos e trinta e cinco nos 2.º e 3.º CEB. Destes, sessenta estavam diagnosticados com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

O corpo docente ascende a um total de cinquenta e sete elementos, dos quais catorze pertencem ao 1.º CEB (Anexo A, p. 58).

Registe-se ainda a existência de um excelente clima afetivo entre o corpo docente e discente, sendo notória a valorização do bem estar dos alunos. No que concerne à relação escola família é possível afirmar que existia uma excelente relação entre a professora cooperante e os encarregados de educação. Foi também notória a participação ativa dos pais em todas as atividades promovidas, tanto pela instituição como pela docente. Prova disso mesmo foi o projeto “Brincadeiras do meu tempo” em que todas as sextas feiras, no período da tarde, um encarregado de educação se deslocava à escola para exemplificar jogos tradicionais da sua infância, dando assim a oportunidade aos alunos de os experimentarem e partilharem essa experiência com os seus colegas.

A escola é constituída por vários edifícios, cada um deles reservado a uma valência de ensino. Para além destes edifícios, existem ainda vários espaços de lazer,

como espaços verdes, campos de jogos, ginásio, parque infantil, salão de jogos, um pátio coberto e um refeitório. A biblioteca da escola encontra-se no edifício destinado ao 1.º CEB e foi, recentemente, integrada na Rede de Bibliotecas Escolares (Anexo B, p. 59). A escola encontra-se em boas condições físicas, garantindo assim condições de segurança para os alunos, bem como facilidades de acesso às salas de aula, através de um elevador, para os alunos com deficiências motoras.

1.2. Caracterização da turma

A intervenção pedagógica teve lugar numa turma de 3.º ano de escolaridade constituída por dezassete alunos, doze do sexo masculino e cinco do sexo feminino, todos de nacionalidade portuguesa. Com idades compreendidas entre os oito e os nove anos, estavam todos matriculados neste ano de escolaridade pela primeira vez.

Relativamente ao contexto familiar e socioeconómico, a maioria das crianças residia em freguesias perto da escola (Alfragide, Algés, Carnaxide e Restelo), provindo de famílias estruturadas e com apenas três casos de famílias monoparentais. Quanto à escolaridade dos encarregados de educação, esta situava-se, na grande maioria (71%), ao nível do ensino superior. De referir ainda que apenas um encarregado de educação se encontrava em situação de desemprego (Anexo C, p. 60).

Na turma existia um aluno diagnosticado com Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção. Este ainda não se encontrava medicado, apresentando assim constantes dificuldades de concentração ao longo das diferentes atividades letivas. Embora não estivesse diagnosticado com NEE, existia um outro aluno com dificuldades de concentração. Ambos frequentavam aulas de apoio educativo no decorrer do horário letivo, apoio prestado na sala de recursos existente na escola.

1.3. Caracterização da sala de aula

A sala onde decorriam a maioria das atividades letivas da turma apresentava dimensões pequenas, embora tivesse os locais apropriados para o arrumo de materiais. As mesas dos alunos estavam dispostas em grupos de quatro, de modo a facilitar a realização de trabalhos cooperativos e a partilha de saberes entre os pares. Já a secretária da professora encontrava-se ao fundo da sala, de maneira a aumentar a visibilidade desta. Relativamente às paredes da sala, estas estavam revestidas com trabalhos dos alunos, com cartazes de sistematização dos conteúdos abordados,

elaborados pela docente, bem como com a planificação semanal e com a calendarização das apresentações da rotina “Ler, Contar e Mostrar”. O facto da sala não ser muito ampla dificultava um pouco a circulação de alunos e professores (Anexo D, p. 62).

1.4. Caracterização dos princípios orientadores da ação pedagógica

A professora cooperante procurou sempre relacionar os conteúdos a trabalhar com as vivências dos alunos, valorizando o contributo dos discentes para o processo de ensino-aprendizagem e sublinhando a dimensão social das matérias lecionadas. Promovia, assim, uma aprendizagem sócio construtivista por parte dos alunos.

A professora manifestou também uma grande atenção pela individualidade de cada aluno, atendendo aos diferentes interesses e ritmos de aprendizagem, promovendo atividades inclusivas e que valorizassem os avanços de cada elemento da turma. O esforço em articular o trabalho desenvolvido em sala com o desenvolvido pela psicóloga que acompanhava os dois alunos com apoio educativo é um dos exemplos desse cuidado.

O desenvolvimento das competências sociais foi outro aspeto a que a professora dedicou particular cuidado. Além de ser notória a cumplicidade entre a docente e a turma, assente na partilha de opiniões e sentimentos, a professora procurou sempre incentivar o diálogo entre os alunos, na expectativa de que a compreensão das razões de determinadas ações e reações pudesse por si ultrapassar os atritos entre colegas. Na opinião da professora, era mais importante que os alunos resolvessem os seus problemas através do diálogo do que ser ela a intervir ou mesmo a comunicar aos encarregados de educação o sucedido.

Quanto à dinâmica pedagógica, verificámos que a professora adotou essencialmente duas estratégias principais: o diálogo em grande grupo no momento da introdução de novos conteúdos e o trabalho cooperativo em pequenos grupos durante a sua exploração.

Assim, ao abordar um novo assunto, a professora começava por estabelecer uma conversa informal com os alunos, por forma a compreender quais os conhecimentos prévios da turma em relação ao tema. De seguida, o trabalho passava a ser desenvolvido, maioritariamente, em pequenos grupos, através da realização de fichas de trabalho. Pretendia com isso maximizar a aprendizagem, tanto do próprio

grupo como de cada um dos alunos, fomentando uma interdependência positiva entre estes, ao proporcionar da partilha de recursos e do apoio mútuo.

Na turma existiam algumas rotinas implementadas, a saber: o ditado da tabuada, ler, contar e mostrar, ditado e correção dos erros, diário e conselho de turma, por fim, o caderno de escrita (Anexo E, p. 63).

O ditado da tabuada era realizado semanalmente e consistia no ditado de dez tabuadas, sempre que os alunos acertavam as dez operações subiam um patamar no gráfico, quando conseguiam alcançar um novo nível eram premiados. A rotina do ler, contar e mostrar era realizada duas vezes por semana, no tempo dedicado a esta atividade os alunos, mediante inscrição prévia, apresentavam trabalhos, projetos, livros ou outros materiais que lhes tivessem suscitado interesse. Já o ditado e a correção dos erros era uma atividade semanal, em que a professora ditava um texto e depois corrigia os erros junto dos alunos, individualmente, por forma a compreender qual o tipo de erros mais comum em cada aluno e tentar colmatar essa fragilidade. No que respeita ao diário de turma, este era escrito pelos alunos de acordo com atitudes que tinham ou não gostado por parte dos colegas, ao longo da semana. No entanto, à sexta feira, no conselho de turma, os pontos descritos no diário de turma eram abordados e resolvidos, saliente-se que a professora não interferia no tempo dedicado a esta rotina. Por último, no caderno de escrita deviam ser escritos três textos mensais, no final de cada mês a professora recolhia os cadernos para os avaliar.

No que respeita aos trabalhos de casa, estes eram realizados três vezes por semana (segundas, quartas e sextas feiras).

Relativamente à avaliação, a professora adotou a avaliação formativa e também a sumativa. A avaliação sumativa realizava-se no final de cada período letivo através de uma ficha de avaliação, para cada uma das três áreas disciplinares. O resultado desta ficha era complementado com a análise de todo o percurso formativo do aluno. Este percurso, por sua vez, era composto pela correção das fichas de trabalho realizadas durante os tempos letivos e dos trabalhos de casa, bem como pela avaliação do plano individual de trabalho, realizado semanalmente no TEA, e do caderno de escrita, onde os alunos escreviam três textos mensais.

1.5. Os espaços de aprendizagem, os materiais, a gestão dos tempos e os conteúdos

Apesar da exiguidade do espaço, na sala de aula distinguam-se algumas zonas de trabalho, como a biblioteca e o espaço destinado ao tempo de estudo autónomo (TEA), onde é possível encontrar os ficheiros das diferentes áreas disciplinares destinados ao trabalho autónomo dos alunos. Nas paredes da sala encontram-se igualmente diversos materiais relativos às diferentes áreas curriculares, assim como trabalhos desenvolvidos nos projetos que os alunos realizam no TEA. No entanto, estes apenas são expostos depois de corrigidos pela professora, evitando a transmissão de incorreções, tanto ao nível científico como ao nível comunicação em português.

As aulas de Expressão e Educação Musical e Expressão e Educação Físico-Motora eram realizadas em espaços diferentes. Assim sendo, as aulas de Expressão e Educação Musical realizam-se numa sala um pouco mais ampla e onde se encontravam bastantes instrumentos musicais. Já as aulas de Expressão e Educação Físico-Motora são lecionadas num dos campos de jogos do exterior ou no ginásio, dispondo ambos os espaços de materiais específicos para a leção desta área curricular.

É de referir que no início do ano letivo as docentes planificam as suas intervenções em conjunto, no entanto esta planificação apenas aborda os conteúdos a serem lecionados mensalmente, não estipulando quaisquer atividades ou estratégias para a abordagem dos mesmos. Assim, é mantida a individualidade do trabalho de docente, pois cada uma das professoras tem total liberdade para adotar diferentes metodologias e diferenciar o processo de ensino-aprendizagem de acordo com as necessidades individuais dos seus alunos.

No que respeita à gestão do tempo, à semelhança das restantes turmas deste estabelecimento de ensino, o tempo letivo tem início às oito horas e quarenta e cinco minutos e termina às dezasseis horas e quinze minutos, havendo um intervalo de trinta minutos, entre as dez horas e quinze minutos e as dez horas e quarenta e cinco minutos e outro entre as doze horas e quinze minutos e as catorze horas, sendo este último destinado ao almoço.

No início do ano letivo é estipulado, pela professora cooperante, uma agenda semanal fixa (Anexo F, p. 65), contudo esta é reorganizada de acordo com as

necessidades da turma. No primeiro tempo da manhã de segunda-feira é realizada, em grande grupo, a planificação da semana. Primeiramente são explicados aos alunos quais os conteúdos que se pretendem abordar e, juntamente com estes, decide-se quais os dias em que se comprometem a abordá-los, existindo assim um grande envolvimento dos alunos na planificação semanal.

É ainda importante referir que no tempo destinado ao apoio ao estudo é realizado o conselho de turma e que as aulas de Expressão e Educação Plástica apenas se realizam quinzenalmente por parte de uma professora externa que se desloca à escola com o intuito de promover atividades nesta área.

1.6. Avaliação diagnóstica dos alunos

A avaliação é imprescindível no processo de ensino-aprendizagem e, de acordo com Ferreira (2007), esta “pressupõe três etapas: a recolha de informação, a análise dessa informação recolhida e a emissão de um juízo de valor, exprimido de forma qualitativa ou quantitativa” (p. 16). Assim sendo, e por forma a aumentar a probabilidade de sucesso escolar dos alunos é imprescindível identificar a situação dos alunos quanto ao seu domínio das aprendizagens de modo a melhor ajustar as estratégias a utilizar, e assim responder melhor às suas necessidades (Heacox, 2006). Por esta razão, durante a construção do PI foram analisadas as grelhas de registo, preenchidas na sequência da observação direta e da consulta das fichas de avaliação realizadas no 2.º período letivo. Para além disso, foram ainda utilizados os dados obtidos nas inúmeras conversas informais mantidas com a professora cooperante e realizados e tratados os questionários de interesses a que os alunos foram submetidos (Anexo G, p. 66). De salientar que não foram efetuados testes de avaliação diagnóstica, uma vez que a professora se mostrou reticente em submeter os alunos a mais avaliações, visto que estes tinham acabado de realizar as avaliações finais do período.

Neste subtópico será então apresentada a avaliação diagnóstica realizada durante o período de observação.

1.6.1. Português

No que concerne à avaliação diagnóstica das aprendizagens realizadas na área disciplinar de Português, estas foram organizadas em quatro competências,

Expressão e Compreensão Oral, Leitura, Escrita e Conhecimento Explícito da Língua (CEL) Para esta análise foram construídos indicadores que serão analisados de seguida (Anexo H, p. 73).

Após a análise das grelhas e a partir do trabalho desenvolvido na sala de aula verificou-se que a generalidade dos alunos, cerca de 88%, não apresentou dificuldades na Expressão e Compreensão do Oral.

No que respeita à Leitura, a turma também não apresentou dificuldades. Contudo, 35% dos alunos manifestaram algumas hesitações aquando da leitura em voz alta.

Já na escrita constatou-se que 65% dos alunos apresentou dificuldades na planificação de texto e produção de textos criativos, sendo esta última uma das fragilidades detetadas na turma.

Por último, no CEL não foram detetadas grandes debilidades, no entanto, verificou-se que os alunos apresentaram algumas dificuldades na explicitação das regras de pontuação.

Relativamente a esta área, verificou-se ainda que os alunos não escreviam de forma regular apesar de lhes ter sido solicitado um mínimo de textos mensais realizados em casa. Apresentando assim dificuldades no desenvolvimento do texto e na criatividade do mesmo, nomeadamente no que diz respeito à estrutura (curto, pouco desenvolvido e sem uma sequenciação) e à presença dos elementos constituintes, no caso do texto narrativo, (quem, quando, onde, o quê, como), bem como na fraca criatividade que as histórias denotavam.

1.6.2. Matemática

Quanto à área disciplinar de Matemática, a diagnose foi organizada em três domínios, a saber: Números e Operações, Geometria e Medida e Organização e Tratamento de Dados. (Anexo I, p. 76).

Porém, ao longo do período de observação não foi desenvolvido trabalho no âmbito da Geometria e Medida nem da Organização e Tratamento de Dados, sendo este último conteúdo um dos que ainda não havia sido lecionado pela professora cooperante.

No que se refere aos Números e Operações, verificou-se que a esmagadora maioria dos alunos atingiu os indicadores avaliados. Apenas um aluno apresentou

dificuldades ao nível da divisão e da numeração romana.

É de referir que na análise realizada aos questionários de interesse verificou-se que a matemática foi selecionada como a disciplina preferida por parte dos alunos, no entanto é importante explicar que, durante a observação, constatou-se que esta não foi escolhida pelo interesse destes, mas sim pela facilidade que sentiam em realizar as atividades.

1.6.3. Estudo do Meio

No que diz respeito à avaliação diagnóstica das aprendizagens realizadas em Estudo do Meio, estas foram organizadas de acordo com as competências definidas para esta área, sendo estas: a localização no espaço e no tempo, o conhecimento do ambiente natural e social, o dinamismo das inter-relações entre o natural e o social. Para além destas foram ainda avaliadas as competências essenciais da História, a saber: tratamento de informação/utilização de fontes, compreensão histórica e comunicação em história (Anexo J, p. 78).

Nas competências relacionadas com o conhecimento do ambiente natural e social e o dinamismo das inter-relações entre o natural e o social não se constatou a existência de fragilidades nos conteúdos já abordados.

Relativamente às competências avaliadas, as maiores fragilidades detetadas foram ao nível do Património Local, uma vez apenas 23% dos discentes revelou algum conhecimento sobre os monumentos do meio envolvente à escola, não obstante este ter sido um assunto já abordado. Após algumas conversas informais com a professora cooperante, foi ainda possível perceber que grande parte dos alunos não dominava o conceito de Património local, nem compreendia a sua importância. Isto quando a escola se situa numa zona com um riquíssimo património histórico e cultural.

Na instituição onde decorreu a intervenção pedagógica o ensino da História de Portugal é iniciado no 3.º ano do 1.º CEB, pelo que foi necessário avaliar mais profundamente as competências dos alunos nesta área. Primeiramente é importante referir que os alunos mostraram um grande interesse pela História de Portugal, nomeadamente pelos Descobrimentos e pelos monumentos a eles associados. Embora os resultados dos inquéritos de interesse não o evidenciem, tal preferência manifestava-se claramente durante as aulas dedicadas a esta área, altura em que uma parte substancial dos alunos tomava a iniciativa de partilhar conhecimentos

adquiridos junto de familiares e formulava questões várias que desejava ver esclarecidas.

Também em TEA, quando os discentes podiam selecionar livremente os conteúdos sobre os quais pretendiam desenvolver um projeto, as temáticas associadas à História de Portugal eram recorrentemente escolhidas.

Correspondendo a este interesse, a professora titular propunha que realizassem pesquisas sobre tais conteúdos, pesquisas que eram realizadas de forma completamente autónoma, isto é, sem que os alunos tivessem acesso a um guião de pesquisa. Foi esta prática que evidenciou a incapacidade de recolher e tratar informação histórica, bem como de a comunicar convenientemente, fosse num registo escrito, fosse com recurso a outro tipo de representação da informação.

1.6.4. Expressão e Educação Dramática, Plástica, Físico-Motora e Musical

No que respeita à avaliação diagnóstica nestas diferentes áreas curriculares não foram concebidos quaisquer indicadores de avaliação, uma vez que estas eram lecionadas por professores especializados. No entanto, efetuaram-se conversas informais com os docentes, por forma a compreender em que níveis se encontravam os alunos, quais as suas potencialidades e as suas maiores fragilidades.

Relativamente à Expressão e Educação Dramática e à Expressão e Educação Plástica não foi possível fazer qualquer diagnose, visto que a professora responsável nunca compareceu durante as semanas de observação.

Já no que respeita à Expressão e Educação Físico-Motora constatou-se que os alunos realizavam as atividades sem grande dificuldade e que manifestavam interesse na realização de novos jogos.

Por último, na Expressão e Educação Musical verificou-se que as aulas eram destinadas principalmente à técnica vocal e que os alunos gostavam deste tipo de atividades, não apresentando nenhuma dificuldade neste aspeto.

1.6.5. Competências Sociais

As competências sociais da turma foram avaliadas atendendo aos seguintes indicadores: autonomia, participação, cooperação, responsabilidade e relacionamento (Anexo K, p. 81),

No geral, existia uma boa relação entre os alunos e entre os alunos e a professora, todavia cerca metade dos alunos revelava algumas dificuldades em emprestar o seu material e em aceitar pontos de vista diferentes do seu, não aceitando facilmente críticas ou sugestões por parte dos restantes elementos da turma.

Relativamente à participação, verificou-se que a maioria dos alunos participava quando solicitada, contudo muitos deles manifestavam dificuldades em participar de forma espontânea, exceto nas aulas de História de Portugal, pois, tal como referido no ponto anterior, os alunos tomavam a iniciativa de participar e partilhar os seus conhecimentos e curiosidades com a turma.

Já no indicador da responsabilidade, não se observaram grandes fragilidades. Apenas quatro alunos não trouxeram, constantemente, o material necessário para trabalhar.

Finalmente quanto à cooperação, os alunos não apresentaram dificuldades em cooperar e trabalhar em grupo, porventura porque esta prática era adotada regularmente na sala de aula.

2. IDENTIFICAÇÃO DA PROBLEMÁTICA E DOS OBJETIVOS GERAIS DA INTERVENÇÃO

2.1. Identificação das potencialidades e fragilidades da turma

Com base na análise reflexiva dos dados obtidos, identificou-se e analisou-se as principais potencialidades e fragilidades do grupo de modo a adequar a prática pedagógica à turma, quer no que diz respeito às sequências de aprendizagem quer nas opções metodológicas.

Com base na diagnose que temos vindo a fazer, identificámos um conjunto de potencialidades e fragilidades da turma que importa agora sistematizar. Tais dados são apresentados na Tabela 1, que compreende as diferentes áreas disciplinares, bem como as competências sociais.

Tabela 1

Potencialidades e fragilidades da turma

	POTENCIALIDADES	FRAGILIDADES
COMPETÊNCIAS SOCIAIS	<ul style="list-style-type: none">▪ Cooperantes▪ Espírito de entreajuda▪ Responsabilidade▪ Boa organização do espaço de trabalho▪ Interesse pela apropriação de novos conhecimentos	<ul style="list-style-type: none">▪ Pouco participativos por iniciativa própria▪ Dificuldades na aceitação de críticas
PORTUGUÊS	<ul style="list-style-type: none">▪ Boa compreensão e expressão do oral▪ Gosto pela leitura	<ul style="list-style-type: none">▪ Pouco desenvolvimento das produções escritas▪ Textos pouco criativos
MATEMÁTICA	<ul style="list-style-type: none">▪ Conceito de algoritmo bem estruturado▪ Interpretação e resolução de enunciados e problemas▪ Raciocínio matemático	

ESTUDO DO MEIO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Gosto por partilha de vivências e conhecimentos ▪ Interesse pela História de Portugal, nomeadamente pelo período dos Descobrimentos e pelos monumentos a eles associados 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Dificuldade no trabalho de pesquisa, organização e tratamento de informação histórica ▪ Dificuldade na comunicação em História ▪ Pouco conhecimento do Património local envolvente
-----------------------	---	--

É agora altura de focar as principais fragilidades e potencialidades diagnosticadas na turma.

Assim sendo, no que respeita às fragilidades os alunos revelaram ter grandes dificuldades na construção de textos bem estruturados, na realização do trabalho de pesquisa, organização e tratamento da informação, bem como na comunicação da mesma. Demonstraram ainda pouco conhecimento do Património local envolvente.

Por outro lado, as principais potencialidades centram-se no grande interesse pela História de Portugal, mais concretamente pelo período dos Descobrimentos e pelos monumentos a eles associados.

Neste sentido, o tema deste relatório está relacionado com a aquisição das competências essenciais da História, sendo estas o tratamento da Informação/ utilização de fontes, a compreensão histórica (temporalidade, espacialidade e contextualização) e a comunicação em História, através do ensino do Património local. Assim, para a concretização deste tema foram tidas em conta as fragilidades e potencialidades detetadas na turma.

2.2. Identificação das problemáticas

Com base na análise das fragilidades e potencialidades do contexto, e perspetivando uma intervenção de qualidade, direcionada para a promoção de aprendizagens significativas, surgiu um leque de questões que orientaram a definição dos objetivos do PI e nos apontaram o tema da investigação a realizar.

Entre elas:

- *Como promover o trabalho investigativo?*
- *Como promover o tratamento e organização de dados?*

- *Como desenvolver a estruturação e criatividade nas produções escritas?*
- *De que modo as fragilidades detetadas nas técnicas de pesquisa, organização e tratamento de dados se associam às debilidades identificadas nas competências de escrita?*
- *Como motivar os alunos para o trabalho investigativo e para a apropriação de técnicas de tratamento e organização de dados?*
- *Como incentivar a produção escrita de textos com diferentes intencionalidades?*

Uma problemática é a "abordagem ou a perspectiva teórica que decidimos adoptar para tratar o problema formulado pela pergunta de partida. É uma maneira de interrogar os fenómenos estudados" (Quivy & Campenhoudt, 2003, p. 104). Assim sendo, foi da necessidade de dar resposta a este conjunto de problemas que emergiu o tema de investigação deste relatório: *o património local como recurso para o desenvolvimento de competências essenciais da História no 1.º ciclo*.

2.3. Os objetivos gerais do PI e a sua fundamentação

Após a identificação das fragilidades e potencialidades e em resposta aos problemas/questões apresentados anteriormente, definiram-se os objetivos gerais, orientadores da nossa prática pedagógica: a) **Desenvolver competências de escrita, considerando as suas diversas funções;** e b) **Desenvolver a apropriação de técnicas de pesquisa, organização e tratamento de dados e informação.**

O primeiro objetivo geral proposto tem um carácter transversal, uma vez que o domínio desta competência é comum ao ensino das diferentes áreas disciplinares.

Segundo Niza et al. (1998), as crianças, desde muito cedo, sentem a necessidade de comunicar por escrito as suas vivências, histórias e opiniões pessoais, já que a língua escrita é "encarada como um meio de construir o pensamento" (Pereira, 2008, p.12).

Contudo, a escrita não pode ser encarada como independente das outras competências linguísticas, uma vez que "a competência escrita implica a oral que lhe é prévia e implica sempre a leitura" (Niza, Segura & Mota, 2011, p.19). Portanto "produzir um texto requer não apenas a capacidade de redigir, mas também a

atividade de leitura e as capacidades de ouvir e de falar” (Cassany, 1999 citado por Niza et al., 2011, p.19).

Desta forma, percebe-se que no decorrer da aprendizagem da leitura e da escrita seja “fundamental a prática diária de leitura e escrita de textos” (Sousa e Cardoso, 2010, p.76) já que assim se possibilita uma “constante construção/reconstrução de significados em que cada um ativamente dá forma às suas representações e às representações dos outros, apropriando-se delas, recriando-as, alargando, assim, o seu saber” (Sousa e Cardoso, 2010, p. 77), tornando-se assim um agente facilitador do crescimento cognitivo de cada aluno.

Para além da importância no desenvolvimento linguístico, a produção escrita é considerada um instrumento discursivo para a organização e a consolidação de ideias básicas subjacentes a um conhecimento mais coerente e melhor estruturado. Tal como Niza et al. (2011) defende, esta competência desenvolve “a compreensão de fenómenos e conceitos científicos” p.15) pois implica que os alunos “reflectam, consolidem, elaborem, formulem hipóteses, interpretem, sintetizem e convençam” (p.16). Assim, é possível afirmar que a escrita, quer informal, quer formal, é um grande potenciador do desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

Também o objetivo geral desenvolver a apropriação de técnicas de pesquisa, organização e tratamento de dados e informação é transversal a todas as áreas disciplinares, estando igualmente estreitamente associado ao primeiro objetivo delineado, uma vez que se existe dificuldade na recolha, no tratamento e na síntese da informação dificilmente é possível comunicá-la convenientemente.

À medida que crescem, os alunos contactam com uma multiplicidade de realidades que lhes despertam curiosidade e que desejam compreender melhor. O domínio de técnicas de pesquisa e tratamento de informação apresenta-se, pois, como elementar para o atingir.

Assim, cabe ao professor oferecer experiências deste tipo de trabalho, tal como é definido na Organização Curricular e Programas do 1.º CEB que defende que “o trabalho a desenvolver pelos alunos integrará, obrigatoriamente, . . . atividades de pesquisa adequadas à natureza das diferentes áreas” (p.19).

A apropriação de técnicas de pesquisa, organização e tratamento de dados e informação é objetivo, aliás, comum aos programas das três áreas disciplinares, tal como sistematizámos na Tabela 2.

Tabela 2

A aquisição de técnicas de pesquisa, organização e tratamento de dados nos programas disciplinares do 1.º CEB

PORTUGUÊS	MATEMÁTICA	ESTUDO DO MEIO
<p><u>Compreensão e Expressão do Oral:</u></p> <p>Identificar ideias-chave; Hierarquizar a informação; Tomar notas; Preencher grelhas de registo; Esquematizar; Articular a informação retida com conhecimentos prévios; Procurar informação complementar.</p> <p><u>Leitura:</u></p> <p>Utilizar técnicas para recolher, organizar e reter a informação; Sublinhar; Tomar notas; Esquematizar.</p>	<p>“No domínio de Organização e Tratamento de dados é dada ênfase a diversos processos que permitem repertoriar e interpretar informação recolhida em contextos variados”</p> <p><u>Representação e tratamento de dados:</u></p> <p>Diagrama de caule-e-folhas; Frequência absoluta; Moda; Mínimo, máximo e amplitude; Problemas envolvendo análise e organização de dados, frequência absoluta, moda e amplitude.</p>	<p>Utilizar alguns processos simples de conhecimento da realidade envolvente (observar, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas, ensaiar, verificar), assumindo uma atitude de permanente pesquisa e experimentação.</p> <p>Selecionar diferentes fontes de informação (orais, escritas, observação ... etc) e utilizar diversas formas de recolha e de tratamento de dados simples (entrevistas, inquéritos, cartazes, gráficos, tabelas).</p> <p>Utilizar diferentes modalidades para comunicar a informação recolhida.</p>

Nota. Retirado de ME/DEB (2004, pp. 6 - 103)

Importa ainda referir que inicialmente se tinha formulado um objetivo geral que ia ao encontro dos interesses e das fragilidades relacionadas com o Património local: **Desenvolver o conceito de Património Local através de uma abordagem metodológica mais inovadora.** Porém, aquando da discussão do PI, foi sugerido que este seria um objetivo secundário e que poderia ser suprimido. Não soubemos então defender a validade de tal objetivo, salientando a importância de conhecer o património local, por um lado, e a vantagem de aproveitar um interesse do grupo-turma como motivação adicional para ultrapassar as suas debilidades. Acabámos, todavia, por o continuar a considerar informalmente e estamos agora em posição de reafirmar a pertinência do mesmo na intervenção realizada.

Segundo Moreira (2006), a educação patrimonial é importante na aquisição de competências e conhecimentos sobre os modos de vida e da história local, bem como

a valorização, a proteção e a defesa das memórias da região em que está inserido. Neste sentido, a exploração do Património permite aos alunos, através da história do seu meio local, compreenderem a história regional e nacional, bem como “o contacto com os mais variados povos, com a diversidade e a multiculturalidade, promovendo desta forma, a cidadania, os valores, e as atitudes de respeito e tolerância. Assim sendo, existe uma necessidade definitiva e objetiva, que o património constitua por si só objecto de estudo disciplinar” (Gaspar, 2010, p. 21).

Importa referir que a educação pelo Património “surge como um factor potenciador de aprendizagens tanto mais significativas e formativas quanto mais propícias forem as condições e os estímulos subjacentes à participação e envolvimento directo dos alunos na construção dos seus próprios saberes” (Custódio, 2009, p. 64). Por esta razão, é necessária a adoção de metodologias e estratégias mais práticas aquando do ensino do Património local. Assim sendo, e de acordo com Telmo (2000), os alunos do 1.º CEB devem realizar atividades práticas ligadas ao Património, como é o caso dos projetos, do trabalho investigativo, das visitas de estudo e da exploração de imagens.

Uma vez que cabe à escola valorizar, reforçar, ampliar, e iniciar a sistematização [das experiências e saberes acumulados ao longo da vida dos alunos], de modo a permitir . . . a realização de aprendizagens posteriores mais complexas (ME, 2006, p. 101), então, os alunos devem ter a liberdade para a criação de processos de produção, de modo a que vão adquirindo competências, conceitos e assim construindo o seu conhecimento acerca do tema. Moreira (2006) afirma ainda, que a finalidade do processo educativo é proporcionar ao educando uma fonte de conceitos e conteúdos, capacidades e habilidades bem como competências para criar cidadãos socialmente responsáveis, críticos e interventivos, de forma, a conseguirem enfrentar as mais variadas situações. Educar é contribuir para o desenvolvimento da autonomia pessoal, é a forma de transformar pessoas em cidadãos responsáveis e com sentido crítico.

3. METODOLOGIA: MÉTODOS E TÉCNICAS DE RECOLHA E TRATAMENTO DE DADOS

No presente capítulo apresenta-se a metodologia adotada para a realização deste relatório, no que diz respeito aos métodos e técnicas de recolha e tratamento de dados nas diferentes fases em que foram utilizados.

Em primeiro lugar é importante referir que foi utilizada uma metodologia quantitativa, uma vez que “este tipo de investigação é indutivo e descritivo, na medida em que o investigador [pretende] desenvolver conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, em vez de recolher dados para comprovar modelos, teorias ou verificar hipóteses como nos estudos quantitativos” (Sousa & Batista, 2011, p. 56). No entanto, foi ao mesmo tempo realizada uma investigação-ação, visto que esta surge na “prática profissional com a intenção de proporcionar uma melhoria [das aprendizagens dos alunos]” (Lomax, 1990, citado por Coutinho, 2013, p. 363). Assim sendo, este tipo de investigação está inserido em estratégias metodológicas que incluem a ação e a investigação em simultâneo

Uma investigação em estudos sociais contribui para diferentes aspetos, nomeadamente para o conhecimento dos processos de pensamento e aprendizagem dos alunos, da forma como um professor toma decisões sobre a sua prática e, ainda, do modo como a sociedade e as forças políticas influenciam o currículo escolar (Barton, 2006).

Segundo Pagés (s/d), uma investigação em educação deve organizar-se em três fases, a saber: a) planificação: onde se define o que é pretendido, a razão da escolha do tema e como este deve ser investigado; b) execução: onde se obtém e classifica a informação recolhida; e c) comunicação: altura em que se deve apresentar os resultados obtidos no trabalho investigativo.

Na tabela 3 sistematizam-se as diferentes fases do presente trabalho investigativo, descrevendo de seguida os métodos e técnicas utilizados para as concretizar.

Tabela 3

Fases de investigação

Fases de investigação	Descrição
1.ª Fase	Caracterização do contexto socioeducativo. Análise dos documentos normativos para o 1.º CEB. Identificação da problemática. Revisão de literatura.
2.ª Fase	Planificação e elaboração de atividades de ensino e aprendizagem. Recolha de informação sobre o património local e a sua importância.
3.ª Fase	Tratamento dos dados recolhidos. Elaboração e apresentação das conclusões finais do trabalho de investigação.

A fase inicial remete para o período de observação do contexto socioeducativo, onde o objetivo era aprofundar o conhecimento da turma, identificar a problemática presente e analisar a literatura existente, por forma a definir o tema de investigação e a construir o PI. Assim sendo, na primeira fase recolheram-se e analisaram-se os dados com vista à caracterização do contexto educativo. A diagnose das aprendizagens dos alunos foi feita a partir da construção e preenchimento de grelhas de observação. Estas grelhas foram elaboradas de acordo com as competências essenciais de cada área, bem como das competências sociais. Para o seu preenchimento utilizou-se uma escala cromática em que o verde revelava a ausência de dificuldades, o roxo representava algumas dificuldades, o vermelho indicava a existência de muitas dificuldades e, por fim, o creme que representava a não abordagem daquela competência¹. A consulta das fichas de avaliação do 2.º período letivo e a observação direta, nos espaços em que decorriam as atividades letivas, foram a base do preenchimento das grelhas de avaliação.

A avaliação diagnóstica da turma foi depois completada pelos dados recolhidos nas diversas conversas informais mantidas com a professora cooperante. Foi ainda realizado um questionário individual aos alunos, com o objetivo de recolher dados

¹ Esta informação remete para anexos já referidos Anexos H-K, pp. 73-81

sobre os seus interesses e dificuldades ao nível escolar. Por forma, a que a análise destes questionários fosse mais evidente as questões eram, maioritariamente, de resposta fechada. Contudo, as últimas quatro questões pretendiam respostas diversificadas e por isso, eram perguntas de resposta aberta. Os resultados foram organizados através de gráficos, de modo a facilitar a leitura dos dados recolhidos². Parece-me pertinente voltar a referir que não foi possível a realização de testes de diagnóstico, uma vez que a professora se mostrou um pouco reticente neste aspeto, pois os alunos ainda se encontravam a realizar as avaliações finais do período.

A segunda fase diz respeito à intervenção pedagógica, onde foram realizadas atividades que permitiram a recolha de dados para o trabalho investigativo. Esta fase foi colocada em prática aquando da intervenção pedagógica, posteriormente à construção do PI. Para a concretização desta fase foram elaboradas planificações diárias, bem como grelhas de registo, de modo a avaliar a consecução dos objetivos definidos nas planificações, permitindo assim uma avaliação do trabalho desenvolvido pelos alunos. Para além destes instrumentos de recolha de dados acrescenta-se a análise do trabalho executado pelos alunos nas diferentes áreas disciplinares, todos estes realizados em pequenos grupos. No que respeita ao tema de investigação, salienta-se a realização de um projeto sobre o Património local. Este consistiu no preenchimento de um guião de pesquisa a par do trabalho investigativo, na recolha de imagens, na visita de estudo e na apresentação de cartazes elucidativos de todo o trabalho desenvolvido.

Por fim, a terceira fase remete para o período posterior à intervenção, onde foram tratados os dados recolhidos, bem como apresentadas as conclusões finais. É de referir que estes foram recolhidos através de um questionário elaborado no início e no final do projeto e que foram analisados de forma qualitativa, pois só assim foi possível avaliar o percurso realizado entre a avaliação diagnóstica e a avaliação final.

Este relatório tem como principal objetivo desenvolver as competências específicas da História no 1.º CEB através do ensino do Património Local.

² Esta informação remete para um anexo já referido Anexo H, p. 73..

4. APRESENTAÇÃO FUNDAMENTADA DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA

4.1. Princípios orientadores do Plano de Intervenção

O PI teve por base em conta alguns dos princípios orientadores presentes na Organização Curricular e Programas para o 1.º CEB (2004), que conduziram a ação pedagógica e que garantiram o sucesso da intervenção e dos alunos.

Neste documento são definidos objetivos gerais que estão diretamente relacionados com os objetivos gerais do PI, a saber: a) Assegurar que, nesta formação, sejam equilibradamente interrelacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano; b) Proporcionar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana do trabalho; c) Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas e, por fim d) Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio-afectiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante (ME/DEB, 2004).

Por forma a alcançar o primeiro objetivo referido foi necessário adotar uma das quatro aprendizagens fundamentais, que se designa *aprender a fazer*. Esta prevê uma aprendizagem mais prática, tal como defende Delors (2000). Para promover atividades mais ativas é necessário que os alunos vivenciem alternativas ao trabalho de sala de aula. Neste sentido, promoveram-se atividades com um carácter mais exploratório, como a observação do património local através de uma visita de estudo.

Contudo, é necessário que se promovam também atividades significativas, estas estão diretamente relacionadas com as vivências dos alunos, tendo em conta as necessidades e interesses dos mesmos. Para isso, foram criados momentos destinados à partilha e à comunicação oral e escrita das informações recolhidas.

Relativamente ao segundo e ao quarto objetivo, estes estão relacionados com diferentes modalidades de ensino, nomeadamente com a cooperação entre os alunos. Esta modalidade de trabalho pretende que a turma seja organizada em pequenos grupos, porém estes devem ser constituídos por alunos de diferentes níveis. Este princípio promove não só aprendizagens significativas, mas também melhores

relações entre os alunos. De acordo com Morgado (2004) a cooperação apresenta um impacto positivo no desenvolvimento pessoal e social, fomentando atitudes de solidariedade entre os alunos.

Existe ainda a necessidade de se promover aprendizagens integradas, que assentem nas realidades, bem como nas experiências e nos saberes adquiridos, permitindo assim descobertas nos conhecimentos dos alunos. Assim sendo, a integração curricular torna as aprendizagens “mais acessíveis e mais significativas para os jovens e, conseqüentemente, tendem a ajudá-los muito mais a expandir e aprofundar a compreensão de si próprios e do seu mundo” (Beane, 2003, p. 95).

É ainda fundamental que a ação pedagógica se adapte às necessidades dos alunos, não adotando um único método, mas sim diferentes estratégias de ensino de acordo com as necessidades de desenvolvimento dos mesmos. Segundo Roldão (s/d), “apesar da prática ser focada no aluno, individualmente, o ensino diferenciado não pretende que o aluno realize um trabalho, única e exclusivamente individual, mas sim que se criem situações de trabalho cooperativo entre os alunos”. Tal como defende Sá (2001), a metodologia diferenciada “está centrada na aprendizagem do aluno visto não se dever ensinar a todos como se fosse um só” (p. 12).

4.2. Estratégias globais de Intervenção

Atendendo à diagnose efetuada e no sentido da consecução dos Objetivos gerais do PI, sendo estes: Desenvolver competências de escrita, considerando as suas diversas funções e Desenvolver a apropriação de técnicas de pesquisa, organização e tratamento de dados e informação definiram-se as seguintes estratégias globais de intervenção: i) Trabalho cooperativo; ii) Implementação de trabalho investigativo; iii) Visita de estudo; iv) Comunicação oral e escrita das aprendizagens.

No quadro seguinte é possível observar a articulação entre as estratégias e os objetivos.

Tabela 4

Articulação das estratégias com os objetivos

Estratégias Objetivos	Trabalho cooperativo	Implementação de trabalho investigativo	Visita de estudo.	Comunicação oral e escrita das aprendizagens.
Desenvolver competências de escrita, considerando as suas diversas funções	X	X		X
Desenvolver a apropriação de técnicas de pesquisa, organização e tratamento de dados e informação.	X	X	X	X

É agora necessário fundamentar as estratégias propostas, uma vez que estas conduziram toda a ação pedagógica. Relativamente à primeira estratégia, foi sentida a necessidade de adotar o trabalho cooperativo, uma vez que foram visíveis os excelentes resultados que esta aprendizagem proporcionou aos alunos, considerou-se, então, ser vantajosa a continuação da aprendizagem cooperativa, visto que

“a aprendizagem cooperativa permite que os elementos dos grupos cooperativos tenham consciência de um destino comum (...), que todos trabalhem para o sucesso do grupo de forma a que todos se esforcem para que se obtenham os melhores resultados (...), que reconheçam que o desempenho de cada um depende do desempenho de todos”. (Johnson e Johnson, 1999, citado por Fontes & Freixo, 2004, p. 27).

Neste sentido, é de referir que em situações de cooperação é importante potenciar o desenvolvimento dos alunos menos competentes através da interação com alunos cognitivamente mais desenvolvidos, ou seja, os grupos de trabalho nunca devem de ser formados aleatoriamente, mas sim com base neste princípio.

Segundo a psicologia sociocultural de Vigotsky é extremamente importante que se promova a relação interpessoal entre pessoas que cooperam na mesma atividade, da qual partilham o seu significado e sentido (Font, 2007). De acordo com Lopes e Silva (2009), esta estratégia estimula o pensamento crítico, cria um ambiente ativo, envolvente e investigativo, melhora o rendimento escolar e promove a inovação das técnicas de ensino, atendendo às diferenças de aprendizagens dos alunos. Neste sentido, promoveu-se, em diversas ocasiões, o trabalho de grupo, por forma a que os alunos partilhassem os seus conhecimentos e experiências, em busca de aprendizagens socializadoras por parte destes.

No relacionamento com os pares, as crianças adquirem recursos que permitem o desenvolvimento cognitivo e emocional (Harris citado por Pires, 2010). Assim sendo, "as relações entre pares assumem um papel autónomo na dinâmica do desenvolvimento social e são consideradas como pilares para a co-construção social do conhecimento. . . . elas contribuem activamente para o desenvolvimento de um comportamento social adaptado ou inadaptado" (Almeida, 2000, p. 12).

A segunda estratégia de intervenção remete para a implementação de atividades investigativas. Aplicaram-se, em diferentes momentos, atividades investigativas, nomeadamente em Estudo do Meio a realização do projeto sobre o Património local e sobre o Sistema Solar e em, Português as pesquisas de receitas aquando da aplicação do laboratório gramatical sobre este género textual. A implementação desta estratégia procurou colmatar as fragilidades detetadas na turma, visto que durante o período de observação não se verificaram atividades deste carácter e os alunos manifestaram dificuldades ao nível das competências relacionadas com este aspeto. É de referir que estas "atividades dão oportunidade ao aluno de colocar as suas próprias questões, conceber e conduzir as investigações, recolher dados, selecionar as informações relevantes para responderem às questões, analisar os dados, interpretar os resultados, elaborar e comunicar as suas conclusões (Aulis & Shore, 2008; Lee, 2004; Woolnought, 2000). Para além disso "o ensino por investigação promove a formação de cidadãos informados com uma atitude curiosa e capazes de colocar as suas próprias questões e procurar as respostas, de resolver problemas reunindo os recursos necessários, e de trabalharem sozinhos ou com outras pessoas em projetos" (Correia, 2013, p. 54).

A terceira estratégia definida diz respeito à visita de estudo, esta foi realizada no âmbito do projeto sobre o Património local. É de salientar que "as visitas de estudo

constituem instrumentos com grandes potencialidades pedagógicas. Integrados em projectos de pesquisa e intervenção, são insubstituíveis na construção de um conhecimento aberto ao meio: local, nacional e internacional” (Monteiro, 1995, p. 173). Nespôr defende que as Visitas de Estudo são actividades basilares no processo de ensino – aprendizagem, pelo facto de terem por base o envolvimento activo dos alunos na busca de informação e na utilização de recursos exteriores à escola. Como tal considera que estas, quando devidamente organizadas e planeadas, cumprem os requisitos necessários ao término de [qualquer] ciclo de aprendizagens em qualquer âmbito disciplinar (Nespôr, 2000, citado por Oliveira, 2008, p. 13). Assim sendo, posso afirmar que as visitas de estudo são verdadeiramente importantes, pois permitem “a concretização de saberes através de actividades e projetos multidisciplinares, articulando a escola com o meio, contribuindo para uma formação social e pessoal dos alunos” (Rebelo, 2014, p. 17).

A última estratégia global está relacionada com uma das fragilidades da turma, pois diz respeito à comunicação oral e escrita das aprendizagens. Durante o período de observação não se verificou a existência de momentos destinados à comunicação escrita da informação, talvez por esta razão os alunos terem revelado sérias dificuldades em elaborar textos bem estruturados. Com vista a colmatar esta fragilidade foi criada uma rotina em Português que tinha o objetivo de promover a escrita criativa dos alunos, para além disso, em Estudo do Meio, durante a elaboração do projeto sobre o Património, os alunos realizaram um guião de pesquisa e, posteriormente, cartazes, de modo a comunicarem a informação recolhida.

4.3. Contributo das diferentes áreas disciplinares para a concretização dos objetivos do Plano de Intervenção

Para a consecução dos objetivos gerais definidos foram promovidas atividades nas diferentes áreas disciplinares.

Segundo Vigotsky (citado por Sim Sim, 2011) a escrita “gera, em quem a produz, maior compreensão da língua pela reflexão a que obriga” (p. 14). Neste sentido, em Português foi criada a rotina da escrita criativa (Anexo L, p. 83) que permitiu aos alunos desenvolver a criatividade e, principalmente, apropriarem-se de técnicas de escrita, o que veio contribuir para a concretização do objetivo **Desenvolver competências de escrita, considerando as suas diversas funções.**

Ainda a respeito deste objetivo, apesar de ser transversal a todas as áreas disciplinares, realizaram-se guiões de cariz mais exploratório, uma vez que esta estratégia promove ao aluno situações nas quais tem a oportunidade de participar.

Relativamente ao segundo objetivo geral, foram promovidas atividades que ajudassem os alunos a adquirir competências relacionadas com a pesquisa e com a comunicação da informação nas diferentes áreas disciplinares. Importa, no entanto, referir que para a concretização deste objetivo se privilegiou a área disciplinar de Estudo do Meio, pelo facto de se ter realizado a investigação nesta área. Assim sendo, Em Estudo do Meio foram promovidos trabalhos investigativos sobre o Património local e a posterior apresentação de resultados, através da elaboração de cartazes. Porém, relembro que estas atividades apenas se encontram na concretização deste objetivo, uma vez que, como referido anteriormente, o objetivo geral proposto relacionado com o Património local foi suprimido, não chegando a ser concretizado diretamente. Na Matemática foram também realizadas atividades que contribuíssem para a concretização do segundo objetivo geral, como a análise e a recolha de dados a partir de gráficos e tabelas.

No sentido de existir uma articulação entre os objetivos do projeto e as áreas curriculares e disciplinares foi criado um quadro onde é esclarecido que atividades e as estratégias que se desenvolveram para cada uma das áreas.

Tabela 5

Estratégias e atividades que se privilegiaram no PI para atingir os objetivos gerais

Objetivos gerais	<i>Estratégias / Atividades</i>	Área disciplinar
Desenvolver competências de escrita, considerando as suas	Caderno de escrita criativa; Criação da caixa de histórias; Comunicação oral e escrita das aprendizagens.	Português
	Registo coletivo das atividades; Comunicação oral e escrita das aprendizagens; Construção do itinerário pedagógico da visita de estudo; Comunicação dos resultados (Comunicação em História); Trabalho em pequenos grupos.	Estudo do Meio
	Registo das estratégias de cálculo utilizadas; Registo das estratégias de resolução de problemas;	Matemática

diversas funções	Criação de enunciados de novos problemas; Interpretação de enunciados.	
	Utilização de registos escritos, em jogos dramáticos e/ou coletivos. Trabalho em pequenos grupos.	Expressões Artísticas e Físico-Motoras
Desenvolver a apropriação de técnicas de pesquisa, organização e tratamento de dados e informação.	Realização de sínteses de informação; Apresentação oral e/ou escrita das sínteses das pesquisas efetuadas; Trabalho em pequenos grupos.	Português
	Realização do projeto sobre o Património Local; Utilização de diferentes técnicas de pesquisa para a realização do projeto sobre o Património Local; Construção do itinerário pedagógico; Trabalho em pequenos grupos.	Estudo do Meio
	Interpretação de dados através de gráficos e tabelas; Construção de gráficos e tabelas de acordo com os dados recolhidos; Trabalho em pequenos grupos.	Matemática
	Realização de pesquisas para a execução de novos jogos e atividades; Trabalho em pequenos grupos.	Expressões Artísticas e Físico-Motoras

5. APRESENTAÇÃO FUNDAMENTADA DO TEMA DE INVESTIGAÇÃO

5.1. A definição do tema de estudo

Conforme atrás se disse, a escolha do tema de investigação teve por base a identificação das fragilidades e potencialidades da turma onde decorreu a intervenção pedagógica e a aferição das problemáticas delas resultantes. As debilidades na recolha, tratamento, organização e comunicação em história e o fraco conhecimento do património local, por um lado, e o manifesto interesse por conteúdos da História de Portugal, por outro, apontaram o caminho a seguir. Tratou-se, pois, aproveitar uma potencialidade do grupo para ultrapassar duas das suas maiores fragilidades. Na linha do que defende Sousa e Batista (2011): o interesse e o conhecimento do investigador são cruciais para todo o processo de investigação.

Neste sentido, a presente investigação pretende aferir como pode o património local ser um recurso fundamental para a aquisição de competências essenciais da História no 1.º CEB, a saber: o tratamento de informação/utilização de fontes; a compreensão histórica ao nível da contextualização; e a comunicação histórica.

Para tanto, foi implementado um trabalho de projeto sobre o Património Local. Antes de se dar início ao projeto foi realizada uma avaliação diagnóstica, através da aplicação de um questionário, por forma a compreender o que os alunos já conheciam do seu Património Local e se mostravam alguma preocupação quanto à sua preservação (Anexo M, p. 84). Neste sentido, parece-me pertinente revelar os resultados obtidos nesta avaliação diagnóstica, através do quadro que se segue.

Tabela 6

Resultados dos questionários (pré-intervenção)

Questões	Frequência relativa
	Pré-teste
1. Identifica e legenda as seguintes figuras:	
Torre de Belém	52%
Mosteiro dos Jerónimos	29%
Padrão dos Descobrimentos	18%

Jardim da Praça do Império	0%
2.1. Identifica o período de construção de cada um dos seguintes espaços:	
Torre de Belém	70%
Mosteiro dos Jerónimos	29%
Padrão dos Descobrimentos	18%
Jardim da Praça do Império	47%
2.2. Sabes para que foi construído este espaço?	
Torre de Belém	6%
Mosteiro dos Jerónimos	0%
Padrão dos Descobrimentos	0%
Jardim da Praça do Império	0%
3. Já viste ou visitaste algum destes espaços?	
Torre de Belém	76%
Mosteiro dos Jerónimos	65%
Padrão dos Descobrimentos	100%
Jardim da Praça do Império	59%
4. Pensas que estes espaços têm hoje a mesma função que tinham quando foram construídos?	
	6%

Importa salientar que este não incidia sobre as técnicas de pesquisa e de tratamento de informação histórica, outra das componentes que interessava avaliar. As reticências da professora cooperante em submeter os alunos a novas avaliações, quando ainda finalizavam as avaliações finais do 2.º período letivo foi um forte fator dissuasor. Estou agora em condições de afirmar que esta foi uma fragilidade da diagnose efetuada com vista à temática da minha investigação, tanto mais que a avaliação de resultados poderia assentar na repetição da aplicação desse instrumento de avaliação e assim ficar mais completa.

5.2. Quadro conceptual

5.2.1. O conceito de Património

A Lei do Património Cultural Português de 6 de julho de 1985 (Lei n.º 13/85), declara que o Património português é constituído por todos os bens materiais e

imateriais que, dado o seu valor, devem ser considerados de interesse relevante para a identidade da cultura portuguesa ao longo do tempo. Tal como é defendido pela UNESCO, esta lei classifica bens patrimoniais imóveis como monumentos, conjuntos e sítios. Já no que respeita aos bens patrimoniais imateriais, a lei diz-nos que são abrangidas as tradições e expressões orais, expressões artísticas e manifestações de carácter performativo, rituais, práticas sociais e eventos festivos, práticas relacionadas com o Património natural e, por último, os processos e técnicas tradicionais.

Um património que não deve ser encarado apenas na sua vertente nacional, mas sim considerando as especificidades das “matrizes regionais e locais da identidade nacional” (Manique e Proença, 1994, p. 56). Cada região é detentora de uma grande diversidade patrimonial, um vasto património local que lhe dá “o seu carácter próprio, uma “alma” que faz muitas vezes o orgulho dos habitantes e atrai o visitante exterior” (Dower, 1998, citado por Alves, 2004, p.83). Dower defende ainda que os atores de desenvolvimento locais devem apostar neste orgulho e encorajar à continuação dos processos que levaram à construção deste Património.

Uma ideia corroborada por Proença (1990), ao afirmar que “ignorar a ideia de região e lidar com o território nacional é ignorar o ponto essencial da capacidade portuguesa de administrar as diferenças regionais e de consolidar as convergências em unidades viáveis”. É, pois, pela aproximação à “História local e regional [que se] evita o erro grosseiro de se considerar o nacional como um todo homogéneo, o que, em termos de investigação científica, produz uma perceção desfocada e distorcida da dinâmica das sociedades” (Manique e Proença, 1994, p. 25).

Moreira (1992) define identidade como sendo “um sentimento de pertença, uma mistura de possessão e de identificação face aos diversos elementos que constituem um determinado espaço” (p. 73). Pode-se então afirmar que a identidade estabelece uma ligação entre o indivíduo e o seu meio. Assim, e segundo Manique e Proença (1994) “uma identidade constrói-se a partir do conhecimento da forma como os grupos sociais de pertença viveram e se organizaram no passado, mas também da verificação da forma como se estruturaram para fazer face aos problemas do presente” (p. 24). Silva (2000) defende ainda que

o elemento determinante que define o conceito de património é a sua capacidade de representar simbolicamente uma identidade. E sendo os símbolos um veículo privilegiado de transmissão cultural, os seres humanos

mantêm através destes, estreitos vínculos com o passado. [. . .] O passado, dá-nos um sentido de identidade, de pertença e faz-nos conscientes da nossa continuidade como pessoas através do tempo. A nossa memória colectiva modelada pelo passar do tempo não é mais de que uma viagem através da história, revisitada e materializada no presente pelo legado material, símbolos particulares que reforçam o sentimento colectivo de identidade e que alimentam no ser humano a reconfortante sensação de permanência no tempo (p. 219).

"A identidade é, portanto, um conjunto de crenças e representações simbólicas que dão sentido ao conceito individual de cidadania" (Medeiros, 2002, p.98). Assim, o sentimento de pertença e o contacto constante com a comunidade envolvente levam a que se reconheça a importância do Património, bem como da sua preservação, fazendo cumprir as normas de protecção do Património, definidas na Lei n.º 13/85 de 6 de julho de 1999, como a obrigação do Estado e dos cidadãos em preservar, defender e valorizar o Património cultural.

5.2.2. O lugar do património local no currículo do 1.º CEB e na área disciplinar de Estudo do Meio

Tal como se consagra na Organização curricular e programas do 1º CEB [cf título], uma das funções da escola “desenvolver nos alunos a capacidade de investigação e leitura histórica, assim como atitudes de cidadania no que respeita à preservação do que constitui parte significativa do percurso social da sociedade portuguesa, ou seja “a noção de responsabilidade perante o ambiente, a sociedade e a cultura em que se inserem, compreendendo, gradualmente, o seu papel de agentes dinâmicos na realidade que os cerca” (ME, 2004, p. 102).

Deste modo, e por forma a que as aprendizagens sejam mais diversificadas e significativas é necessário que os alunos tenham acesso ao “contacto direto com o meio envolvente, e à realização de pequenas investigações e experiências na escola e na comunidade” (p. 102), já que segundo Roldão (citado por Dias e Hortas, 2004),

a necessidade de estudar o meio prende-se . . . com a necessidade de consciencializar a criança acerca da realidade em que vive, preparando-a para compreender e intervir nessa realidade. [Assim como], levar a criança a adquirir o sentido de relação homem/meio, e a compreender as suas

implicações nas vivências sociais, económicas e culturais dos indivíduos e das sociedades. (p. 40).

Também Ferreira, Martins, Hortas e Dias (2011) corroboram a importância da aproximação ao meio local e defendem como este pode ser um recurso fundamental para chegar à aprendizagem da história nacional:

“conhecer o Património, sobretudo o local é, em última instância, projetar uma maior consciência do que existe em termos de património nacional. . . . [Para além disso] a aprendizagem da História e da Geografia através da caracterização e conhecimento do meio local podem ser altamente motivadores, cabendo à localidade o papel de “espaço laboratorial” (Alves, 2006, p. 69) onde professor e aluno trabalham em conjunto sobre uma realidade que lhes está próxima. É mais fácil estruturar o pensamento histórico e geográfico dos alunos através da investigação de fenómenos locais, envolventes à Escola (Manique e Proença, 1994)” (p. 501).

Convém notar que também o Programa de Estudo do Meio do 1.º CEB está orientado por princípios. Num deles é referido que “o meio local, espaço vivido, deverá ser o objeto privilegiado de uma primeira aprendizagem metódica e sistemática” (p. 101). O que nos leva a concluir que a primeira abordagem deve ser sempre realizada do mais próximo para o mais distante, existindo assim um alargamento progressivo na complexidade dos conteúdos. Para Roldão (1995) a estruturação do programa de Estudo do Meio, por alargamento progressivo, parte do pensamento concreto, defendido por Piaget, que nos diz que a criança domina o raciocínio lógico traduzido em ações mentais que transformam a realidade. Assim, estas requerem o domínio de competências lógicas anteriormente inexistentes e a capacidade de o nível perceptível do conhecimento ao nível do conhecimento concreto, tendo por base as realidades observadas.

Este programa apresenta-se organizado em blocos, porém o bloco em que mais se desenvolve competências relacionadas com o Património local é o que diz respeito “À descoberta dos outros e das instituições” onde se sublinha a importância dos alunos reconhecerem os vestígios de outras épocas, uma vez que estes constituem fontes de informação que podem utilizar na reconstrução do passado. É então objetivo deste bloco o “desenvolvimento de atitudes de respeito pelo património histórico, sua conservação e valorização” (p. 110). A estrutura deste bloco remete, tal como referido anteriormente, para o alargamento progressivo, uma vez que tem início

no estudo do aluno, “vai alarga-se aos outros, primeiramente aos que lhe estão mais próximos e depois, progressivamente, aos mais distantes no tempo e no espaço” (p. 110). Assim sendo, inicia-se com a história da criança e da família, nos dois primeiros anos de ensino, depois com história da localidade, abordada no 3.º ano e por último com a história nacional, somente referida no último ano do 1.º CEB. Neste mesmo bloco, existem, claramente, objetivos específicos relacionados com o passado do meio local, isto é, com o ensino do Património local, referentes ao 3.º ano de escolaridade, a saber: a) identificar figuras da história local presentes na toponímia, estatuária e tradição oral, b) conhecer factos e datas importantes para a história local, c) conhecer vestígios do passado local (construções, costumes e tradições) e, por fim, d) reconhecer a importância do Património histórico local.

Importa então salientar que a História é uma área privilegiada para se efetuar a relação escola-meio, não sendo apenas utilizado o meio para estudar a História, mas também a História para estudar o meio.

5.2.3. As competências essenciais da História no 1.º CEB

Também o Currículo Nacional do Ensino Básico, que continua a orientar a prática de muitos professores, começa por sistematizar um conjunto de princípios e valores orientadores do currículo, dos quais se destacam: a) a construção e a tomada de consciência da identidade pessoal e social e b) a construção de uma consciência ecológica conducente à valorização e preservação do património natural e cultural (p. 15).

Neste documento identificam-se igualmente quais as competências específicas a desenvolver ao nível do Estudo do Meio: a) a localização no espaço e no tempo; b) o conhecimento do ambiente natural e social; e c) o dinamismo das inter-relações entre o natural e o social. Para a criação de alunos competentes ao nível do Estudo do Meio é necessário que as propostas realizadas pelos professores vão ao encontro dos objetivos específicos definidos. Assim, para a aquisição da primeira competência é necessário que as atividades promovam o reconhecimento e a identificação de datas e factos, a leitura de mapas e de plantas. Já para a competência relacionada com o ambiente natural e social é preciso que os alunos observem aspetos naturais e humanos do meio, através de atividades práticas e de trabalho de campo no meio envolvente. E para a aquisição da competência *o dinamismo das inter-relações entre o natural e o social* é necessário que os alunos sejam envolvidos em situações que

envolvam deslocções, localizações entre espaços, por forma a compreenderem a relação entre os espaços existentes no meio.

É ainda neste documento que se apontam as competências essenciais para a História: a) o tratamento da Informação / utilização de fontes; b) a compreensão histórica (nos domínios da temporalidade, espacialidade e contextualização); e c) a comunicação em História.

No que respeita à primeira competência específica enunciada é importante referir que esta é “parte integrante da construção do conhecimento histórico, o que torna como fundamental o modo como se interroga e trabalha a informação e a maneira como esse tratamento se consubstancia em discurso progressivamente fundamentado e estruturado” (Ministério da Educação, 2001, p. 89). Já a compreensão histórica refere-se às dimensões fundamentais do conhecimento em História, “que permita ao aluno compreender criticamente a sua realidade, mas também transformá-la através de uma participação consciente na vida da comunidade” (Ministério da Educação, 2001, p. 89). Por fim, a comunicação em História pode ser desenvolvida através da “redacção de textos (narrativos, sínteses, relatórios), utilizando o vocabulário específico, ordenando os conhecimentos, apresentando factos explicativos e relacionando dados históricos, recriando situações históricas sob a forma plástica e/ou dramática” (Moreira, 2011, p. 19).

Neste sentido, o professor deve explorar e promover atividades que permitam a aquisição destas competências, tendo em conta os objetivos gerais para elas definidos. Assim sendo, os objetivos específicos do tratamento de informação/utilização de fontes relacionam-se com a utilização de processos simples da realidade envolvente e a distinção e interpretação de diversas fontes de informação. Já para a contextualização (compreensão histórica) é necessário que os alunos realizem atividades de observação direta, através de imagens e visitas a locais ligados ao passado local. Por último, só é possível comunicar em história se foram promovidas aos alunos atividades onde possam ser utilizadas diferentes formas de comunicação (escrita e oral).

Ainda neste documento, está presente a ideia que um aluno é competente em História quando integra as noções de espaço e tempo em situações concretas, identifica alguns elementos relativos à História e Geografia de Portugal e reconhece e valoriza expressões do Património histórico e cultural próximo.

5.2.4. Metodologias de ensino do património local no 1.º CEB

Atualmente, as orientações metodológicas estão direcionadas para práticas que incentivem os alunos à participação nas atividades e que estimulem a sua autonomia num processo didático entre o saber (conhecimentos) e o saber-fazer (procedimentos). Neste sentido, é importante que a aprendizagem supere a lógica das atividades de repetição e pretenda o desenvolvimento de competências e atitudes mais do que a simples aquisição de conhecimento.

Ao longo dos anos têm sido vários os métodos que aparecem como que em reação ao ensino tradicional que para Félix (1998), é regido pela existência de uma memorização excessiva dos factos históricos e numa uma aprendizagem baseada na repetição. O professor é o centro deste método, o que coloca, inevitavelmente, o aluno em segundo plano, pois a avaliação destes apenas se baseia nos exercícios escritos, não dando importância às exposições orais dos alunos.

Em contrapartida, existe o *ensino por descoberta*, que segue um modelo didático que já não se centra no professor, uma vez que

a exposição do professor dá lugar a instrumentos de investigação, com os quais os alunos devem investigar o passado. [Então] o professor deixa de ser o transmissor para ser o organizador dos instrumentos que facilitam a aprendizagem dos alunos e a História deixa de ser algo recebido pelos alunos para passar a ser um conjunto de conhecimentos descobertos [por estes], mediante a atividade que realizam (Félix, 1998, p. 42).

a exposição do professor dá lugar a instrumentos de investigação, com os quais os alunos devem investigar o passado. [Então] o professor deixa de ser o transmissor para ser o organizador dos instrumentos que facilitam a aprendizagem dos alunos e a História deixa de ser algo recebido pelos alunos para passar a ser um conjunto de conhecimentos descobertos [por estes], mediante a atividade que realizam (Félix, 1998, p. 42).

São vários os autores que insistem nas vantagens da introdução de um ensino mais inovador, como garante de aprendizagens verdadeiramente significativas por parte dos alunos. Tais propostas alargam-se a todas as áreas disciplinares, incluindo o ensino da História em geral e do Património em particular. No entanto, estas novas abordagens necessitam de balizas sólidas. Porque deixar que sejam os alunos a conduzir, em exclusivo, o seu processo de aprendizagem pode facilmente compromê-lo. Para estas questões alertam Félix e Roldão (1996), que sugerem uma

mistura equilibrada entre o ensino tradicional e o ensino por descoberta, apostando em estratégias de ensino mais ativas, por um lado, mas salientando que estas não podem deixar de respeitar “a estrutura disciplinar da própria História” e “os processos psicológicos da aprendizagem”, por outro lado (p. 43). Posto o que foi dito, o que fará é precisamente não esquecer os benefícios do ensino tradicional, investindo em estratégias e atividades ativas (Telmo, 2000).

Telmo (2000) aponta um leque de atividades práticas para o ensino do Património Local. Estas podem e devem estar inseridas em projetos, uma vez que estes transmitem aos alunos a importância do respeito pelos valores do passado e também do presente. Para além disto, a autora ainda refere que os professores podem contribuir ativamente para o conhecimento e salvaguarda do Património local, não só junto dos seus alunos, mas também dos encarregados de educação e das entidades locais, realizando visitas de estudo, solicitando a vinda à escola de artesãos, fazendo entrevistas na comunidade, gravando as histórias ou cantares típicos da região, fazendo um inventário de todo o Património Local, entre outros.

Também Seabra (2012) sublinha que “as visitas [de estudo] são uma possibilidade de ampliação da formação académica e profissional para além do espaço escolar e, ao mesmo tempo, trazem para o quotidiano de formação múltiplas dimensões históricas, políticas e culturais” (p. 2). Da mesma opinião são Botelho e Chagas (2004) que defendem que esta estratégia tem um papel valioso no processo de ensino-aprendizagem, se cuidadosamente planeadas. Porque promovem aprendizagens e experiências em ambientes concretos e significativos, com uma motivação acrescida pelo facto de se estar diante de um ambiente novo, tendendo os alunos a revelar atitudes positivas em relação aos conteúdos abordados. Estes autores referem ainda que “as visitas de estudo, para além do carácter lúdico que possuem, também têm uma componente pedagógica de cariz muito forte. Permitem aos alunos presenciarem in loco os fenómenos, manipularem e recolherem materiais quando se trata de uma saída de campo” (p. 137).

De acordo com esta ideia está Venezuela (1985) (citado por Manique & Proença, 1994) que definiu que o processo de investigação de História local deve ser realizado por etapas. Assim sendo, o processo deve ter início no contacto com o tema, por parte dos alunos. Para tal, o docente deve disponibilizar informações sobre o assunto e orientar os alunos sobre as atividades a desenvolver, os meios disponíveis e os objetivos a alcançar. Concretizado o tema e definidas todas as regras

metodológicas, serão estabelecidos os prazos, as formas de trabalho e as atividades a realizar, de modo a desenvolverem não só um trabalho de pesquisa como também um trabalho que vá ao encontro dos conteúdos programáticos. No final do processo será elaborada uma síntese final construída pelos alunos, para que estes sejam os próprios construtores dos conhecimentos que adquiriram. Contudo, cabe ao professor assumir um papel de observador, mediador e dinamizador para que possa promover a autonomia aos alunos.

Apesar da investigação ser uma estratégia bastante relevante quando se fala em adquirir conhecimento histórico, existem ainda outras que são consideradas essenciais para este feito. De acordo com as ideias defendidas por O'Hara e O'Hara (2004), a utilização de materiais audiovisuais é uma dessas estratégias essenciais, por serem fontes de conhecimento bastante evidentes. No entanto, Aisenberg (2003) defende que a leitura de textos aquando da aprendizagem de conteúdos é extremamente importante, uma vez que existe uma articulação entre a interpretação do texto e os conhecimentos que o aluno já possui acerca do tema. Assim, a leitura tem, realmente, um papel bastante importante no ensino da História, pois esta não serve apenas para o aluno retirar informações novas e as armazenar, mas sim juntá-las ao seu leque de conhecimentos. Neste sentido, é importante que o professor dê um maior destaque à leitura de mapas e à sua construção, para além disto é também importante que haja momentos para a análise orientada de iconografia em pares e/ou em pequenos grupos.

5.3. Descrição e interpretação da intervenção relativamente ao tema em estudo

No decorrer da prática pedagógica foram implementadas, sempre que possível, atividades práticas referentes ao tema em estudo, estas incidiram essencialmente no trabalho investigativo, na exploração de imagens e na visita de estudo, uma vez que estas eram as melhores estratégias tendo em conta os objetivos definidos.

Tal como referido anteriormente foi realizada uma diagnose aos conhecimentos dos alunos sobre a temática do Património local. Após a análise dos resultados do questionário de diagnóstico, verificou-se que os alunos revelaram algumas dificuldades na identificação de alguns dos elementos mais significativos do seu Património local (Torre de Belém, Mosteiros dos Jerónimos, Jardim da Praça do

Império e Padrão dos Descobrimentos). Saliente-se que estes monumentos/espços foram selecionados pelo facto de estarem estritamente relacionados com os Descobrimentos (época e evocção) e, por este ser um tema que a professora titular queria privilegiar nas aulas dedicadas à História de Portugal. Assim verificou-se que nenhum dos alunos foi capaz de identificar o Jardim da Praça do Império e que metade da turma reconheceu a Torre de Belém (Anexo N, p. 89).

No que respeita às datas de construção destes espaços constatou-se que a maioria dos alunos identificou o período dos Descobrimentos como sendo a altura da construção de todos estes espaços, talvez pelo facto de estarem, naquela altura, a abordar este período da História portuguesa. Assim sendo, cerca de metade da turma identifica este período como a data de construção do Jardim da Praça do Império, e mais de metade dos alunos admite que a Torre de Belém, o Padrão dos Descobrimentos e o Mosteiro dos Jerónimos foram construídos nesta época.

Relativamente ao reconhecimento da função inicial destes monumentos/espços verificou-se que apenas um aluno foi capaz de identificar a razão da construção da Torre de Belém. É ainda de referir que não houve discentes que identificassem a função atual de qualquer um dos espaços/monumentos, nem se a função inicial se mantinha no presente.

Após a diagnose, as atividades propostas incidiram no trabalho investigativo. Foi distribuído aos alunos um documento que servia de guião da pesquisa (Anexo O, p. 95). Uma vez que não existia um computador na sala foram fornecidos aos alunos textos informativos sobre cada um dos monumentos/espços em estudo (Anexo P, p. 111). No entanto, durante uma aula de Tecnologias da Informação e de Comunicação, os alunos tiveram a oportunidade de pesquisar imagens sobre o tema do seu trabalho investigativo. Note-se que esta recolha de imagens foi feita de acordo com um critério previamente estabelecido, visto que deviam recolher imagens do monumento/espço em diferentes épocas (período dos Descobrimentos, século XIX, no período do Estado Novo e anos 90), por forma a que se apercebessem da evolução no tempo e no espaço. Estas pesquisas permitiram que os alunos adquirissem competências relacionadas com o tratamento de informação/utilização de fontes, pois permitiu-lhes que pesquisassem em diversas fontes e que tratassem a informação recolhida.

De seguida, foram realizados os itinerários pedagógicos da visita de estudo a Belém (Anexo Q, p. 125). Para tal, foram consultadas as informações recolhidas no guião de pesquisa. Neste itinerário, cada grupo, apresentava a história do

monumento/espço que havia estudado, de modo a servir de guia aquando da visita de estudo.

Foram ainda construídos pelos alunos alguns cartazes de apresentação do trabalho desenvolvido (Anexo R, p. 132). Após a sua elaboração, os cartazes foram apresentados a outra turma do 3.º ano e expostos, por forma a comunicar os resultados obtidos no projeto.

Por fim, realizou-se a visita de estudo a Belém, onde os alunos tiveram a oportunidade de conhecer os monumentos/espços que trabalharam e de apresentar o itinerário pedagógico, revelando assim as aprendizagens realizadas ao longo do projeto.

Saliente-se que as últimas atividades aqui descritas concorrem para a aquisição de duas competências essenciais da História, a compreensão histórica e a comunicação em História, pois através destas propostas os alunos desenvolveram a sua comunicação utilizando diferentes formas (escrita e oral), enriqueceram a comunicação através da utilização de materiais iconográficos, visitaram locais ligados à História local, localizaram factos e datas importantes da História local e, ainda construíram itinerários (Anexo S, p. 134)

Após o período de intervenção foi realizado novamente o questionário, de modo a aferir se os alunos tinham ou não realizado aprendizagens significativas e adquirido competências essenciais ao nível da História. Assim sendo, este questionário evidenciou uma alteração substancial do cenário inicial (Anexo T, p. 135). A totalidade dos alunos foi então capaz de identificar e legendar corretamente os monumentos/espços trabalhados ao longo do projeto, registando-se que apenas 11% dos alunos manifestou dificuldades na datação da sua construção. Quanto à funcionalidade dos mesmos, 17% continuou a ser incapaz de a descrever corretamente, mas somente 5% dos alunos evidenciou dificuldades em compreender que existem espços a manter idênticas funções à da data da sua construção e outros que têm atualmente funções distintas das iniciais.

Por forma, a que estes dados se tornem mais evidentes foi construída a tabela 5 que sintetiza e permite comparar os resultados obtidos na avaliação pré-intervenção e na avaliação pós-intervenção..

Tabela 7

Resultados dos questionários (pré-intervenção e pós-intervenção)

Questões	Frequência relativa	
	Pré-teste	Pós-teste
1. Identifica e legenda as seguintes figuras:		
Torre de Belém	52%	100%
Mosteiro dos Jerónimos	29%	100%
Padrão dos Descobrimentos	18%	100%
Jardim da Praça do Império	0%	100%
2.1. Identifica o período de construção de cada um dos seguintes espaços:		
Torre de Belém	70%	100%
Mosteiro dos Jerónimos	29%	94%
Padrão dos Descobrimentos	18%	94%
Jardim da Praça do Império	47%	100%
2.2. Sabes para que foi construído este espaço?		
Torre de Belém	6%	94%
Mosteiro dos Jerónimos	0%	82%
Padrão dos Descobrimentos	0%	82%
Jardim da Praça do Império	0%	82%
3. Já viste ou visitaste algum destes espaços?		
Torre de Belém	76%	100%
Mosteiro dos Jerónimos	65%	76%
Padrão dos Descobrimentos	100%	100%
Jardim da Praça do Império	59%	82%
4. Pensas que estes espaços têm hoje a mesma função que tinham quando foram construídos?		
	6%	94%

6. ANÁLISE DE RESULTADOS: AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS E DO PLANO DE INTERVENÇÃO

6.1. Avaliação das aprendizagens dos alunos

A avaliação das aprendizagens dos alunos é um fator essencial, pois é esta que permite ao professor conhecer o seu aluno, orientá-lo de acordo com as suas potencialidades e fragilidades e, ainda, orientar as suas aprendizagens, tornando-as mais significativas. Deste modo, a avaliação é o principal instrumento de regulação de trabalho do professor e do aluno, através de diferentes instrumentos de avaliação (Morgado, 2004). Para além disto, a avaliação revela-se fundamental para o trabalho de sala de aula e para o seu planeamento, pois não só permite ao docente observar as aprendizagens adquiridas pelos alunos no decorrer da sua prática pedagógica, como compreender se os objetivos gerais definidos foram ou não alcançados.

Neste seguimento, é possível afirmar que esta etapa é totalmente imprescindível para melhorar o trabalho a desenvolver, pois só através da avaliação das ações realizadas é possível determinar as mudanças necessárias para o melhoramento da intervenção pedagógica (Santos Guerra citado por Ferreira, 2007).

Saliente-se que na prática de pedagógica integraram-se diferentes modalidades de avaliação, a diagnóstica, a formativa e a sumativa. Primeiramente a avaliação diagnóstica, que é, por norma, realizada no início do ano letivo, de modo a que os professores tomem consciência das competências de cada aluno, para que se possa promover uma aprendizagem diversificada, de acordo com as necessidades de cada um dos seus alunos. Já a avaliação formativa é a principal modalidade de avaliação do ensino básico, tendo um carácter contínuo e sistemático. Esta modalidade de avaliação fornece, a todos os intervenientes, informação sobre o desenvolvimento das competências, de modo a melhorar os processos de trabalho. Por último, a avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo global sobre as aprendizagens e competências adquiridas pelos discentes.

Neste sentido, a análise das aprendizagens dos alunos foi realizada através da comparação entre as fragilidades e as potencialidades detetadas antes e no final da intervenção. As técnicas e os instrumentos da avaliação diagnóstica basearam-se na observação direta, em conversas informais com a professora e, ainda no preenchimento de grelhas de registo. Já para a avaliação formativa foram realizadas conversas informais com os alunos, avaliadas as atividades realizadas na sala de aula

e o plano individual de trabalho. Neste documento é esperado que os alunos identifiquem as suas maiores fragilidades, para que posteriormente realizem atividades com o intuito das colmatar. Por fim, para a avaliação sumativa foi tido em conta todo o processo de aprendizagem dos alunos e o preenchimento das grelhas de avaliação das competências adquiridas. Importa referir que as grelhas que serviram de base à avaliação diagnóstica foram novamente preenchidas no final da intervenção, de modo a que fosse possível compreender a evolução dos alunos em determinados indicadores.

Concluindo, foi de extrema importância que a avaliação realizada no decorrer da implementação do PI não se confinasse “. . . à verificação da aprendizagem feita pelos/as alunos/as e à atribuição da respetiva classificação ignorando todos os outros elementos e momentos do projeto” (Leite, 2003, p.51). Assim, o pretendido era que os alunos tomassem consciência das suas dificuldades, que as reconhecessem e que corrigissem os seus erros e falhas, assim como tomassem consciência das aprendizagens realizadas. Para além disto, era também pretendido que o professor compreendesse as dificuldades e interesses dos seus alunos e alterasse as suas metodologias de abordagem, por forma a promover aprendizagens mais significativas.

6.1.1. Português

Da análise realizada aos indicadores de avaliação da área disciplinar de português, constatou-se uma melhoria em alguns dos aspetos avaliados aquando da diagnose (Anexo U, p. 138).

No que respeita à competência da Expressão e Compreensão do Oral, verificou-se que a grande maioria dos alunos continuou a compreender o essencial do que ouvia e a expressar-se corretamente.

Relativamente à leitura, os alunos que apresentaram dificuldades na leitura sem hesitações melhoraram bastante, porém três desses alunos continuaram com alguns problemas em expressar algumas palavras mais complexas.

Quanto à escrita e, uma vez que o primeiro objetivo geral, *desenvolver competências de escrita, considerando as suas diversas funções*, está diretamente relacionado com esta competência, importa realizar uma avaliação mais pormenorizada. Assim sendo, constatou-se que após a implementação da rotina da escrita criativa houve uma evolução dos alunos ao nível da extensão e da estrutura do

texto, assim como da utilização dos sinais de pontuação e uma diminuição dos erros ortográficos. Assistiu-se ainda, a uma melhoria significativa no que respeita ao indicador da planificação de texto.

No que diz respeito ao CEL, constatou-se que os alunos continuaram sem apresentar fragilidades, contudo no indicador “explícita as regras de pontuação” foi notória a evolução destes, pois nenhum dos alunos revelou dificuldades ao contrário do que acontecia na avaliação diagnóstica.

6.1.2. Matemática

No decorrer da avaliação diagnóstica compreendeu-se que os alunos tinham um vasto leque de competências adquiridas nesta área disciplinar, não sendo possível identificar fragilidades gerais, uma vez que apenas um aluno apresentou algumas dificuldades na divisão e na numeração romana. Assim sendo, durante a intervenção, nomeadamente no TEA foi realizado trabalho individualizado com o aluno, de modo a que este colmatasse as suas fragilidades. Talvez por esta razão, o aluno apresente hoje um melhor desempenho nestes dois indicadores de avaliação (Anexo V, p. 141).

Durante a prática pedagógica o trabalho realizado nesta área foi mais direcionado para as competências de Análise, Organização e Tratamento de Dados. Desta forma, verificou-se que a turma era capaz, no final da intervenção, de analisar e tratar dados sem apresentar dificuldades.

6.1.3. Estudo do Meio

Nesta área disciplinar afere-se que os alunos não apresentam muitas fragilidades ao nível das competências. Parece-me então pertinente realizar uma comparação de resultados no que às competências essenciais da história diz respeito, visto que o estudo de investigação se realizou neste âmbito (Anexo W, p.143).

Assim sendo, constatou-se que existiu uma grande evolução, visto que, ao contrário do que acontecia na avaliação diagnóstica, todos os alunos localizam e identificam factos e datas importantes da História local, assim como são capazes de pesquisar utilizando diversas fontes. Tendo assim adquirindo as competências essenciais relacionadas com a pesquisa de informação e com a compreensão histórica. Relativamente à comunicação em história, verificou-se que os alunos utilizam diferentes formas de comunicação, descrevendo acontecimentos da História

local.

Importa referir que esta área foi privilegiada na concretização do segundo objetivo geral *desenvolver a apropriação de técnicas de pesquisa, organização e tratamento de dados e informação*, visto que as atividades propostas para que os alunos se apropriassem de técnicas de pesquisa foram no âmbito do Património local. Para além disto, constatou-se ainda que os alunos compreendem o que é o Património Local, bem como a sua importância. Tal se deve ao facto de se ter realizado um projeto sobre o Património Local, a partir do qual os alunos efetuaram pesquisas, de modo a conhecerem mais sobre diversos espaços existentes em Belém, realizaram uma visita de estudo e, ainda apresentaram as informações recolhidas.

Aquando da abordagem de competências inerentes ao sistema solar, não se verificou quaisquer fragilidades. Tal pode ter acontecido pelo facto de se ter realizado um projeto sobre os astros, envolvendo a elaboração de maquetas do sistema solar.

6.1.4. Expressão e Educação Físico Motora, Plástica, Musical e Dramática

Relativamente às áreas dedicadas às expressões artísticas e físico-motoras não é possível estabelecer uma comparação de resultados, uma vez que, como referido anteriormente, estas áreas eram lecionadas por professores especializados.

Assim sendo, é de referir que foi da nossa competência lecionar uma aula de cada uma destas áreas, no entanto tornou-se impossível fazê-lo em Expressão e Educação Musical devido a alguns imprevistos que surgiram.

No que respeita à Expressão e Educação Plástica verificou-se que a generalidade dos alunos era dotada de competências relacionadas com o desenho e com a pintura aquando da construção da maqueta do sistema solar.

Já na Expressão e Educação Dramática constatou-se que apenas um aluno apresentou dificuldades na sua relação com o espaço e com os outros, não conseguindo movimentar-se de forma livre e pessoal, nem realizar improvisações.

Por último, na Expressão e Educação Físico-Motora apenas foi possível avaliar o bloco que diz respeito aos jogos e neste os alunos não apresentaram qualquer dificuldade, pois já estavam bastante familiarizados com as atividades em equipa e na execução de diferentes jogos.

6.1.5. Competências sociais

No que concerne à avaliação realizada para aferir competências sociais adquiridas pelos alunos, é possível afirmar que estes melhoraram o seu desempenho em variados indicadores (Anexo X, p. 146). Neste sentido, verificou-se que no geral são alunos bastante cooperativos, autónomos e participativos, existindo poucos elementos que continuam a apresentar algumas dificuldades nestes indicadores. Assim, é possível afirmar que existiu uma melhoria significativa.

Saliente-se ainda que o bloco da cooperação sofreu grandes alterações, talvez pelo facto de se promover, sistematicamente, o trabalho cooperativo entre os elementos da turma.

6.2. Avaliação do PI

Posto isto, e com base na análise das grelhas de registo da consecução dos objetivos gerais do PI (Anexo Y, p. 148) ao longo das semanas da prática pedagógica foi possível aferir que os objetivos gerais definidos foram adequados e que permitiram que os alunos realizassem aprendizagens significativas.

Relativamente ao primeiro objetivo geral - **Desenvolver competências de escrita, considerando as suas diversas funções** – foram criados nove indicadores de avaliação, sendo estes os seguintes: escreve por iniciativa própria, faz o planeamento do seu texto, antes de iniciar a escrita; cria pequenos textos com introdução, desenvolvimento e conclusão; trabalha um texto, amplificando-o através da coordenação de nomes, de adjetivos e de verbos; escreve diálogos, contendo a fase de abertura, a fase de interação e a fase de fecho; usa o vocabulário adequado; verifica se o texto contém as ideias previamente definidas; verifica a adequação do vocabulário usado e identifica e corrige erros ortográficos que o texto contenha.

No que respeita aos indicadores *faz o planeamento do seu texto antes de iniciar a escrita e verifica se o texto contém as ideias previamente definidas e verifica a adequação do vocabulário usado* foi notória a evolução dos alunos, tendo em conta que na avaliação inicial a turma apresentou dificuldades no cumprimento destes indicadores e aquando da avaliação final praticamente todos os discentes os cumpriram sem dificuldade. É ainda de referir que nos restantes indicadores também foi visível uma evolução, pois atualmente nenhum dos alunos apresenta dificuldades na concretização dos mesmos.

Assim sendo, após esta análise pode-se afirmar, uma vez mais, que este objetivo foi adequando ao contexto interventivo e que os alunos adquiriram

competências de escrita, tal é visível através da análise dos textos iniciais e finais dos mesmos.

Por último, para o segundo objetivo - **Desenvolver a apropriação de técnicas de pesquisa, organização e tratamento de dados e informação** – conceberam-se onze indicadores de avaliação, tratando-se dos seguintes: constrói conhecimentos pesquisando e selecionando fontes; reconhece a função de fontes de informação, pesquisa informação em diferentes fontes, compara as fontes com diferentes mensagens, identificando alguns aspetos consensuais e divergentes; organiza a informação com critérios de classificação diversificados; seleciona informação segundo o tema central da pesquisa; identifica a informação essencial; analisa o material de pesquisa; organiza as suas conclusões em textos ou a partir da representação em tabelas, diagramas ou gráficos; realiza inferências válidas; exprime uma opinião crítica a respeito do tema pesquisado.

É importante começar por afirmar que em todos os indicadores existiu uma evolução significativa das aprendizagens dos alunos, todavia existem indicadores em que esse progresso foi mais evidente como é o caso dos seguintes *reconhece a função de fontes de informação; pesquisa informação em diferentes fontes; compara as fontes com diferentes mensagens, identificando alguns aspetos consensuais e divergentes* e ainda, *realiza inferências válidas*. Aquando da avaliação inicial nenhum dos alunos era capaz de os cumprir estes indicadores, atualmente é possível afirmar que todos conseguem cumpri-los, contudo alguns deles ainda apresentam algumas dificuldades em fazê-lo. O facto deste objetivo ter significado uma evolução nas aprendizagens dos discentes deveu-se à implementação do projeto relacionado com o Património local, uma vez que para a realização deste foi necessário que os alunos realizassem pesquisas em diferentes suportes, identificassem as fontes de informação e retirassem conclusões das informações recolhidas, só assim se tornou possível a elaboração do itinerário pedagógico para a visita de estudo, onde os alunos tiveram a oportunidade de dar a conhecer o seu projeto aos restantes colegas.

Por forma a concluir, é possível garantir que, no cômputo geral, a consecução dos objetivos foi bem sucedida, pois os alunos revelaram um progresso no seu desempenho e nas suas aprendizagens ao longo da implementação do PI. Todavia, é importante salientar que esta foi uma análise qualitativa e que por isso pode revelar alguma subjetividade.

CONCLUSÕES

Por forma a concluir o presente relatório importa tecer algumas considerações finais sobre a intervenção pedagógica realizada e aqui evidenciada e a temática investigada. É este processo auto reflexivo que serve como elemento regulador do processo educativo, permitindo reconhecer as suas debilidades e potencialidades e informar as futuras práticas, bem como clarificar qual o seu contributo para o meu percurso formativo.

Um aspeto positivo a sinalizar prende-se com o contexto socioeducativo em que tive a oportunidade de intervir. Este foi bastante enriquecedor e desafiante e permitiu-me propor e abordar um vasto conjunto de atividades e estratégias mais inovadoras, ao contrário do que tinha acontecido em intervenções anteriores. Estas estratégias e atividades foram concebidas com o intuito de desenvolver competências específicas nos alunos, através dos princípios orientadores do PI. Resta-me assim dizer que estes foram, claramente, alcançados, visto que os alunos mostraram-se bastante interessados em aprender e explorar conteúdos que ainda não tinham abordado

No que respeita aos aspetos positivos da minha intervenção, penso que a relação entre mim e a turma na qual decorreu a prática pedagógica foi muito positiva, uma vez que todos os elementos que constam deste grupo me receberam muito bem. Posso então afirmar que, toda a turma se mostrou entusiasmada com a nossa presença, tentando sempre integrar-nos no seio do seu grupo, por forma a partilharem connosco todas as suas potencialidades, bem como as suas fragilidades. Assim sendo, é de extrema importância enunciar que em altura alguma os alunos se mostraram descontentes ou até mesmo desconfortáveis com a nossa presença.

Como um ponto forte posso ainda salientar a construção de materiais, estes permitem aos alunos compreender melhor determinados conteúdos, nomeadamente conteúdos matemáticos que, por vezes, são complicados de adquirir se o aluno não tiver a oportunidade de utilizar materiais manipuláveis. Este foi, sem dúvida, um dos aspetos em que notei uma grande evolução na minha prestação, pois em intervenções anteriores não fui capaz de compreender a importância que os materiais têm para a compreensão de determinados conteúdos e, por essa razão não me dediquei o suficiente a este aspeto, assim senti a necessidade de nesta intervenção trabalhar mais esta minha falha e perceber realmente a importância da utilização de materiais

manipuláveis aquando da abordagem a novos conteúdos. Para além da utilização de materiais também tentei, sempre que possível, realizar atividades mais dinâmicas e práticas, por forma a que os alunos tivessem a oportunidade de aprender fazendo, isto é, a oportunidade de experienciar diferentes formas de abordar um determinado tema.

No entanto, nem tudo correu da melhor maneira, durante a minha intervenção senti que, por vezes, permitia a existência de um determinado barulho de fundo, ou seja, em algumas ocasiões, enquanto trabalhava com os alunos permitia que alguns deles conversassem. É de referir que na maioria das vezes nem sequer me apercebia e por essa razão não os repreendia. Porém, tenho agora consciência de que este barulho, que às vezes se fazia sentir durante o período de trabalho, tenha sido prejudicial para alguns alunos com maiores dificuldades de concentração.

Ao longo deste percurso, posso afirmar que os pontos fortes, bem como os pontos fracos concorreram diretamente para a minha aprendizagem

Quanto à problemática apresentada neste relatório: *o património local como recurso para o desenvolvimento de competências essenciais da História no 1.º ciclo*, esta emergiu, essencialmente da identificação das potencialidades e das fragilidades da turma, bem como do meu interesse em compreender como pode ser abordado o Património local e que benefícios é que esta abordagem pode ter na aquisição das competências específicas da História. É ainda de referir que para a abordagem a este tema assumi que a promoção de atividades e estratégias mais práticas, como o trabalho investigativo, a exploração de imagens e visita de estudo iria beneficiar as aprendizagens dos alunos, tanto na História, como nas demais áreas disciplinares.

A implementação destas atividades de carácter mais prático permitiram também desenvolver competências comunicativas, bastante importantes para quotidiano dos alunos e para as diferentes áreas disciplinares. Note-se que esta competência foi estimulada através de vários momentos destinados à partilha, tanto em pequeno, como em grande grupo, em que os alunos apresentavam e confrontavam resultados obtidos através do trabalho desenvolvido. Saliento também o facto dos alunos com maiores dificuldades de aprendizagem se terem envolvido em todas as atividades propostas, não se coibindo de dar a sua opinião e ajudar a elaborar os trabalhos de grupo.

Por tudo o que foi dito neste relatório e defendido por vários autores mobilizados na construção do mesmo, posso afirmar que o ensino do Património é um excelente ponto de partida para a aquisição das competências essenciais da História e

que a utilização das atividades práticas promove a aquisição de conhecimentos, de competências e de aprendizagens bastante significativas para os alunos.

Após o término desta intervenção passei a ter uma maior noção de que os professores têm um papel fulcral na promoção da educação e da sua qualidade, e por esta mesma razão devem assumir que a aprendizagem somente acontece se existir troca de saberes entre si e os seus alunos, por forma a que o seu trabalho valorize também os conhecimentos do aluno. Esta busca constante de experiências fará com que o processo de aprendizagem seja mais significativo para o aluno, tendo sempre em atenção as suas vivências, de modo a que não se sinta descontextualizado e tenha interesse em aprender cada vez mais e talvez mesmo em mudar comportamentos e atitudes.

Por tudo isto, estou consciente de que a minha intervenção não foi perfeita, no entanto penso que também não era esse o objetivo desta prática, mas sim dar-me a conhecer de uma forma mais profunda este contexto de que em breve farei parte. Prática esta que me veio mostrar que muitos serão os obstáculos que tenho de enfrentar aquando do início da minha carreira, principalmente no que diz respeito à implementação e cumprimento das regras de sala de aula. O facto de ter tido esta experiência deu-me a oportunidade de criar uma noção mais clara do quotidiano de um professor, bem como de todo o ato pedagógico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, A. (2000). *As relações entre pares em idade escolar*. Braga: Universidade Do Minho.

Aisenberg, B. (2005). *Una aproximación a la relación entre la lectura y el aprendizaje de la Historia*. *Revista Íber*, 43 (1).

Alves, J. (2004). *Património rural, turismo e desenvolvimento local: As aldeias históricas como produto turístico*. *Revista Aprender*, 1 (29), 80-96.

Beane, J. A. (2003). *Integração curricular: a essência de uma escola democrática*. *Currículo sem Fronteiras*, v.3, n.2, pp. 91-110.

Botelho, A. & Chagas, I. (2004). *Visitas de estudo virtuais: Efeitos no processo de Ensino Aprendizagem das Ciências Naturais*. In: J. Pêrez, J. Pulido, M. Rodriguez, B. Manjón, e J. Rodriguez (Eds), *Avances en Informática Educativa* (pp.54-58). Cáceres: Universidade da Estremadura.

Correia, M. (2013). *Trabalho laboratorial no 1.º ciclo do ensino básico. Conceções e práticas de professores*. Instituto de educação da universidade de Lisboa.

Coutinho, C. (2013). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática*. Almedina.

Cox, K. & Hughes, P. (1998). *History and Children's Fiction*. In Hoodles, P. (Eds.), *History and English in the Primary School: Exploiting the Links*. New York: Routledge.

Custódio, M. (2009). *A Relação Escola-Museu: Contributo para uma Didáctica do Património*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Currículo Nacional do Ensino Básico – *Competências Essenciais* (s.d.). Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.

Dias, A. & Hortas, M. J. (2004). *Metodologias das Ciências Sociais a história, a geografia, o estudo do meio*. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.

De Ketele, J., & Roegiers, X. (1993). *Metodologia da recolha de dados*. Lisboa: Instituto Piaget.

Despacho normativo n.º 24A/12 de 6 de dezembro. Diário da República n.º 236/12 – II Série A. Ministério da Educação e Ciência, Lisboa.

Félix, N. (1998). *A História na Educação Básica*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

Ferreira, C. A. (2007). *A Avaliação no Quotidiano da Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.

Ferreira, N., Martins, C., Hortas, M. J. & Dias, A. (2011). *Do Património Local Ao Currículo Nacional: Análise De Projetos No Âmbito Das Metodologias De Ensino De História e Geografia Para o 1º e 2º CEB*. Gonçalves, Carolina & Tomás, Catarina (orgs.). Actas do V Encontro do CIED, Escola e Comunidade, CIED, pp 499-512

Font, C. (org). (2007). *Estratégias de Ensino e Aprendizagem*. Porto: ASA Editores.

Fontes, A., & Freixo, O. (2004). *Vygotsky e a Aprendizagem Cooperativa*. Lisboa: Livros Horizonte.

Freitas, M. & Solé, M. (2003). *O uso da narrativa nos estudos sociais*. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 10 (8), 216-230.

Gaspar, M. (s/d). *Património Histórico no 1o Ciclo do Ensino Básico*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Halbwachs, M. (1997). *La Mémoire Collective*. Paris: Albim Mitchel.

Heacox, D. (2006). *Diferenciação curricular na sala de aula - Como efectuar alterações curriculares para todos os alunos*. Porto: Porto Editora.

Lei n.º 13/85 de 6 de julho. *Diário da República n.º 153/85* – I Série A. Assembleia da República, Lisboa.

Lei n.º 46/86 de 14 de outubro. *Diário da República n.º 237/86* – I Série A. Assembleia da República, Lisboa.

Leite, C. (2003). *Projetos curriculares de escola e de turma*. Porto: Edições ASA.

Manique, A. & Proença, M. (1994). *Didáctica da História Património e História Local*. Lisboa: Texto Editora.

ME/DEB (2004). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico - 1.º Ciclo*. (4.ª ed) Lisboa: Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica. Morgado, J. (2004). *Qualidade na Educação – Um desafio para os professores*. Lisboa: Porto Editora.

Medeiros, A. J. (2012). *Ideias e Práticas da Cidadania*. União: Cermo.

Monteiro, M. (1995) *Intercâmbios e Visitas de Estudo* in *Novas Metodologias em Educação*. Porto: Porto Editora, pp. 171-197.

Moreira, C. (2011). *A webquest na aprendizagem da história e da geografia*. Faculdade de Letras do Porto: Porto.

Moreira, F. (1992). *Tourisme, musées et identités locales*. Cadernos do MINOM, 2. Lisboa.

Moreira, J. (2006). *Educação para o Património Cultural*. O exemplo de Machico. Câmara Municipal de Machico.

Niza, S. (coord.). (1998). *Criar o Gosto pela Escrita - Formação de Professores*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

Niza, I., Segura, J. & Mota, I. (2011). *Escrita - Guião de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação. Direção - Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Oliveira, M. (2008). *As Visitas de Estudo e o ensino e a aprendizagem das Ciências Físico- Químicas: um estudo sobre concepções e práticas de professores e alunos*. Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

O'hara, L. & O'Hara, M. (2004). *Teaching History: The Essencial Guide*. London: Continuum International Publishing Group.

Pagés, A., Batllori, R., Canals, R., González, N., Jesús, G., Henríquez, R., et al. (s/d). *Didáctica des Conocimiento del Medio Social y Cultural en la Educacion Primaria*. Ciencias Sociales para aprender, pensar y actuar. Editorial Sintesis.

Pereira, L. (2008). *Escrever com as crianças – Como fazer bons leitores e escritores*. Porto: Porto Editora.

Pires, M. S. (2010). *Aceitação-rejeição parental percebida e ajustamento psicológico e académico da criança*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Proença, M. (1990). *Ensinar / Aprender História: Questões de didáctica aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte.

Projeto Educativo do Agrupamento. (2012 – 2016). Manuscrito não publicado.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Roldão, M. (s.d.). *O que é a Diferenciação Pedagógica: Diferenciação curricular na sala de aula*.

Roldão, M. (1995). *O Estudo do Meio no 1.º Ciclo Fundamentos e Estratégias*. Lisboa: Texto Editora.

Roldão e Félix (1996). *Dimensões Formativas de Disciplinas do Ensino Básico - História*. Lisboa: Instituto da Inovação Educacional.

Sá, L. (2001). *Pedagogia diferenciada - Uma forma de aprender a aprender*. Porto: CRIAPASA.

Santos, C. (2014). *Didática da História: estratégias para a aprendizagem da no 1.º ciclo do ensino básico*. (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Viseu, Viseu). Consultada em <http://hdl.handle.net/10400.19/2035>

Seabra, E. (2012). *Visitas de estudantes a museus: formação histórica, património e memória*. Tese de doutoramento. Campinas, São Paulo.

Silva, E. (2000). *Património e Identidade. Os Desafios do Turismo Cultural*. *Revista Antropológicas*, 1 (4), 217-224.

Silva, M. (2005). *Projetos e aprendizagens. 2.º Encontro de Educadores de Infância e Professores de 1.º Ciclo*. Porto: Areal Editores.

Sim-Sim I., Duarte, I. & Ferraz, M. J. (1997). *A Língua Materna na educação básica: Competências nucleares e níveis de desempenho*. 1ª edição, Departamento de Educação Básica do Ministério da Educação. Lisboa.

Sousa, M. & Baptista, C. (2011). *Como fazer: Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios - segundo Bolonha*. Lisboa: Lidel.

Sousa, O. & Cardoso, A. (2010). *Desenvolver Competências em Língua: percursos didácticos*. Lisboa: Edições Colibri / CIED.

Telmo, I. (2000). *O Património e a Escola Do passado ao futuro*. Lisboa: Texto Editora.

Woolnough, B. (2000). *Appropriate Practical Work for School Science – Making It Practical and Making It Science*. In J. Minstrell & E. Van Zele (Eds.). *Inquiring into Inquiry learning in Teaching in Science*. (pp.434-446). Washington, DC: American Association for the Advancement of Science

ANEXOS

ANEXO A

Tabela A1

Recursos humanos da escola/departamentos curriculares

Alunos do Jardim de Infância	110
Alunos do 1.º ciclo	230
Alunos do 2.º ciclo	150
Alunos do 3.º ciclo	85
Alunos com NEE	60
Pessoal docente	57
Jardim de Infância	9
1.º Ciclo	14
Línguas e ciências sociais e humanas	13
Matemática, ciências e ITIC	9
Artes	6
Educação física	3
Educação especial	3
Pessoal não docente	41
Dispensário médico	4
Técnicos	8
Serviços administrativos e gerais	29

ANEXO B

Tabela B1
Espaços e recursos materiais da escola

Salas de aula	39
Sala multimédia (onde há TIC, para uso dos alunos)	2
Sala de Apoio Braille	2
Sala de Educação Especial	1
Ginásio	2
Laboratórios	2
Biblioteca/Centro de Recursos	1
Sala da coordenação	1
Sala de Professores	2
Sala de Assistentes Operacionais	2
Secretaria	1
Gabinetes Médicos	2
Sala de Terapia Ocupacional	1
Sala de Atendimento aos Pais	1
Refeitório	1
Bar	1
Reprografia	1
Wc	24
Quinta pedagógica	1
Salão de Jogos	1
Campo de Jogos	2
Parque Infantil	1

ANEXO C

Tabela C1

Caracterização dos alunos da turma

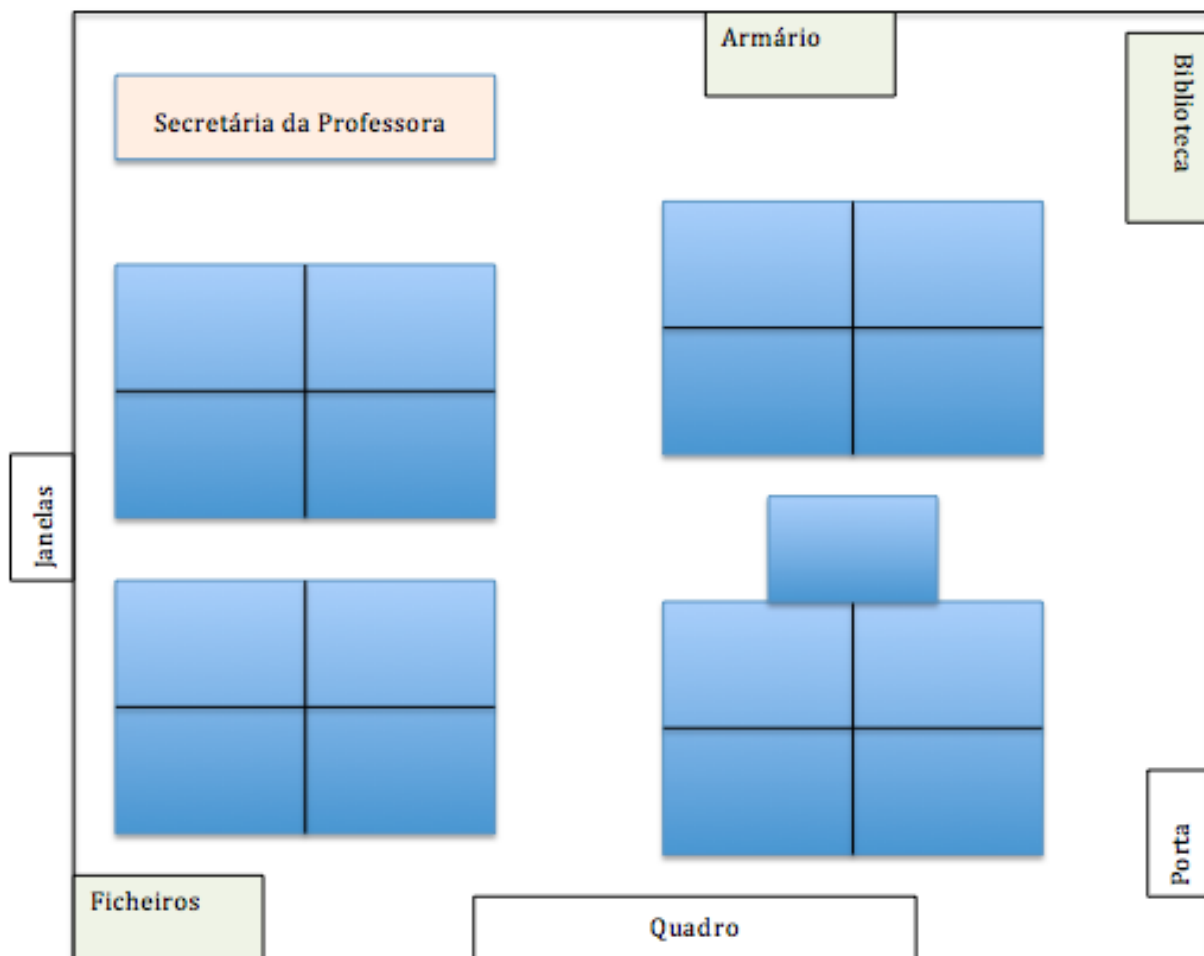
N.º	Nome	Nacionalidade	Freguesia	Nascimento	Idade	Frequência no JI	AE C	Com quem reside	N.º de irmãos	EE	Habilitações do EE	Profissão do EE	Situação Profissional do EE
1	Afonso	Portuguesa	Linda-a-Velha	11-08-2006	8	Sim	Sim	Pais e irmão	1	Pai	Licenciatura	Advogado	Empregado
2	André	Portuguesa	Alfragide	26-11-2005	9	Sim	Sim	Pais e irmã	1	Mãe	Licenciatura	N/S	Empregado
3	Carolina	Portuguesa	Restelo	15-09-2006	8	Sim	Sim	Pais	0	Mãe	Licenciatura	Veterinária	Empregado
4	Diogo R.	Portuguesa	Telheiras	15-12-2005	9	Sim	Sim	Pais e irmão	1	Mãe	Mestrado	Terapeuta da fala	Empregado
5	Diogo G.	Portuguesa	Alfragide	18-12-2006	8	Sim	Não	Pais e irmã	1	Mãe	12.º ano	Escriturária	Empregado
6	Duarte	Portuguesa	Algés	30-10-2006	8	Sim	Não	Pais e avó	0	Mãe	9.º ano	Escriturária	Empregado
7	Francisco	Portuguesa	Algés	12-04-2006	8	Sim	Sim	Pais e irmão	1	Mãe	Licenciatura	Professora	Empregado
8	Guilherme	Portuguesa	Odivelas	09-10-2006	8	Sim	Sim	Mãe e irmão	1	Mãe	Licenciatura	Empresária	Empregado

9	João	Portuguesa	Olivais	25-06-2005	9	Sim	Sim	Mãe e avós	0	Mãe	12.º ano	Esteticista	Empregado
10	Joana	Portuguesa	Barcarena	14-12-2006	8	Sim	Sim	Pais	0	Mãe	Doutoramento	Professora	Empregado
11	Lara	Portuguesa	Carnaxide	09-05-2006	8	Sim	Sim	Pais	0	Mãe	Licenciatura	Guia Turística	Empregado
12	Lourenço	Portuguesa	Carnaxide	23-11-2006	8	Sim	Sim	Pais e irmão	1	Mãe	Licenciatura	Jurista	Empregado
13	Marta	Portuguesa	Alfragide	22-03-2006	9	Sim	Sim	Pai ou Mãe (1 semana cada um)	1	Mãe	Curso Profissional	Bancária	Empregado
14	Matilde	Portuguesa	Belas	09-03-2006	9	Sim	Sim	Pais e irmão	1	Pai	Licenciatura	Diretos	Empregado
15	Owen	Portuguesa	Alfragide	24-08-2006	8	Sim	Sim	Pais e irmãos	2	Pai	Licenciatura	Contabilista	Empregado
16	Vicente	Portuguesa	Linda-a-Velha	27-11-2006	8	Sim	Sim	Pais	0	Mãe	Licenciatura	N/S	Empregado
17	Miguel	Portuguesa	Restelo	04-05-2006	8	Sim	Sim	Mãe, avós e tios	0	Mãe	12.º ano	N/S	Desempregado

ANEXO D

Figura D1

Planta da sala de aula



ANEXO E

Tabela E2
Explicação das rotinas

Rotinas	Funcionamento	Objetivos	Periodicidade
Plano Semanal	A professora apresenta aos alunos os conteúdos programáticos e as tarefas que tem de desenvolver durante a semana. Em seguida, dialoga com os alunos sobre a distribuição e organização desses conteúdos na semana. A professora aponta no mapa da semana a distribuição que é feita e afixa-a na parede.	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a cooperação formativa e reguladora - Desenvolver competências sociais. - Desenvolver a organização e responsabilização dos alunos. 	Semanalmente (Segunda-feira)
Escrita Criativa	Nesta rotina pretende-se que os alunos contem uma história, através do texto livre. Para a escrita destes textos os alunos recorrem à “caixa das histórias”, constituída por cartões com as personagens (principais e secundárias), peripécias e espaços de ação. Esta história irá sendo completada todas as semanas, por forma a que no final da nossa intervenção, os alunos tenham conseguido escrever uma narrativa o mais completa e criativa possível.	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver competências da escrita. - Desenvolver a criatividade. 	Semanalmente (Segunda-feira)
Manual de Português	Esta rotina consiste na realização de leitura e interpretação de um texto do manual de Português.	- Desenvolver competências de interpretação de textos.	Semanalmente (Segunda-feira)
Tempo de Estudo Autónomo	Este momento é destinado à realização de ficheiros ou projetos marcados pelos alunos no seu Plano Individual de Trabalho. Durante este tempo, o professor pode acompanhar os alunos com mais dificuldades enquanto os restantes elementos da turma realizam autonomamente o trabalho a que se propuseram, no sentido de treinar, consolidar ou desenvolver as aprendizagens realizadas.	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a capacidade de autorregulação, fomentando a autonomia. - Desenvolver competências de estudo, autonomamente. 	Três vezes por semana (segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira)
Diário de turma	Documento afixado, na porta da sala de aula, onde os alunos registam as relações interpessoais da turma, assim como opiniões e sugestões. Este documento auxilia a discussão	- Desenvolver competências sociais.	Diariamente.

	dos vários assuntos/problemas no Conselho de Turma semanal.		
Ler, mostrar e contar	Esta rotina dá a oportunidade a dois alunos ou grupos (necessita de inscrição prévia) de apresentar as suas produções autónomas, ler um pequeno livro, partilhar ideias ou mostrar algo preparado antecipadamente de acordo com os seus interesses. No final das apresentações são colocadas questões (caso existam) e realiza-se uma pequena discussão para apreciar os trabalhos apresentados.	- Desenvolver competências de expressão oral. - Desenvolver competências sociais.	Duas vezes por semana (terça-feira e quinta-feira)
Ditado e correção de erros	Nesta rotina a professora dita um texto à sua escolha e os alunos escrevem à medida que ouvem. No fim, a professora corrige, individualmente, os erros ortográficos dados pelos alunos, escrevendo-os na folha de trabalho. Os alunos repetem a palavra corretamente tantas vezes quanto as que a professora pedir. Por último ilustram o seu trabalho.	- Desenvolver competências de compreensão oral. - Desenvolver competências de escrita. - Praticar a ortografia.	Semanalmente (Terça-feira)
Ditado da tabuada	A professora dita 10 operações da tabuada e os alunos tem que as resolver. De seguida, é feita a correção das operações e caso os alunos acertem em todas as operações ganham um nível no gráfico das tabuadas.	- Praticar operações matemáticas.	Semanalmente (Quarta-feira)
Conselho de Turma	Esta rotina consiste num debate democrático de questões que surgiram ao longo da semana relacionadas com o trabalho desenvolvido e com as aprendizagens realizadas, bem como com os outros aspetos registados pelos alunos no Diário de Turma ou que o professor considere relevante destacar.	- Desenvolver competências sociais. - Desenvolver competências de expressão oral, nomeadamente a capacidade de descrição, de argumentação e de explicitação de pontos de vista.	Sexta-feira

ANEXO F

Agenda Semanal

		Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
1	8:45 9:30	AP_EST	EEM	PORT	MAT	MAT
2	9:30 10:15	ING	EEFM			
3	10:15 10:45					
4	10:45 11:30	PORT	MAT	ING	EEFM	MAT
5	11:30 12:15			ITIC.	EEM	
6	12:15 13:00					
7	13:00 14:00					
8	14:00 14:45	EM	PORT	EM	EA.	AP_EST
9	14:45 15:30				PORT	EM
10	15:30 16:15	MAT		MAT	PORT	FC
11	16:30 17:30					

Questionário de interesses aplicado aos alunos

Diz-nos quem és!

Quem sou?

1. Sexo: F M

2. Idade: ____

Na sala de aula...

3. Qual a tua disciplina preferida?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Português | <input type="checkbox"/> Expressão Musical |
| <input type="checkbox"/> Matemática | <input type="checkbox"/> Expressão Dramática (Teatro) |
| <input type="checkbox"/> Estudo do Meio | <input type="checkbox"/> Educação Física |
| <input type="checkbox"/> Inglês | <input type="checkbox"/> Expressão Plástica |
| <input type="checkbox"/> iTic | <input type="checkbox"/> História de Portugal |

4. Qual a disciplina em que sentes mais dificuldades?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Português | <input type="checkbox"/> Expressão Musical |
| <input type="checkbox"/> Matemática | <input type="checkbox"/> Expressão Dramática (Teatro) |
| <input type="checkbox"/> Estudo do Meio | <input type="checkbox"/> Educação Física |
| <input type="checkbox"/> Inglês | <input type="checkbox"/> Expressão Plástica |
| <input type="checkbox"/> iTic | <input type="checkbox"/> História de Portugal |

5. Sinto dificuldades porque... (escolher no máximo 2)

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Estudo pouco | <input type="checkbox"/> Tenho falta de tempo para estudar |
| <input type="checkbox"/> Participo pouco | <input type="checkbox"/> Brinco muito nas aulas |
| <input type="checkbox"/> Tenho falta de concentração | <input type="checkbox"/> Outros, quais? _____ |
| <input type="checkbox"/> Falto à escola | |

6. Na sala de aula, gosto mais de: (escolher no máximo 2)

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ler | <input type="checkbox"/> Cantar/Dançar |
| <input type="checkbox"/> Escrever | <input type="checkbox"/> Fazer peças de teatro |
| <input type="checkbox"/> Resolver problemas | <input type="checkbox"/> Recortar/Colar |
| <input type="checkbox"/> Resolver operações matemáticas | <input type="checkbox"/> Pintar/Desenhar |
| <input type="checkbox"/> Descobrir/Explorar a matéria de Estudo do Meio | <input type="checkbox"/> Projetos |
| <input type="checkbox"/> Outras atividades, quais? _____ | |

7. Ao longo deste ano letivo tens progredido nas tuas aprendizagens?

- Sim Não

No recreio...

8. O que gostas de fazer no recreio?

Em casa...

9. O que gostas de fazer nos teus tempos livres?

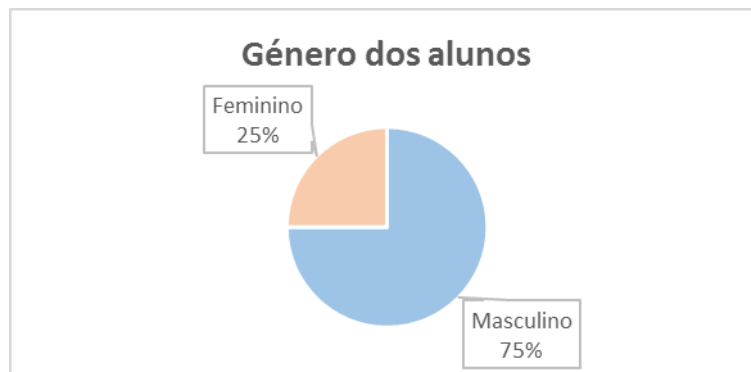
Curiosidades...

10. Tens alguma pergunta que gostavas de ver resolvida?

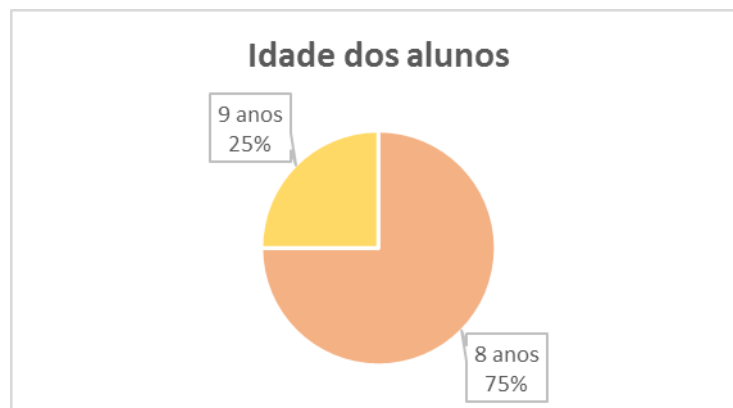
11. Gostavas de ir conhecer algum monumento que fique perto da tua escola? Qual? Justifica a tua resposta.

Análise aos Questionários de Interesses aplicados aos alunos

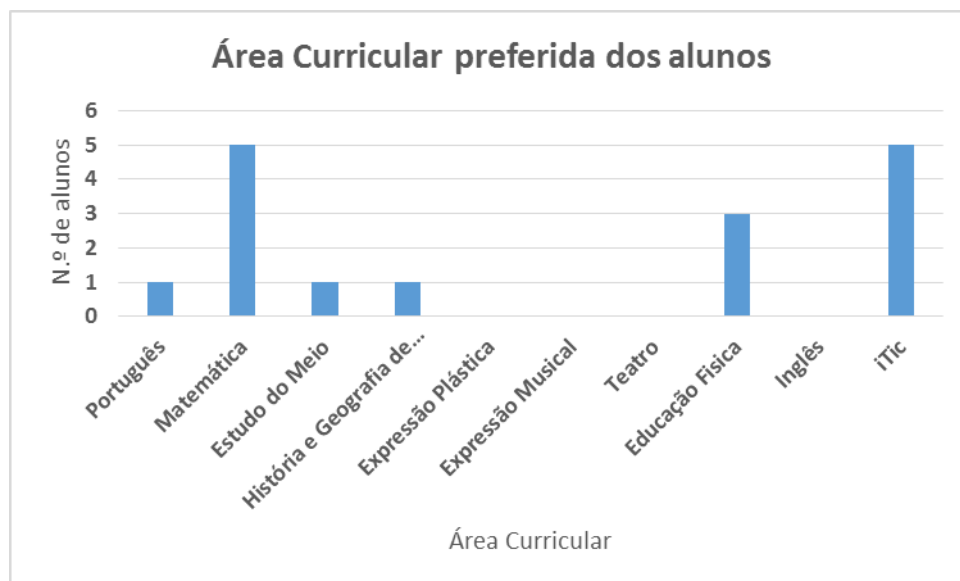
▪ **Questão 1 – Género**



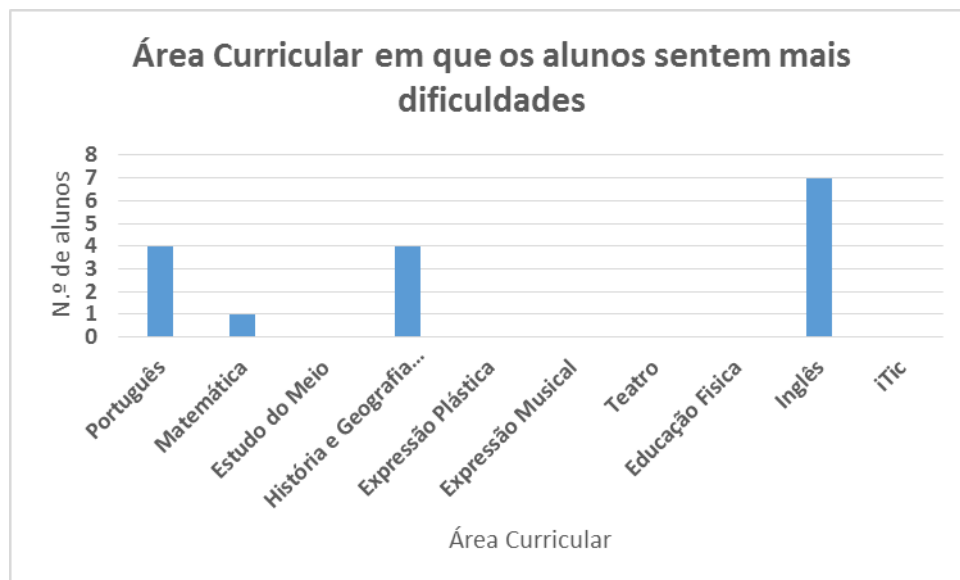
▪ **Questão 2 – Idade**



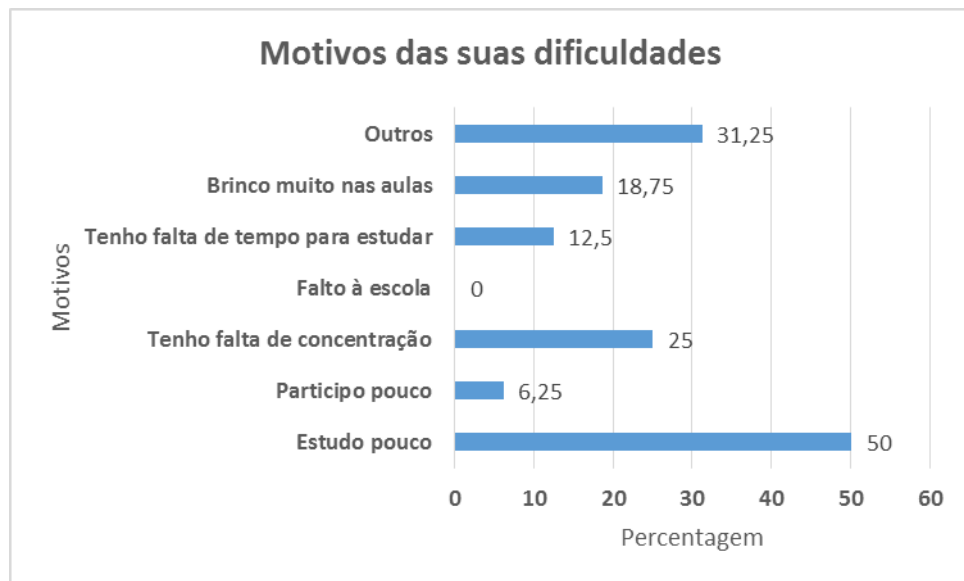
- **Questão 3 – Qual a tua disciplina preferida?**



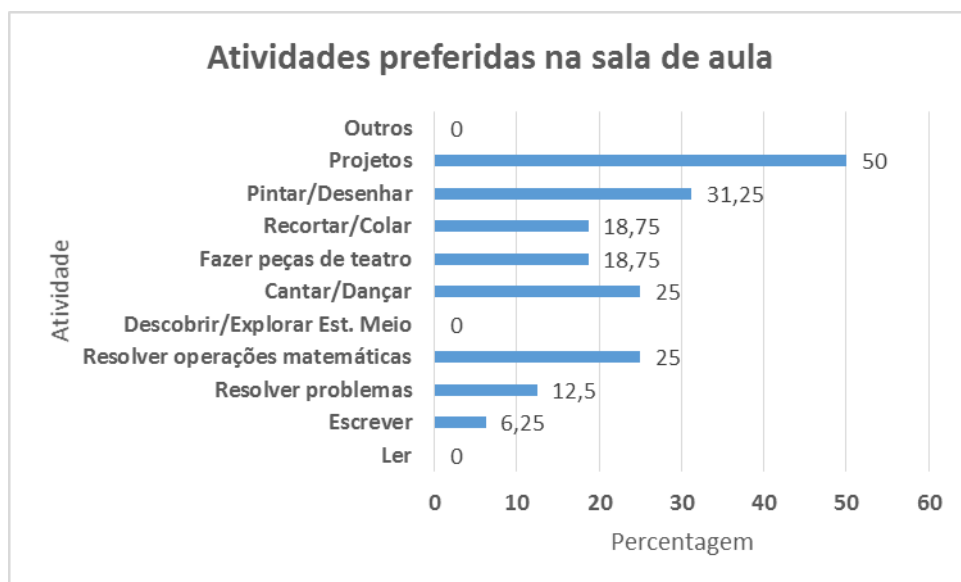
- **Questão 4 – Qual a disciplina em que sentes mais dificuldades?**



- **Questão 5 – Sinto dificuldades porque...**



- **Questão 6 – Na sala de aula, gosto mais de...**



- **Questão 7 – Ao longo deste ano letivo tens progredido nas tuas aprendizagens?**



- **Questão 8 – O que mais gostas de fazer no recreio?**

Brincar com os amigos	8
Jogar (diversos jogos)	5
Jogar futebol	1
Conversar	1
Descansar	1

- **Questão 9 – O que mais gostas de fazer nos teus tempos livres?**

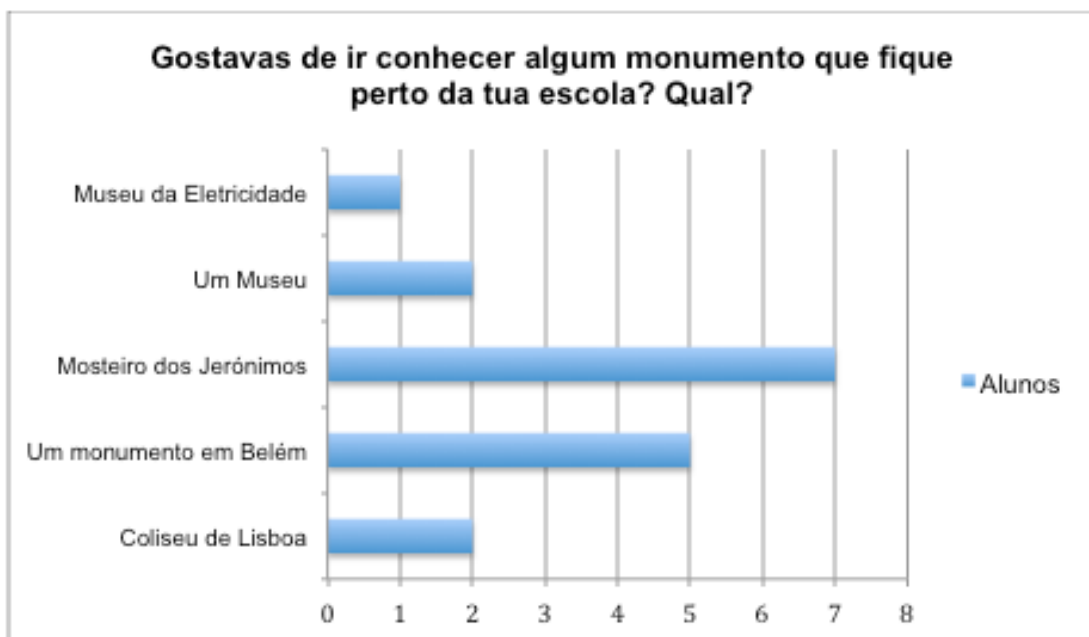
Jogar (PC, PS3)	4
Andar de bicicleta	3
Passear	3
Brincar	3
Fazer desporto	2
Dançar	1

- **Questão 10 – Tens alguma pergunta que gostarias de ver resolvida?**

- ✓ Porque é que quando ando de carro e ele vira para um lado eu viro para o oposto?
- ✓ Porque é que as pessoas mais velhas ficam carecas?

- ✓ Se o mundo é redondo, porque é que o vemos direito?
- ✓ Como nasceram os dinossauros?
- ✓ O que é o espaço?
- ✓ Como é que os aviões voam?

- **Questão 11 – Gostavas de ir conhecer algum monumento que fique perto da tua escola? Qual? Justifica a tua resposta.**





ANEXO H


Tabela H1
Avaliação Diagnóstica de Português


		Português																	
Competências	Indicadores	Alunos																	
		Afonso	André	Carolina	Duarte	Diogo R.	Diogo G.	Francisco	Guilherme	João	Joana	Lara	Lourenço	Marta	Matilde	Owen	Vicente	Miguel	
Expressão e Compreensão do Oral	Presta atenção ao que ouve																		
	Identifica o essencial do que ouve																		
	Faz inferências																		
	Utiliza técnicas para registar, tratar e reter a informação																		
	Usa o vocabulário adequado ao tema e à situação																		
	Planifica o discurso de acordo com o objetivo, o destinatário e os meios a utilizar																		
	Produz discursos com diferentes finalidades de acordo com intenções específicas																		
	Produz frases complexas																		
	Respeita as convenções que regulam a interação	Ouve os outros																	
		Espera a sua vez																	
Respeita o tema																			
Reproduz e recria trava-línguas, lengalengas, adivinhas, provérbios, contos																			
Faz uma pequena exposição sobre um assunto do seu interesse pessoal																			
Leitura	Lê de modo autónomo, em diferentes suportes, as instruções de atividades ou tarefas																		
	Encontra num enunciado a informar necessária à concretização de uma tarefa a realizar																		
	Mobiliza conhecimentos prévios																		
	Antecipa o assunto do texto																		
	Fluência leitora	Lê sem hesitações																	
Lê autocorrigindo-se																			
Lê sem ajuda																			

Distingue discurso direto e discurso indireto																		
Identifica os sinais auxiliares da escrita																		
Explicita as regras de pontuação																		
Explicita regras de ortografia (incluindo a translineação)																		
Mobiliza o saber adquirido na leitura e escrita de palavras, frases e textos																		

 Não observado

 Com dificuldade/Não

 Com alguma dificuldade/Às vezes

 Sem dificuldades/Sim

ANEXO I

Tabela I1
Avaliação Diagnóstica de Matemática


Indicadores		Matemática																
		Alunos																
		Afonso	André	Carolina	Duarte	Diogo R.	Diogo G.	Francisco	Guilherme	João	Joana	Lara	Lourenço	Marta	Matilde	Owen	Vicente	Miguel
Números e Operações	Números naturais																	
	Realiza contagens a partir de números dados de forma	Progressiva																
		Regressiva																
	Utiliza a numeração romana																	
	Ordena números em seqüências	Crescentes																
		Decrescentes																
	Lê por classes e por ordens																	
	Utiliza o algoritmo para resolver	Adições																
		Subtrações																
		Multiplicações																
		Divisões																
	Resolve problemas que envolvam	Adições																
		Subtrações																
		Multiplicações																
		Divisões																
	Utiliza estratégias de cálculo mental para	Adições																
		Subtrações																
		Multiplicações																
Divisões																		
Utiliza a multiplicação no sentido	Aditivo																	
	Multiplicativo																	
Utiliza a divisão no sentido de	Medida																	
	Partilha																	
	Razão																	


Tabela J1
Avaliação Diagnóstica de Estudo do Meio


Indicadores		Estudo do Meio																
		Alunos																
		Afonso	André	Carolina	Duarte	Diogo R.	Diogo G.	Francisco	Guilherme	João	Joana	Lara	Lourenço	Marta	Matilde	Owen	Vicente	Miguel
A localização no espaço e no tempo	Reconhece e identifica de elementos espácio-temporais (factos, monumentos, história local)																	
	Reconhece e utiliza elementos que permitem situar-se no lugar onde se vive (mapas)																	
	Reconhece e utiliza unidades de referência temporal																	
	Localiza elementos naturais e humanos da paisagem, utilizando a posição do observador																	
	Utiliza processos de orientação como forma de se localizar e deslocar na Terra																	
O conhecimento do ambiente natural e social	Utiliza vestígios de outras épocas como fonte de informação para reconstruir o passado e compreender o presente																	
	Reconhece aglomerados populacionais (aldeias, vilas e cidades)																	
	Reconhece representações diversas da Terra																	
	Compreende as razões da existências de dia e noite e a sua relação com o movimento da Terra																	
	Caracteriza as estações do ano																	
	Reconhece a existência de diferentes astros e que a Terra faz parte do Sistema Solar																	


	Analisa as evidências na explicação científica da forma da Terra e das fases da Lua																		
	Reconhece semelhanças e diferenças entre lugares																		
	Reconhece a existência de semelhanças e diferenças entre seres vivos, entre rochas e entre solos																		
	Conhece o processo de crescimento das plantas																		
	Compara e classifica animais																		
	Identifica a utilidade dos animais para o ser humano																		
	Identifica a utilidade das plantas para o ser humano																		
O dinamismo das inter-relações entre o natural e o social	Compreende os movimentos das pessoas, bens, serviços e ideias entre diferentes territórios																		
	Reconhece as atividades humanas (primárias, secundárias e terciárias)																		
	Conhece a existência de objetos tecnológicos, relacionando-os com a sua utilização																		
	Reconhece a importância dos avanços tecnológicos																		
	Realiza atividades experimentais simples																		
	Identifica processos vitais comuns a seres vivos dependentes do funcionamento de sistemas orgânicos																		
	Conhece as modificações do crescimento e envelhecimento, relacionando-as com diferentes estádios da vida humana																		
Reconhece que para se ter uma vida saudável é preciso ter uma alimentação equilibrada, higiene, atividade física e regras de segurança																			
tratamento de informação/ utilização de fontes	Utiliza alguns dos processos simples de conhecimento da realidade envolvente																		
	Distingue fontes de informação com diferentes linguagens																		
	Interpreta fontes diversas em torno dos conceitos essenciais para a compreensão social e histórica																		
Compreensão histórica	Localiza factos e datas no friso cronológico, relativo à história local e de Portugal																		
	Pesquisa sobre o passado de uma instituição local, recorrendo a diversas fontes																		
	Constrói horários e calendários																		
	Constrói árvores genealógicas para estabelecer relações de parentesco																		

	Descreve e constrói itinerários não diários																		
	Utiliza a prática de processos de orientação																		
	Visita locais ligados ao passado local																		
	Participa na organização do trabalho de sala de aula																		
	Participa na dinâmica do trabalho de grupo																		
Comunicação em História	Utiliza diferentes formas de comunicação escrita, onde descreve acontecimentos da história local, fazendo uso correto da expressão escrita																		
	Desenvolve a comunicação oral relatando acontecimentos de história local ou nacional																		
	Enriquece a comunicação através da utilização de materiais iconográficos																		

 Não observado

 Com dificuldade/Não

 Com alguma dificuldade/As vezes


 Sem dificuldades/Sim


ANEXO K


Tabela K1
Avaliação Diagnóstica das Competências Sociais


Indicadores			Competências Sociais															
			Alunos															
			Afonso	André	Carolina	Duarte	Diogo R.	Diogo G.	Francisco	Guilherme	João	Joana	Lara	Lourenço	Marta	Matilde	Owen	Vicente
Cooperação	Partilha o material																	
	Pede ajuda aos colegas																	
	Aceita a ajuda dos colegas																	
	Ajuda os colegas																	
	Aceita pontos de vista diferentes do seu																	
Autonomia	Toma iniciativa na escolha do trabalho a realizar																	
	Realiza o trabalho	sozinho																
		com a ajuda dos colegas do professor																
	Pede frequentemente feedback ao professor																	
Participação	Participa	espontaneamente																
		quando solicitado																
	Participa de forma pertinente																	
	Expressa opiniões, ideias, factos																	
	Participa nas decisões que dizem respeito a si ou aos contextos da turma																	
	Reconhece que a sua participação pode influenciar os processos de decisão, individual e coletivamente																	
	Regras de comunicação	Pede a palavra																
Aguarda a vez																		
Escuta o outro																		
Responsabilidade	É assíduo																	
	É pontual																	
	Apresenta o material necessário																	
	Cumprir as tarefas propostas																	

Relacionam ento	Organiza os seus trabalhos																	
	Estabelece acordos/compromissos, cumprindo-os e assumindo a sua responsabilidade																	
	Respeita os colegas																	
	Respeita o professor																	
	Resolve os conflitos	autonomamente																
		com intervenção de outros																
	Aceita sugestões/criticas																	
	Apresenta propostas de intervenção/resolução de problemas																	

 Não observado

 Com dificuldade/Não

 Com alguma dificuldade/Às vezes

 Sem dificuldades/Sim

ANEXO L

Fotografias da caixas das histórias (Rotina da Escrita Criativa)

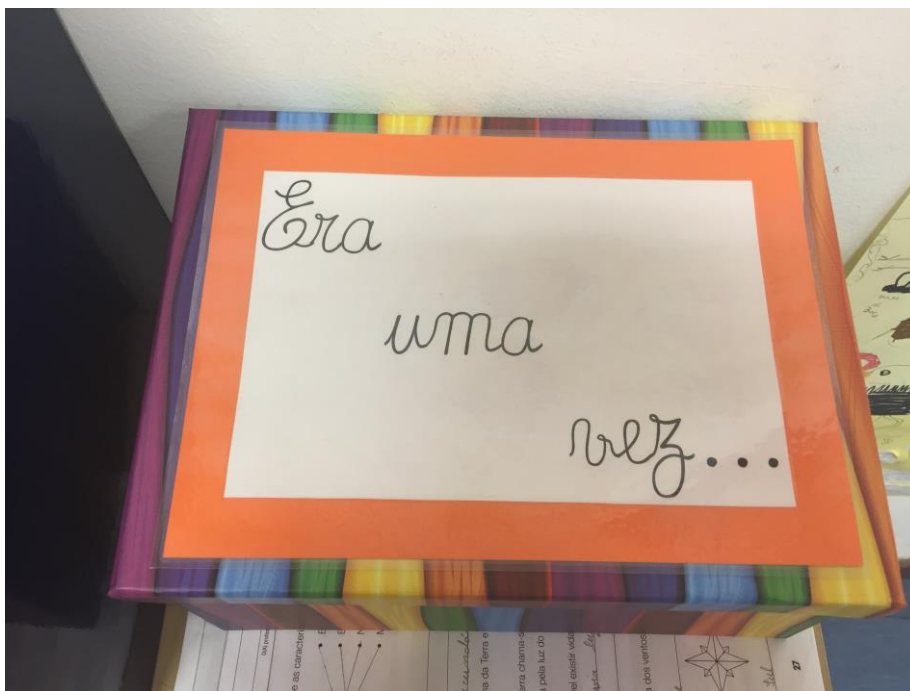


Figura L1. Caixa das histórias



Figura L2. Cartões da caixa das histórias

Questionário realizado no início e no final do Projeto sobre o Património local

Questionário aos alunos

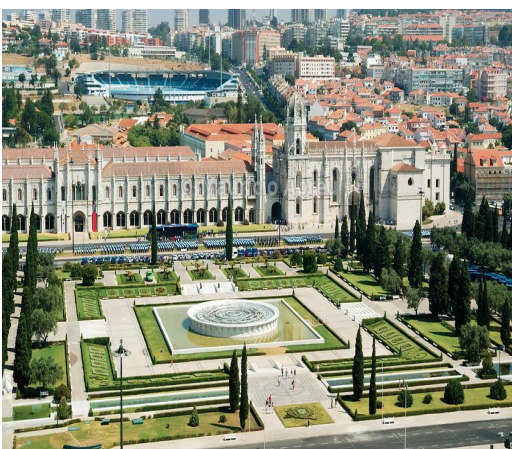
Nome: _____ Data: _____

1. Conheces alguma das imagens seguintes? Assinala com um X as que conheces e legenda-as.









2. Observa as imagens.



2.1. Sabes em que data foi construído este monumento? Pinta a resposta correta.

Na altura dos descobrimentos	Na altura da Revolução dos Cravos
------------------------------	-----------------------------------

2.2. Sabes para que foi construído este monumento?

Sim Não

Se a tua resposta foi positiva, explica o que sabes.



2.3. Sabes em que data foi construído este monumento? Pinta a resposta correta.

Na altura dos Descobrimentos	Na altura da Revolução dos Cravos
------------------------------	-----------------------------------

2.4. Sabes para que foi construído este monumento?

Sim Não

Se a tua resposta foi positiva, explica o que sabes.



2.5. Sabes em que data foi construído este monumento? Pinta a resposta correta.

Na altura da dos Descobrimentos	No período do Estado Novo (1933 - 1974)
---------------------------------	---

2.6. Sabes para que foi construído este monumento?

Sim Não

Se a tua resposta foi positiva, explica o que sabes.

2.7. Sabes em que data foi construído este monumento? Pinta a resposta correta.

Na altura dos Descobrimentos	No período do Estado Novo (1933 - 1974)
------------------------------	---

2.8. Sabes para que foi construído este monumento?

Sim Não

Se a tua resposta foi positiva, explica o que sabes.



3. Já viste e/ou visitaste este espaço?



Não, nunca vi.

Sim, ao vivo.

Sim, na televisão.

Sim, num manual

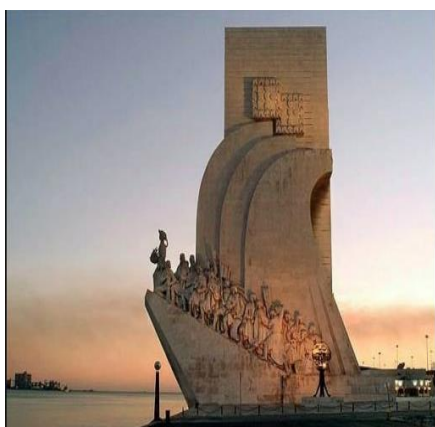


Sim, ao vivo.

Sim, na televisão.

Sim, num manual

Não, nunca vi.



Sim, ao vivo.

Sim, na televisão.

Sim, num manual.

Não, nunca vi.



Sim, ao vivo.

Sim, na televisão.

Sim, num manual

Não, nunca vi.

4. Pensas que estes monumentos têm hoje a mesma função que tinham quando foram construídos?

Sim Não

Se não, para que servem atualmente?

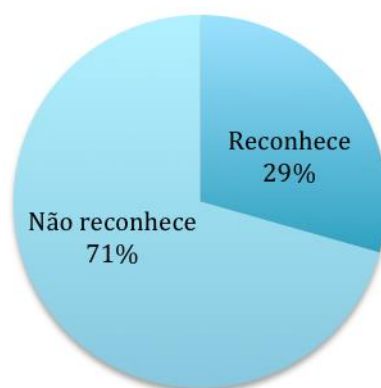
Obrigada pela tua participação 😊

Análise dos questionários pré-intervenção

Reconhece a Torre de Belém?



Reconhece o Mosteiro dos Jerónimos?

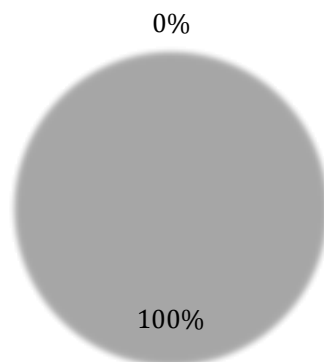


Reconhece o Padrão dos Descobrimentos?

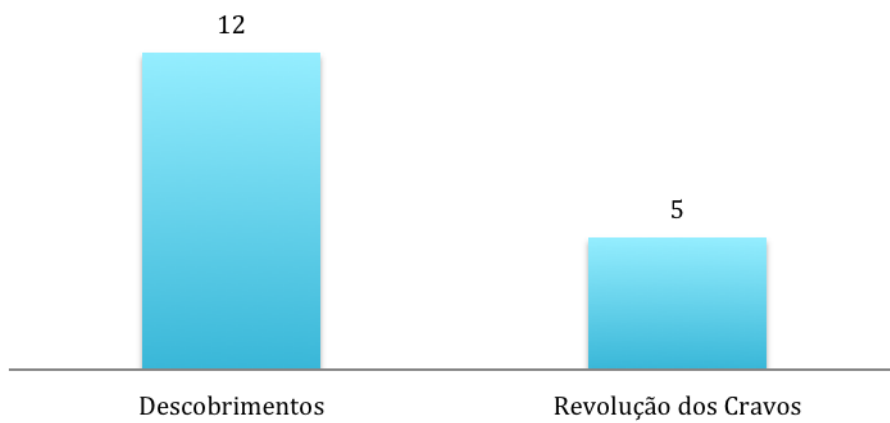


Reconhece o Jardim da Praça do Império?

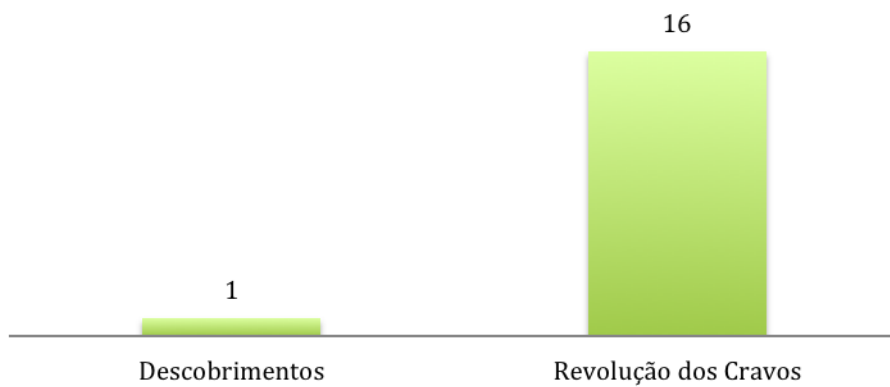
Reconhece Não reconhece



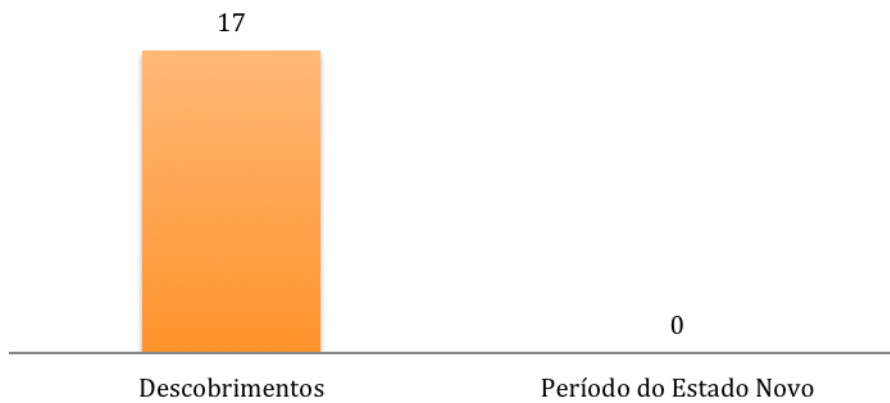
Em que altura foi construída a Torre de Belém?



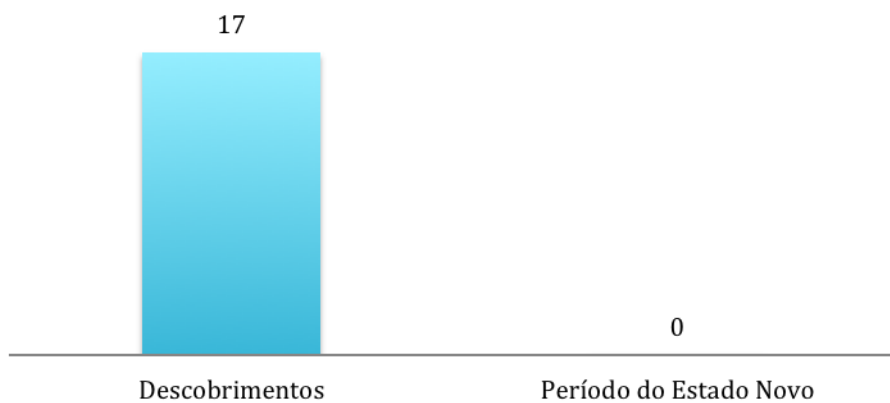
Em que altura foi construído o Mosteiro dos Jerónimos?



Em que altura foi construído o Padrão dos Descobrimentos?

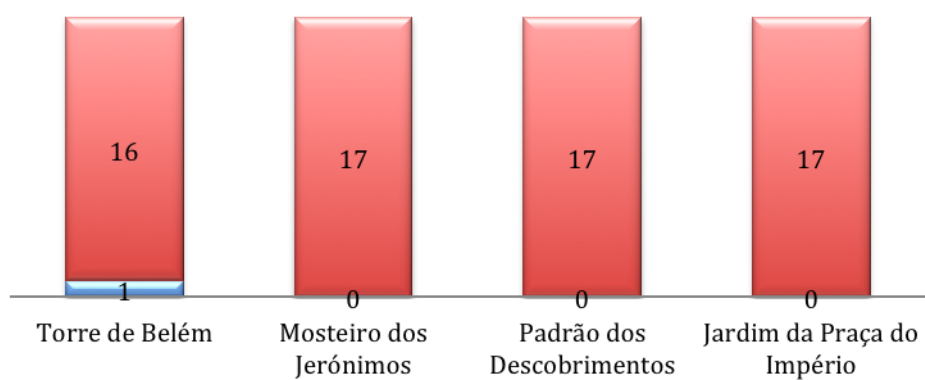


Em que altura foi construído o Jardim da Praça do Império?



Identifica a razão da construção de algum dos monumentos/espços?

■ Sim ■ Não



Guião de Pesquisa “Torre de Belém”

GUIÃO DE PESQUISA DE INFORMAÇÃO

Tema: Torre de Belém

Grupo:

Nome: _____

Nome: _____

Nome: _____

Nome: _____

Nome: _____

Como sabes, para realizares um bom trabalho de pesquisa é importante que recorras a boas fontes, por isso, **lê com atenção todos os documentos** que te foram fornecidos, por forma a que consigas responder a todas questões. **Sublinha nos textos**, com um marcador, **as informações que consideras mais importantes**, vai ajudar-te a responder às seguintes questões.

Questões:

1. Em que ano terminou a construção da Torre de Belém?

2. Quem planeou a construção deste monumento?

3. Quem foi o arquiteto, ou seja, quem desenhou este monumento?

4. Quem foi Francisco Arruda?

5. Esta Torre foi construída com que propósito?

6. Durante a dinastia Filipina, a Torre de Belém teve outra função. Qual foi?

7. Este monumento tem a mesma função atualmente? Justifica a tua resposta.

8. Pesquisa, na internet, imagens da Torre de Belém para cada um dos seguintes períodos:

√ Na altura dos Descobrimentos (século XVI);

- √ No final do Século XIX;
- √ No período do Estado Novo (entre 1933 e 1974);
- √ Na década de 90.

Nota: quando retiras uma imagem da internet deves sempre fazer a legenda da imagem e identificar a sua fonte, isto é, onde a encontraste, tal como no seguinte exemplo.



Figura 1. Torre de Belém. Consultado em www.torrebelem.pt

9. Depois de consultares as imagens, consideras que a Torre de Belém sofreu alterações ao longo do tempo? Se sim, quais?

GUIÃO DE PESQUISA DE INFORMAÇÃO

Tema: Mosteiro dos Jerónimos

Grupo:

Nome: _____

Nome: _____

Nome: _____

Nome: _____

Nome: _____

Como sabes, para realizares um bom trabalho de pesquisa é importante que recorras a boas fontes, por isso, **lê com atenção todos os documentos** que te foram fornecidos, por forma a que consigas responder a todas questões. **Sublinha nos textos**, com um marcador, **as informações que consideras mais importantes**, vai ajudar-te a responder às seguintes questões.

Questões:

1. Em que ano terminou a construção do Mosteiro dos Jerónimos?

2. Este monumento foi construído a pedido de que Rei português?

3. Quem foram os arquitetos, ou seja, quem desenhou este monumento?

4. Explica o que é um Mosteiro.

5. Quem eram os Jerónimos, que deram nome ao Mosteiro?

6. Este Mosteiro foi construído com que propósito?

7. Este monumento tem a mesma função atualmente? Justifica a tua resposta.

8. Pesquisa, na internet, imagens do Mosteiro dos Jerónimos para cada um dos seguintes períodos:

√ Na altura dos Descobrimentos (século XVI);

- √ No final do Século XIX;
- √ No período do Estado Novo (entre 1933 e 1974);
- √ Na década de 90.

Nota: quando retiras uma imagem da internet deves sempre fazer a legenda da imagem e identificar a sua fonte, isto é, onde a encontraste, tal como no seguinte exemplo.



Figura 1. Mosteiro dos Jerónimos. Consultado em www.mosteirojeronimos.pt

9. Depois de consultares as imagens, consideras que o Mosteiro dos Jerónimos sofreu alterações ao longo do tempo? Se sim, quais?

GUIÃO DE PESQUISA DE INFORMAÇÃO

Tema: Jardim da Praça do Império

Grupo:

Nome: _____

Nome: _____

Nome: _____

Nome: _____

Nome: _____

Como sabes, para realizares um bom trabalho de pesquisa é importante que recorras a boas fontes, por isso, **lê com atenção todos os documentos** que te foram fornecidos, por forma a que consigas responder a todas questões. **Sublinha nos textos**, com um marcador, **as informações que consideras mais importantes**, vai ajudar-te a responder às seguintes questões.

Questões:

1. Quem projetou a construção desta praça e do seu jardim?

2. Quem foi Cottinelli Telmo?

3. Em que ano foi construída a Praça do Império e o seu jardim?

4. O jardim da Praça do Império é composto pelo que?

5. O que foi a Exposição Mundo Português?

6. Esta praça teve sempre o nome de Praça do Império? Se não, como já se chamou?

7. Pesquisa, na internet, imagens da Praça do Império para cada um dos seguintes períodos:

- √ Na altura dos Descobrimentos (século XVI);
- √ No final do Século XIX;
- √ No período do Estado Novo (entre 1933 e 1974);
- √ Na década de 90.

Nota: quando retiras uma imagem da internet debes sempre fazer a legenda da imagem e identificar a sua fonte, isto é, onde a encontraste, tal como no seguinte exemplo.

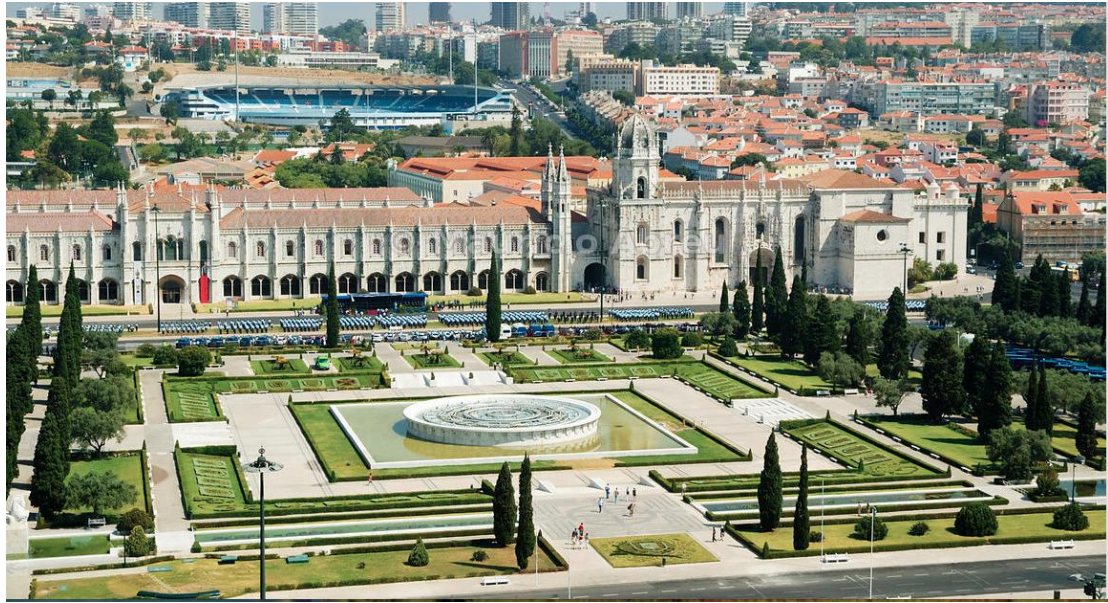


Figura 1. Praça do Império. Consultado em www.imagensofportugal.net

8. Depois de consultares as imagens, consideras que a Praça do Império sofreu alterações ao longo do tempo? Se sim, quais?

GUIÃO DE PESQUISA DE INFORMAÇÃO

Tema: Padrão dos Descobrimentos

Grupo:

Nome: _____

Nome: _____

Nome: _____

Nome: _____

Nome: _____

Como sabes, para realizares um bom trabalho de pesquisa é importante que recorras a boas fontes, por isso, **lê com atenção todos os documentos** que te foram fornecidos, por forma a que consigas responder a todas questões. **Sublinha nos textos**, com um marcador, **as informações que consideras mais importantes**, vai ajudar-te a responder às seguintes questões.

Questões:

1. Em que ano foi construído o Padrão dos Descobrimentos?

2. Quem desenhou este monumento? E quem o construiu?

3. Quem foi Cottinelli Telmo?

4. Quem foi Leopoldo de Almeida?

5. O Padrão dos Descobrimentos foi construído com que propósito?

6. Atualmente tem a mesma função? Justifica a tua resposta.

7. Legenda as imagens.





8. Este monumento foi sempre feito do mesmo material ou sofreu alterações ao longo do tempo? Justifica a tua resposta

9. Pesquisa, na internet, imagens do Padrão dos Descobrimentos para cada um dos seguintes períodos:

- √ Na altura dos Descobrimentos (século XVI);
- √ No final do Século XIX;
- √ No período do Estado Novo (entre 1933 e 1974);
- √ Na década de 90.

Nota: quando retiras uma imagem da internet debes sempre fazer a legenda da imagem e identificar a sua fonte, isto é, onde a encontraste, tal como no seguinte exemplo.

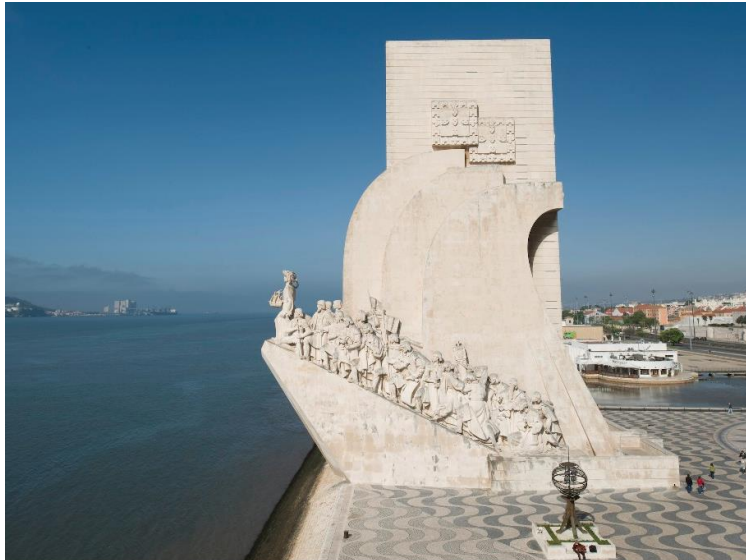


Figura 1. Padrão dos Descobrimentos. Consultado em www.padraodosdescobrimentos.pt

Texto Informativo sobre a Torre de Belém

Torre de Belém

A Torre de Belém é um dos monumentos mais expressivos da cidade de Lisboa. Localiza-se na margem direita do rio Tejo, na freguesia de Belém, onde existiu outrora a praia de Belém. Inicialmente cercada pelas águas em todo o seu perímetro, progressivamente foi envolvida pela praia, até se incorporar hoje à terra firme.

Esta Torre foi construída na era das Descobertas, quando a defesa da cidade era de extrema importância, em homenagem ao santo padroeiro da cidade, São Vicente. Francisco de Arruda foi nomeado Mestre do Baluarte de Belém, após o seu regresso do Norte de África, onde se distinguiu pela edificação de algumas fortalezas. Iniciou a construção, em 1514, sob a orientação do mestre-de-obras do Reino, Diogo de Boitaca, que na altura dirigia os trabalhos do Mosteiro dos Jerónimos. Em 1520 a Torre estava concluída. A construção da Torre de Belém tinha o propósito de melhorar a defesa de Lisboa, o rei João II desenhou um plano que consistia na formação de uma defesa constituída por três fortalezas junto do estuário do Tejo. Formava um triângulo, sendo que em cada ângulo se construiria uma fortaleza: o baluarte de Cascais no lado direito da costa, a de S. Sebastião da Caparica no lado esquerdo e a Torre de Belém na água, sendo que esta já tinha sido planeada por D. Manuel I. Este monumento está repleto de decoração Manuelina que simboliza o poder do rei. Com o passar do tempo, e com a construção de novas fortalezas, mais modernas e mais eficazes, a Torre de Belém foi perdendo a sua função de defesa. Durante os séculos que se seguiram, desempenhou funções de controlo aduaneiro, de telégrafo e até de farol. Foi também prisão política, viu os seus armazéns transformados em masmorras, a partir da ocupação filipina (1580) e em períodos de instabilidade política. Finalmente, em 1983 a UNESCO classificou-a Património Cultural de Toda a Humanidade.

Francisco de Arruda

Francisco de Arruda (morreu em 1547) responsável pela construção da Torre de Belém, pertence a uma linhagem de arquitetos ilustres sediada em Évora. Foi mestre-de-obras do Alentejo, medidor das obras do Reino e mestre da obra dos Paços Reais de Évora. É encarregado de reparar as fortificações de Moura, Mourão e Portel, encontrando-se nesta vila a sua intervenção mais importante. Aí, para além de consertar as muralhas, introduz no castelo torres semicirculares. Constrói para D. Jaime, Duque de Bragança, os Paços do Castelo de Portel, hoje arruinados, e a Capela de S. João Baptista, também gravemente degradada.

Francisco de Arruda acompanha seu irmão Diogo ao norte de África, a Safim e Mazagão, trabalhando igualmente na praça-forte de Azamor onde absorveu influências da arquitetura da região. Regressou a Lisboa em 1514 para trabalhar no Mosteiro dos Jerónimos e, em 1516, assina um documento que o designa mestre-de-obras do Baluarte do Restelo (Torre de Belém). Na Torre de Belém as influências da arquitetura do Norte de África conjugam-se com soluções inspiradas na arquitetura italiana da época, na tradição das fortificações medievais e na arquitetura naval.

Francisco Arruda foi também o arquiteto da Casa dos Bicos em Lisboa.

Mosteiro dos Jerónimos

Em 1496, antes da descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama, D. Manuel I fez um pedido à Santa Sé para que lhe fosse concedida autorização para se erigir um grande mosteiro no lugar da velha ermida da Ordem de Cristo à entrada de Lisboa, junto às margens do Tejo. Os trabalhos de construção tiveram início a 6 de Janeiro de 1501 ou 1502 (desconhece-se o ano exato), depois de terminada a viagem de Vasco da Gama, e puderam ser custeados pelo rei com dinheiro proveniente do comércio com o Oriente. Em 1518 D. Manuel decidiu, em testamento, transformá-lo no seu próprio panteão.

O edifício do Mosteiro dos Jerónimos exibe uma extensa fachada de mais de trezentos metros, obedecendo a um princípio de horizontalidade que lhe confere uma fisionomia calma e repousante. Foi construído em calcário de lioz que se retirava muito próximo do local de implantação, na Ajuda, no Vale de Alcântara, Laveiras, Rio Seco e Tercena.

Dada a grandiosidade do projeto e a riqueza da execução, sucederam-se as empreitadas de construção e os mestres responsáveis por elas: Diogo de Boitaca (1460-1528), João de Castilho (1475-1552), Diogo de Torralva (1500-1566), Jerónimo de Ruão (1530-1601) são alguns dos nomes que o Mosteiro recorda e que deixaram marca indelével neste monumento. O Mosteiro dos Jerónimos é habitualmente apontado como a "joia" da arquitetura manuelina, associando-lhe uma simbologia régia, cristológica e naturalista, que a torna única e digna de admiração.

Para ocupar o Mosteiro, D. Manuel I escolheu os monges da Ordem de S. Jerónimo (daí a designação Mosteiro dos Jerónimos), que teriam como funções, entre outras, rezar pela alma do rei e prestar assistência espiritual aos mareantes e navegadores que da praia do Restelo partiam à descoberta de outros mundos. Durante quatro séculos essa comunidade religiosa habitou nestes espaços, mas em 1833 foi dissolvida e o lugar desocupado. O Mosteiro foi então entregue à Real Casa Pia de Lisboa (instituição destinada ao acolhimento e educação de órfãos e à recuperação de mendigos e desfavorecidos e que ocuparia os espaços do claustro até 1940); a Igreja passou a servir de Igreja Paroquial da Freguesia de Santa Maria de Belém. Em todo este processo perdeu-se grande parte do valioso recheio do mosteiro.

Desde sempre intimamente ligado à casa Real Portuguesa, o Mosteiro dos Jerónimos, pela força da Ordem e suas ligações a Espanha, pela produção intelectual dos seus monges, pelo facto de estar inevitavelmente ligado à epopeia dos Descobrimentos e, inclusivamente, pela sua localização geográfica, na capital, à entrada do porto, é desde cedo interiorizado como um dos símbolos da nação.

O ano de 1940 é marcado pela "Exposição do Mundo Português", em que é reorganizado o espaço em frente ao monumento. A Casa Pia abandona a zona claustral do Mosteiro e os túmulos de

Camões e Vasco da Gama são transferidos do cruzeiro para o sub-coro. No ano seguinte é reconstruída a galilé da portaria.

O Museu da Marinha, criado em 1909, e o Planetário Calouste Gulbenkian vão-se instalar em 1962 nos edifícios anexos ao Mosteiro.

1983 é o ano da classificação pela UNESCO do Mosteiro como Património Mundial. É também o ano “XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura”.

A assinatura do tratado de adesão de Portugal à CEE vai ter lugar em 1985, no Claustro deste monumento. É colocado no centro do Claustro um lago vindo do Palácio de Queluz.

Dois grandes exposições vão marcar os anos noventa no Mosteiro: a exposição “4 séculos de pintura” em 1992 e, em 1998, a exposição “Leonardo da Vinci – um homem à escala do mundo, um Mundo à escala do homem”, em que o Codex de Leicester, cedido temporariamente por Bill Gates, é apresentado em Portugal.

Ordem de São Jerónimo

A Ordem de São Jerónimo é uma ordem religiosa católica fundada por São Jerónimo, foi aprovada no ano de 1373 pelo Papa Gregório XI que residia na época em Avinhão. É uma ordem religiosa exclusivamente hispânica, dado que apenas se implantou em Espanha e em Portugal, e esteve bastante vinculada às monarquias reinantes de ambos os países.

Prescrevendo uma vida de solidão e silêncio, de oração assídua e penitência animosa, a Ordem de São Jerónimo procura levar os seus monges e monjas à união mística com Deus, consciente de quanto mais intensa for essa união, por sua própria doação na vida monástica, tanto mais esplêndida se faz a vida da Igreja e mais vigorosamente se fecunda o seu apostolado. A vida do monge jerónimo é pautada pelo equilíbrio entre a oração e o trabalho.

Os religiosos da Ordem de São Jerónimo (tanto os monges, como as monjas) adotaram como hábito religioso um hábito branco sobre o qual envergam o escapulário de cor castanha (igual ao Escapulário de Nossa Senhora do Carmo utilizado pelos religiosos carmelitas) e um capuz da mesma cor.

Jardim da Praça do Império

Jardim construído por altura da "Exposição do Mundo Português" (1940), evento comemorativo dos 800 anos da Independência de Portugal e dos 300 anos da Restauração da Independência, da autoria do arquiteto Cottineli Telmo. É também desta época a Fonte Luminosa existente no centro do jardim. O jardim é composto por um conjunto de 32 brasões em mosaico-cultura, cujos desenhos de pequenos arbustos e flores representam as antigas Províncias do Império. Os dois lagos no topo sul do jardim, encimados por dois imponentes grupos escultóricos, representando figuras míticas de dois cavalos com cauda de animais marinhos. Os grandes alinhamentos de ciprestes em conjunto com as oliveiras, dão-lhe um carácter evocativo da paisagem portuguesa. Dos três lagos existentes, o central é marcado pela fonte luminosa e os laterais pelos elementos escultóricos. Os pavimentos são em genuína calçada portuguesa, evidente no modo de execução e nos motivos decorativos, destacando-se os signos do Zodíaco em três das principais entradas do jardim. Nas "caixas" de roseiras existentes no lado mais próximo dos Jerónimos, são curiosos os motivos de mosaico-cultura executados em buxo, inspirados nos ornamentos manuelinos do mosteiro. O Jardim situa-se perto do Centro Cultural de Belém, do Museu da Marinha, do Planetário Calouste Gulbenkian, do Museu Nacional de Arqueologia e do Mosteiro dos Jerónimos. É o local preferencial escolhido pelo Presidente da República para receber os Chefes de Estado que visitam o nosso País.

No século XVII, o local onde atualmente se situa o Jardim do Império era uma zona de praia: «a Praia do Restelo». O Jardim foi construído para a Exposição do Mundo Português em 1940, com projeto de Cottineli Telmo, tendo ficado os trabalhos de jardinagem a cargo de Gomes Amorim. O jardim tem sofrido várias alterações e benefícios ao longo dos anos, como é o caso dos 30 brasões das "cidades e províncias de Portugal Continental, Insular e Ultramarino", da Cruz de Cristo e da Cruz de Avis, realizados em mosaico-cultura nos canteiros envolventes à fonte luminosa. Surgiram

depois da exposição de 1940, sem projeto, dependendo apenas da imaginação e habilidade de alguns dos jardineiros da época. As diferentes cores são obtidas pelo talhe conjunto de várias plantas, atualmente buxo, iresine e santolina. A fonte luminosa foi totalmente recuperada em 2004, aquando do Campeonato Europeu de Futebol, mantendo no entanto todo o mecanismo original.

O jardim da Praça do Império já antes houvera sido chamado de Largo do Jerónimos, até a deliberação 20 de Maio de 1880 da Câmara Municipal de Belém o passar a denominar Praça Dom Vasco da Gama. E terminada a Exposição do Mundo Português, a Câmara Municipal de Lisboa reconheceu-lhe o nome de Praça do Império, localizando-a no documento como “A praça já conhecida por Praça do Império, situada em frente do Mosteiro dos Jerónimos e que compreende a antiga Praça D. Vasco da Gama e troços das antigas Ruas Paulo da Gama e Vieira Portuense.”

Exposição Mundo Português

No ano áureo de 1940 sucederam-se numerosas iniciativas comemorativas dos oito séculos da independência portuguesa (1140) e dos três séculos da sua restauração (1640). Esta coincidência numérica foi astuciosamente aproveitada pelo regime para desenvolver um conjunto de projetos com o objectivo assumido de dignificar o país e demonstrar a sua eficácia e capacidade criadora (cf. Salazar, 1939 [1938]: 2-3), para além de celebrar aquele duplo centenário.

A Exposição teve lugar na zona lisboeta de Belém, junto ao Rio Tejo. O certame era composto por secções de História, Etnografia e do Mundo Colonial. Entre os inúmeros pavilhões destacavam-se os seguintes: da Honra e de Lisboa (Cristino da Silva), da Fundação, Formação e Conquista, da Independência, dos Descobrimentos (Pardal Monteiro), da Colonização, dos Portugueses no Mundo (Cottinelli Telmo) e ligada a este o pavilhão de Portugal de 1940 dirigido por António Ferro; de Etnografia Metropolitana com a Reconstrução das Aldeias Portuguesas (Segurado), da Vida Popular (Velooso Reis), o colonial com a reprodução da vida ultramarina e o Pavilhão do Brasil do teorizador da Casa Portuguesa (Raul Lino), que parecia refletir o "glorioso prolongamento da nossa civilização atlântica". Do conjunto surgia a imagem de Portugal como cabeça de um

majestoso império e dono de um passado de glórias invulgares. Junto da Torre de Belém foi montada uma caravela, da responsabilidade de Leitão de Barros e Martins Barata, e o "Padrão dos Descobrimentos" que, de uma forma simbólica encerravam a exposição. A direção e planificação dos trabalhos foi entregue a Cottinelli Telmo (1897-1948), um artista multifacetado, conhecido, sobretudo, pela sua obra arquitectónica. Nesta grandiosa realização cosmopolita trabalhou a maioria dos artistas modernistas (12 arquitetos, 19 escultores e 43 pintores), com a exceção de Soares, Eloy, Cassiano Branco e Keil do Amaral, numa época em que Portugal parecia alheado do resto da Europa a viver o horror da guerra. Aliás, esse era um dos objetivos do evento: demonstrar a eficácia governativa do regime, capaz de manter Portugal longe dos problemas mundiais devastadores, numa aparente atmosfera de progresso e de prosperidade.

Cottinelli Telmo

Arquiteto e cineasta português, José Ângelo Cottinelli Telmo nasceu a 13 de novembro de 1897, em Lisboa, tendo falecido a 18 de setembro de 1948, em Cascais, vítima de um acidente de pesca.

Cottinelli Telmo estudou Arquitetura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa, tendo completado o curso em 1920. Enquanto estudava arquitetura, começou também a dedicar-se ao cinema, tendo colaborado na realização dos filmes *Malmequer* e *Mal de Espanha*, ambos de 1918, realizados por Leitão de Barros e produzidos na Lusitânia-Film.

Muito jovem tornou-se conhecido pelos seus dotes para a arquitetura em 1922 quando desenhou o Pavilhão de Honra da Exposição do Rio de Janeiro. Sete anos mais tarde foi escolhido para conceber o Pavilhão de Portugal na Exposição de Sevilha de 1929.

Em 1940 atingiu o ponto máximo da carreira ao ser designado Arquiteto-Chefe da Exposição do Mundo Português, que teve lugar em Lisboa, em Belém, junto ao Rio Tejo. Cottinelli Telmo projetou a Praça do Império e a Fonte Monumental, o Monumento dos Descobrimentos, juntamente com Leopoldo de Almeida, e a Porta da Fundação.

Ligado às Artes Plásticas e às Letras, Cottinelli Telmo foi um dos pioneiros da banda desenhada em Portugal.

Cottinelli Telmo morreu precocemente a 18 de setembro de 1948, vítima de um acidente enquanto pescava em Cascais.

Padrão dos Descobrimentos

Da autoria do arquiteto Cottinelli Telmo (1897 – 1948) e do escultor Leopoldo de Almeida (1898 – 1975), o Padrão do Descobrimentos foi erguido pela primeira vez em 1940, de forma efémera e integrado na Exposição do Mundo Português e pretendia ilustrar a importância histórica dos descobrimentos. Construído em materiais perecíveis, possuía uma leve estrutura de ferro e cimento, sendo a composição escultórica moldada em estafe (mistura de espécies de gesso e estopa, consolidada por armação ou gradeamento de madeira ou ferro).

Em 1960, por ocasião da comemoração dos 500 anos da morte do Infante D. Henrique, o Padrão é reconstruído em betão e cantaria de pedra rosal de Leiria, e as esculturas em cantaria de calcário de Sintra. Em 1985 é inaugurado como Centro Cultural das Descobertas. O arquiteto Fernando Ramalho remodelou o interior, dotando o Padrão de um miradouro, auditório e salas de exposições.

Isolado e destacado no paredão à beira do Tejo, o Padrão dos Descobrimentos evoca a expansão ultramarina portuguesa, sintetiza um passado glorioso e simboliza a grandeza da obra do Infante D. Henrique, o impulsionador das descobertas.

Uma caravela estilizada faz-se ao mar, levando à proa o Infante D. Henrique e alguns dos protagonistas (32) da gesta ultramarina e da cultura da época, navegadores, cartógrafos, guerreiros, colonizadores, evangelizadores, cronistas e artistas, são retratados com os símbolos que os individualizam.

Um mastro estilizado, com orientação Norte – Sul, tem em cada uma das faces dois escudos portugueses, com cinco quinas, envolvidos por faixa com 12 castelos e ao centro várias flores-de-lis. Ao mastro adoçam-se, em cada face, três estruturas triangulares, curvas, dando a ilusão de velas enfunadas pelo vento.

A face norte é formada por dois gigantes de cantaria, onde se veem inscrições em letras metálicas:

no lado esquerdo, sobre uma âncora: AO INFANTE D. HENRIQUE E AOS PORTUGUESES QUE DESCOBRIRAM OS CAMINHOS DO MAR;

o lado oposto, sobre uma coroa de louros: NO V CENTENÁRIO DO INFANTE D. HENRIQUE 1460 – 1960.

Ao centro um lanço de nove degraus dá acesso a um átrio com vista para toda a zona que circunda o Padrão. Um segundo lanço de cinco escadas, um portal com arco de volta perfeita e uma moldura formada pelas aduelas, dá acesso ao interior do monumento.

O Monumento é ladeado por duas esferas armilares em metal, sobre duas plataformas paralelepípedicas.

Junto ao Padrão dos Descobrimentos está uma Rosa dos Ventos, esta decora o terreiro de acesso ao Padrão dos Descobrimentos. Executada em cantaria de calcário líos, negro e vermelho, tem 50m de diâmetro, contem um planisfério de 14m de largura, decorado com elementos vegetalistas, 5 pequenas rosas-dos-ventos, 3 bufões, uma sereia, um peixe fantástico e Neptuno com tridente e trombeta montado num ser marinho. Datas, naus e caravelas marcam as principais rotas da expansão portuguesa, entre os séculos XV e XVI. O fundo envolvente é constituído por ondas “mar largo”, motivo emblemático da calçada portuguesa. Desenhada no atelier do arquiteto Luís Cristino da Silva, foi oferecida pela República da África do Sul, país que se associou às comemorações em homenagem ao Infante. Inaugurada em 5 de Agosto de 1960 No topo sul duas inscrições recordam a oferta da União da África do Sul em 1960, e o posterior restauro, em 1994, aquando das Comemorações de Lisboa Capital Europeia da Cultura, em 1994.

Memórias de um espaço

Em 1940 completou-se o 3º Centenário sobre o Movimento da Restauração da Independência e o 8º Centenário sobre a data em que D. Afonso Henriques usara pela 1ª vez o título de Rei de Portugal.

Este duplo centenário foi festejado com um conjunto de realizações culturais centradas na “Exposição do Mundo Português”. Deste acontecimento realizado em Belém, na Praça do Império (símbolo do espaço imperial), destacar-se-á o Padrão dos Descobrimentos. Da autoria do arquiteto Cottinelli Telmo e do escultor Leopoldo de

Almeida, seria a única peça a passar a definitiva em 1960, aquando do V Centenário da morte do Infante D. Henrique.

Exterior do Monumento

Na gesta dos Descobrimentos teria de ficar bem acentuado o simbolismo da partida das naus construtoras do mundo moderno. Foi este espírito que presidiu à concepção do Padrão dos Descobrimentos que se apresenta com a expressão arquitectónica de uma caravela, ladeada inferiormente por duas rampas que se reúnem na proa e onde se destaca a figura do Infante D. Henrique. Sobre a muralha vertical desenham-se as velas de uma caravela, encimadas pela representação das armas portuguesas dos séculos XIV e XV. Ao longo das rampas encontramos 32 figuras que no seu todo representam uma síntese histórica de vultos ligados aos descobrimentos. A toda a altura a porta de entrada é dominada por uma espada decorada no punho pela cruz de Avis, simbolizando a força das armas e a fé cristã.

O modelo das figuras proposto por Francisco Franco vem, provavelmente, do políptico dito de Nuno Gonçalves.

Decoração do Terreiro de Acesso:

Rosa-dos-Ventos

Desenhada em mármore, com 50m de diâmetro contendo no centro um planisfério de 14m de largura, decorada com naus e caravelas que marcam as principais rotas e datas dos Descobrimentos Portugueses. A autoria do desenho pertence ao arquiteto Cristino da Silva.

O fundo envolvente é constituído por ondas com 3m, executado em calçada portuguesa.

Dimensões principais do Padrão dos Descobrimentos

- Altura, acima do terreno-50m

- Largura máxima-20m
- Comprimento máximo-46 m
- Área de ocupação-695 m²
- Fundações Profundidade média das estacas-20m
- Figura central -Infante D. Henrique-9m
- Figuras laterais – (32)-7m

Figuras

Lado Poente (Cascais)

Lado Nascente (Lisboa)

- | | |
|--|---|
| 1- Infante D. Pedro (2º filho de D. João I). | 18- D. Afonso V (rei). |
| 19- Vasco da Gama | (Navegador). |
| 20- Dona Filipa de Lencastre (Mãe do Infante D. Henrique). | 20- Afonso Baldaia (Navegador). |
| 21- Fernão Mendes Pinto (Peregrino). | 21- Pedro Álvares Cabral (Navegador). |
| 22- Frei Gonçalo de Carvalho (Dominicano). | 22- Fernão de Magalhães (Navegador). |
| 23- Frei Henrique de Carvalho (Franciscano). | 23- Nicolau Coelho (Navegador). |
| 24- Luiz Vaz de Camões (Poeta). | 24- Gaspar Corte-Real (Navegador). |
| 25- Nuno Gonçalves (Pintor). | 25- Martim Afonso de Sousa (Navegador). |
| 26- Gomes Eanes de Zurara (Cronista). | 26- João de Barros (Escritor). |
| 27- Pero da Covilhã (Viajante) | 27- Estevão da Gama (Capitão). |
| 28- Jácome de Maiorca (Cosmógrafo). | 28- Bartolomeu Dias (Navegador). |
| 29- Pêro de Escobar/Escolar (Piloto). | 29- Diogo Cão (Navegador). |
| 30- Pedro Nunes (Matemático). | 30- António Abreu (Navegador). |
| | 31- Afonso de Albuquerque (Governador). |
| | 32- Francisco de Xavier (Jesuíta). |
| | 33- Cristóvão da Gama (Capitão). |

- 13- Pêro de Alenquer (Piloto).
- 14- Gil Eanes (navegador).
- 15- João Gonçalves Zarco (Navegador).
- 16- Infante D. Fernando (8º filho de D. João I - Navegador).
- 17- Infante D. Henrique (O Navegador - 5º filho de D. João I).

Cottinelli Telmo

Arquiteto e cineasta português, José Ângelo Cottinelli Telmo nasceu a 13 de novembro de 1897, em Lisboa, tendo falecido a 18 de setembro de 1948, em Cascais, vítima de um acidente de pesca.

Cottinelli Telmo estudou Arquitetura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa, tendo completado o curso em 1920. Enquanto estudava arquitetura, começou também a dedicar-se ao cinema, tendo colaborado na realização dos filmes *Malmequer* e *Mal de Espanha*, ambos de 1918, realizados por Leitão de Barros e produzidos na Lusitânia-Film.

Muito jovem tornou-se conhecido pelos seus dotes para a arquitetura em 1922 quando desenhou o Pavilhão de Honra da Exposição do Rio de Janeiro. Sete anos mais tarde foi escolhido para conceber o Pavilhão de Portugal na Exposição de Sevilha de 1929.

Em 1940 atingiu o ponto máximo da carreira ao ser designado Arquiteto-Chefe da Exposição do Mundo Português, que teve lugar em Lisboa, em Belém, junto ao Rio Tejo. Cottinelli Telmo projetou a Praça do Império e a Fonte Monumental, o

Monumento dos Descobrimentos, juntamente com Leopoldo de Almeida, e a Porta da Fundação.

Ligado às Artes Plásticas e às Letras, Cottinelli Telmo foi um dos pioneiros da banda desenhada em Portugal. Cottinelli Telmo morreu precocemente a 18 de setembro de 1948, vítima de um acidente enquanto pescava em Cascais.

Leopoldo de Almeida

Escultor português, nascido em 1898, em Lisboa, e falecido em 1975, na mesma cidade, é considerado o mais empenhado e representativo escultor do Estado Novo (1933-1974). Entre muitas outras obras, executou os grupos escultóricos do Padrão aos Descobrimentos e algumas esculturas patentes no Palácio de S. Bento. Durante algum tempo, foi responsável pelo ensino da escultura na Escola de Belas Artes de Lisboa.

Itinerário Pedagógico da Torre de Belém


Centro Helen Keller
Instituição Formadora de Especialistas da Saúde

IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO DE TRABALHO

- Lara
- Matilde
- Guilherme
- Diogo Gregório

3.ºC

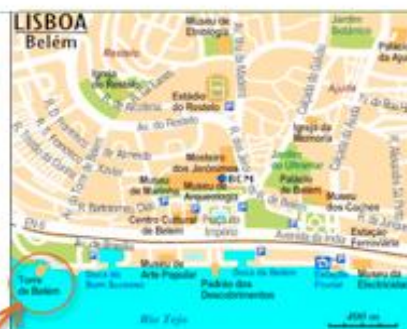
VAMOS PARTIR À DESCOBERTA!

INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Antes de iniciares a visita presta atenção às seguintes indicações:

Sempre que tiveres dúvidas debes reler o guião ou perguntar a um elemento do grupo de trabalho.

Duração da visita: **10/15 minutos**



A Torre de Belém localiza-se na freguesia de Santa Maria de Belém, na cidade de Lisboa, integrando a Lisboa manuelina. Ainda nesta freguesia, podes encontrar outros locais de interesse histórico, social e natural, como o Mosteiro dos Jerónimos, o Padrão dos Descobrimentos e o Jardim da Praça do Império.

VISITA DE ESTUDO

A...



Torre de Belém

Para pensar e investigar...

Ouve atentamente o que te é dito e regista todas as informações que consideras pertinentes!

A...

A construção da Torre de Belém ficou concluída em 1520. Esta Torre foi construída com a função de defender a cidade de Lisboa. No entanto, durante a Dinastia Filipina teve outras funções, como prisão política. Atualmente já não serve para defender Lisboa, mas é uma grande atração turística desta cidade.



A evolução da Torre de Belém

A...

No tempo dos Descobrimentos, a Torre de Belém estava totalmente dentro de água, contudo, o nível de água foi diminuindo com o passar dos anos. No período do Estado Novo (1933 – 1974), a Torre já se encontrava praticamente fora de água e nas suas traseiras existiam fábricas e bairros fabris. Para a Exposição do Mundo Português (1940) as fábricas foram destruídas e nas traseiras da Torre de Belém foram construídos jardins, tal como vemos hoje.

Responde às seguintes questões:

Em que reinado se iniciou a construção do monumento (identifica o século)?

Qual a função da Torre aquando da sua construção e atualmente?

Explica, por palavras tuas, a evolução do espaço da Torre de Belém.



Figura 1 – Torre de Belém (séc. XVII).
Consultado em:
<http://restosdesolocao.blogspot.pt>



Figura 2- Torre de Belém (1896).
Consultado em www.torredebelem.pt




Figura 3 – Torre de Belém (Estado Novo).
Consultado em:
<http://monumentosdesaparecidos.blogspot.pt>



Figura 4 – Torre de Belém (década de 90).
Consultado em: www.torredebelem.pt

Itinerário Pedagógico do Mosteiro dos Jerónimos



Centro Helen Keller
Instituição Particular de Solidariedade Social

IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO DE TRABALHO

- Diogo Rodrigues
- João
- Joana
- Carolina

3.ºC

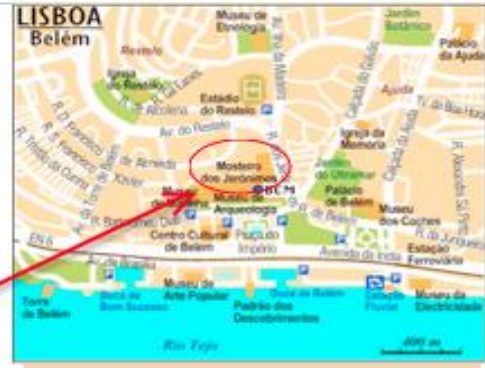
VAMOS PARTIR À DESCOBERTA!

INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Antes de iniciares a visita presta atenção às seguintes indicações:

Sempre que tiveres dúvidas debes reler o guião ou perguntar a um elemento do grupo de trabalho.


Duração da visita: **15 minutos**



O Mosteiro dos Jerónimos localiza-se na freguesia de Santa Maria de Belém, na cidade de Lisboa, integrando a Lisboa manuelina. Ainda nesta freguesia, podes encontrar outros locais de interesse histórico, social e natural, como a Torre de Belém, o Padrão dos Descobrimentos e o Jardim da Praça do Império.

VISITA DE ESTUDO

A...



Mosteiro dos Jerónimos

Para pensar e investigar...

Ouve atentamente o que te é dito e regista todas as informações que consideras pertinentes!

A construção do Mosteiro dos Jerónimos ficou concluída em 1601 e foi planeado por D. Manuel I. Uma das razões da construção deste mosteiro foi a vontade do Rei reunir em panteão os reis da dinastias Avis-Beja. Para além disso, este mosteiro também seria dedicado à Virgem de Belém. Tal como o próprio nome indica, um mosteiro serve para os monges viverem e por isso, os monges da Ordem de São Sebastião foram os escolhidos para viverem neste mosteiro, daí o seu nome ser Mosteiro dos Jerónimos. Os Jerónimos são uma ordem religiosa católica, que apenas existia na Península Ibérica, e foi fundada por São Jerónimo. Atualmente não tem as mesmas funções, mas continua a ser uma grande atração turística da cidade de Lisboa.

A evolução do Mosteiro dos Jerónimos

O Espaço envolvente do Mosteiro dos Jerónimos sofreu muitas alterações ao longo dos anos. No período dos Descobrimentos, existia à sua frente a praia do Restelo. Mais tarde, no final do séc. XIX, o nível das águas baixou e já não existia a praia à porta do Mosteiro. Uns anos depois, foram construídas algumas fábricas e bairros fabris em frente ao Mosteiro, estas apenas foram destruídas na altura da Exposição do Mundo Português (1940). Depois desta exposição, à frente do Mosteiro dos Jerónimos, passou a existir o Jardim da Praça do Império.



Figura 1 – Mosteiro dos Jerónimos (Séc. XVIII). Consultado em www.publisco.pt



Figura 2 – Mosteiro dos Jerónimos (Séc. XIX). Consultado em: <http://historiasdeguimaraes.tura.blogspot.pt/>



Figura 3 – Mosteiro dos Jerónimos (1940). Consultado em: Biblioteca de arte



Figura 4 – Torre de Belém (década de 90). Consultado em: www.torredebelém.pt



Responde às seguintes questões:

Que Rei planeou a construção do Mosteiro dos Jerónimos?

Qual a função do Mosteiro dos Jerónimos aquando da sua construção e atualmente?

Explica, por palavras tuas, a evolução do espaço do Mosteiro dos Jerónimos.

A...

Para pensar e investigar...

Ouve atentamente o que te é dito e regista todas as informações que consideras pertinentes!

O jardim da Praça do Império foi construído na Exposição do Mundo Português, em 1940. Esta praça, bem como o seu jardim foram projetados por Cottinelli Telmo. Neste jardim podemos encontrar algumas fontes, estátuas e brasões das antigas colónias portuguesas.

A evolução do espaço do jardim da Praça do Império

O espaço do jardim da Praça do Império nem sempre foi como o vemos hoje. Na época dos Descobrimentos, existia a praia do Restelo neste espaço. Muitos anos mais tarde, foram construídas algumas fábricas e casas onde viviam os operários. Para a construção da Exposição do Mundo Português estas fábricas e casas foram destruídas e foi então construído o Jardim da Praça do Império. Na década de 90 foi construído o CCB no lado direito do jardim.



Responde às seguintes questões:

Em que ano foi construído o Jardim da Praça do Império?

Este jardim foi construído com que propósito?

Explica, por palavras tuas, a evolução do espaço do Jardim da Praça do Império.



Figura 1 – Espaço do Jardim da Praça do Império (Séc. XVIII). Consultado em www.publico.pt



Figura 2 – Espaço do Jardim da Praça do Império (Séc. XIX). Consultado em: <http://historiaegaumacultura.blogspot.pt/>




Figura 3 – Inauguração do Jardim da Praça do Império (1940). Consultado em: Biblioteca de arte



Figura 4 – Brasões do Jardim da Praça do Império (Década de 90). Consultado em cm-lisboa.pt

Itinerário Pedagógico do Jardim do Padrão dos Descobrimentos


Centro Helen Keller
Instituição Particular de Solidariedade Social

IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO DE TRABALHO

- Lourenço
- Francisco
- Duarte
- Marta

3.ºC

VAMOS PARTIR À DESCOBERTA!

INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Antes de iniciares a visita presta atenção às seguintes indicações.

Sempre que tiveres dúvidas deves reler o guião ou perguntar a um elemento do grupo de trabalho.

Duração da visita: 10 minutos



O Padrão dos Descobrimentos localiza-se na freguesia de Santa Maria de Belém, na cidade de Lisboa. Ainda nesta freguesia, podes encontrar outros locais de interesse histórico, social e natural, como a Torre de Belém, o Mosteiro dos Jerónimos e o jardim da Praça do Império.

VISITA DE ESTUDO



Padrão dos Descobrimentos

Para pensar e investigar...

Ouve atentamente o que te é dito e regista todas as informações que consideras pertinentes!

O Padrão dos Descobrimentos foi construído na ocasião da Exposição do Mundo Português, em 1940. Este monumento foi projetado por Cottinelli Telmo e Leopoldo de Almeida e a sua principal função era ilustrar a importância dos descobrimentos portugueses, ou seja, louvar esses feitos importantes para a nossa história, esta função mantém-se até hoje.

A evolução do Padrão dos Descobrimentos

O Padrão dos Descobrimentos, quando construído em 1940 (Exposição do Mundo Português), foi feito de madeira. No entanto, quinhentos anos depois da morte do Infante D. Henrique (figura principal deste monumento) foi reconstruído, desta vez em betão, ou seja, em pedra, tal como o vemos hoje. O Padrão dos Descobrimentos é composto por trinta e duas figuras importantes para a história portuguesa.



Responde às seguintes questões:

O Padrão dos Descobrimentos foi construído com que propósito? Atualmente tem a mesma função?

Quem é a figura que está à frente neste monumento?

Explica, por palavras tuas, a evolução do Padrão dos Descobrimentos.



Figura 1 – Início da construção do Padrão dos Descobrimentos em madeira (1940). Consultado em: [Biblioteca de arte](#)



Figura 2 – Padrão dos Descobrimentos (Estado Novo). Consultado em: www.cinept.ubi.pt



Figura 3 – Reconstrução do Padrão dos Descobrimentos em betão (1960). Consultado em www.padraodosdescobrimentos.pt



Figura 4 – Padrão dos Descobrimentos (Década de 90). Consultado em www.padraodosdescobrimentos.pt

Fotografias dos cartazes elaborados pelos alunos

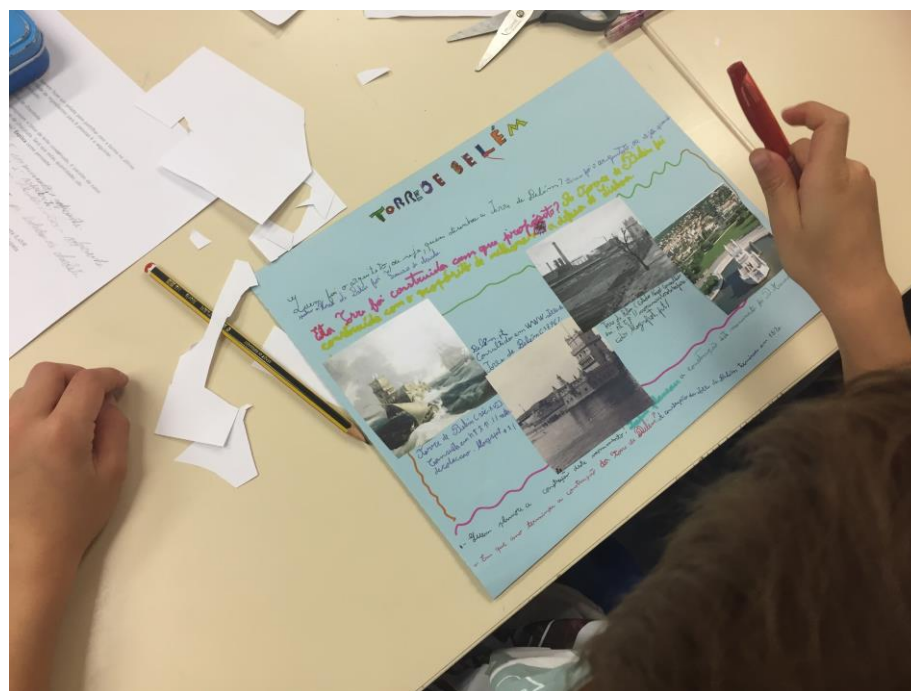


Figura R1. Elaboração do cartaz sobre a Torre de Belém



Figura R2. Elaboração do cartaz sobre o Mosteiro dos Jerónimos



Figura R3. Apresentação do cartaz sobre o Padrão dos Descobrimentos





Figura R4. Elaboração do cartaz sobre o Jardim da Praça do Império


ANEXO S


Grelha de avaliação das competências essenciais da História

Indicadores		Alunos																
		Afonso	André	Carolina	Duarte	Diogo R.	Diogo G.	Francisco	Guilherme	João	Joana	Lara	Lourenço	Marta	Matilde	Owen	Vicente	Miguel
Pesquisa de informação / utilização de fontes	Utiliza alguns dos processos simples de conhecimento da realidade envolvente																	
	Distingue fontes de informação com diferentes linguagens																	
	Interpreta fontes diversas em torno dos conceitos essenciais para a compreensão social e histórica																	
Comunicação Histórica	Localiza factos e datas no friso cronológico, relativo à história local e de Portugal																	
	Pesquisa sobre o passado de uma instituição local, recorrendo a diversas fontes																	
	Constrói horários e calendários																	
	Constrói árvores genealógicas para estabelecer relações de parentesco																	
	Descreve e constrói itinerários não diários																	
	Utiliza a prática de processos de orientação																	
	Visita locais ligados ao passado local																	
	Participa na organização do trabalho de sala de aula																	
Comunicação em História	Participa na dinâmica do trabalho de grupo																	
	Utiliza diferentes formas de comunicação escrita, onde descreve acontecimentos da história local, fazendo uso correto da expressão escrita																	
	Desenvolve a comunicação oral relatando acontecimentos de história local ou nacional																	
	Enriquece a comunicação através da utilização de materiais iconográficos																	

 Não observado

 Com dificuldade/Não

 Com alguma dificuldade/Às vezes

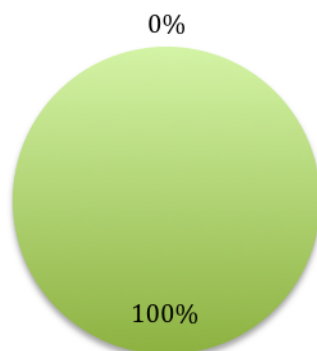
 Sem dificuldades/Sim

Análise dos questionários pós-intervenção



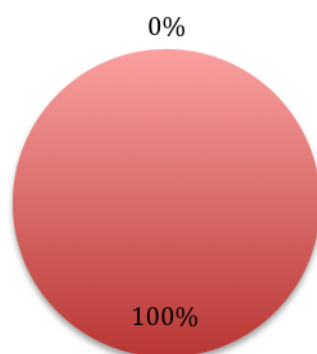
Reconhece o Padrão dos Descobrimentos?

■ Reconhece ■ Não reconhece

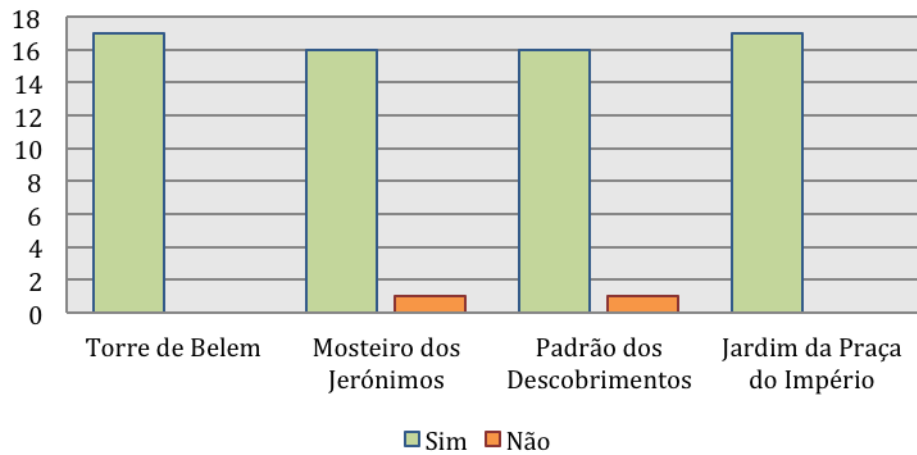


Reconhece o Jardim da Praça do Império?

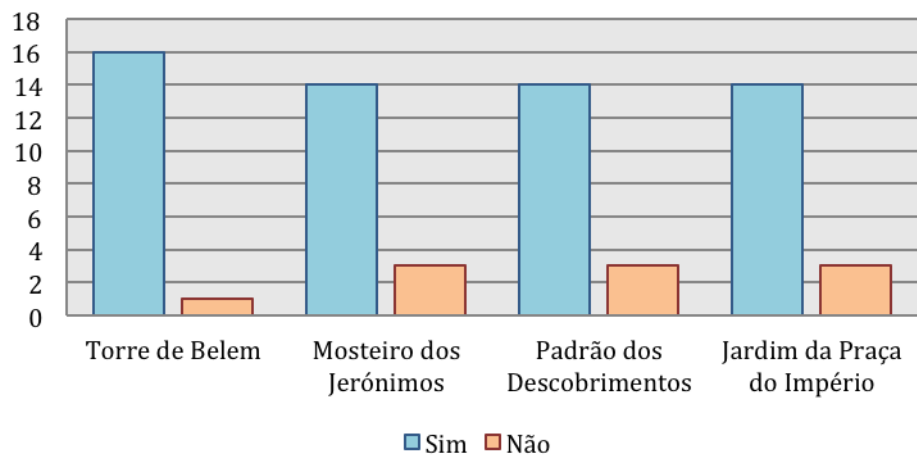
■ Reconhece ■ Não reconhece



Identifica a data da construção dos monumentos/espços?



Identifica a razão da construção dos monumentos/espços?



Mobiliza o saber adquirido na leitura e escrita de palavras, frases e textos

Não observado

Com dificuldade/Não

Com alguma dificuldade/Às vezes

Sem dificuldades/Sim

ANEXO V

Tabela V1
Avaliação Final de Matemática


		Matemática																	
Indicadores		Alunos																	
		Afonso	André	Carolina	Duarte	Diogo R.	Diogo G.	Francisco	Guilherme	João	Joana	Lara	Lourenço	Marta	Matilde	Owen	Vicente	Miguel	
Números e Operações	Números naturais																		
	Realiza contagens a partir de números dados de forma	Progressiva																	
		Regressiva																	
	Utiliza a numeração romana																		
	Ordena números em sequências	Crescentes																	
		Decrescentes																	
	Lê por classes e por ordens																		
	Utiliza o algoritmo para resolver	Adições																	
		Subtrações																	
		Multiplicações																	
		Divisões																	
	Resolve problemas que envolvam	Adições																	
		Subtrações																	
		Multiplicações																	
		Divisões																	
	Utiliza estratégias de cálculo mental para	Adições																	
		Subtrações																	
		Multiplicações																	
		Divisões																	
	Utiliza a multiplicação no sentido de	Aditivo																	
Multiplicativo																			
Utiliza a divisão no sentido de	Medida																		
	Partilha																		


ANEXO W


Tabela W1
Avaliação Final de Estudo do Meio


		Estudo do Meio																
Indicadores		Alunos																
		Afonso	André	Carolina	Duarte	Diogo R.	Diogo G.	Francisco	Guilherme	João	Joana	Lara	Lourenço	Marta	Matilde	Owen	Vicente	Miguel
A localização no espaço e no tempo	Reconhece e identifica de elementos espaço-temporais (factos, monumentos, história local)																	
	Reconhece e utiliza elementos que permitem situar-se no lugar onde se vive (mapas)																	
	Reconhece e utiliza unidades de referência temporal																	
	Localiza elementos naturais e humanos da paisagem, utilizando a posição do observador																	
	Utiliza processos de orientação como forma de se localizar e deslocar na Terra																	
O conhecimento do ambiente natural e social	Utiliza vestígios de outras épocas como fonte de informação para reconstruir o passado e compreender o presente																	
	Reconhece aglomerados populacionais (aldeias, vilas e cidades)																	
	Reconhece representações diversas da Terra																	
	Compreende as razões da existências de dia e noite e a sua relação com o movimento da Terra																	
	Caracteriza as estações do ano																	
	Reconhece a existência de diferentes astros e que a Terra faz parte do Sistema Solar																	

Comunicação em História	Participa na organização do trabalho de sala de aula																	
	Participa na dinâmica do trabalho de grupo																	
	Utiliza diferentes formas de comunicação escrita, onde descreve acontecimentos da história local, fazendo uso correto da expressão escrita																	
	Desenvolve a comunicação oral relatando acontecimentos de história local ou nacional																	
	Enriquece a comunicação através da utilização de materiais iconográficos																	

 Não observado

 Com dificuldade/Não

 Com alguma dificuldade/As vezes

 Sem dificuldades/Sim

ANEXO X

Tabela X1
Avaliação Final de Competências Sociais

Indicadores		Competências Sociais																
		Alunos																
		Afonso	André	Carolina	Duarte	Diogo R.	Diogo G.	Francisco	Guilherme	João	Joana	Lara	Lourenço	Marta	Matilde	Owen	Vicente	Miguel
Cooperação	Partilha o material																	
	Pede ajuda aos colegas																	
	Aceita a ajuda dos colegas																	
	Ajuda os colegas																	
	Aceita pontos de vista diferentes do seu																	
Autonomia	Toma iniciativa na escolha do trabalho a realizar																	
	Realiza o trabalho	sozinho																
		com a ajuda dos colegas																
		do professor																
Pede frequentemente feedback ao professor																		
Participação	Participa	espontaneamente																
		quando solicitado																
	Participa de forma pertinente																	
	Expressa opiniões, ideias, factos																	
	Participa nas decisões que dizem respeito a si ou aos contextos da turma																	
	Reconhece que a sua participação pode influenciar os processos de decisão, individual e coletivamente																	
	Regras de comunicação	Pede a palavra																
Aguarda a vez																		
Escuta o outro																		
Responsabilidade	É assíduo																	
	É pontual																	
	Apresenta o material necessário																	
	Cumpre as tarefas propostas																	

Relacionam ento	Organiza os seus trabalhos																			
	Estabelece acordos/compromissos, cumprindo-os e assumindo a sua responsabilidade																			
	Respeita os colegas																			
	Respeita o professor																			
	Resolve os conflitos	autonomamente																		
		com intervenção de outros																		
	Aceita sugestões/criticas																			
	Apresenta propostas de intervenção/resolução de problemas																			

□ Não observado

□ Com dificuldade/Não

□ Com alguma dificuldade/Às vezes


□ Sem dificuldades/Sim


ANEXO Y


Tabela Y1
Avaliação Final dos Objetivos de Intervenção


Indicadores		Alunos																
		Afonso	André	Carolina	Duarte	Diogo R.	Diogo G.	Francisco	Guilherme	João	Joana	Lara	Lourenço	Marta	Matilde	Owen	Vicente	Miguel
Desenvolver competências de escrita, considerando as suas diversas funções	Escreve por iniciativa própria.																	
	Faz o planeamento do seu texto, antes de iniciar a escrita.																	
	Cria pequenos textos com introdução, desenvolvimento e conclusão.																	
	Trabalha um texto, amplificando-o através da coordenação de nomes, de adjetivos e de verbos.																	
	Escreve diálogos, contendo a fase de abertura, a fase de interação e a fase de fecho.																	
	Usa vocabulário adequado.																	
	Verifica se o texto contém as ideias previamente definidas.																	
	Verifica a adequação do vocabulário usado.																	
	Identifica e corrige erros ortográficos que o texto contenha.																	
Desenvolver a apropriação de técnicas de pesquisa, organização e tratamento de dados e informação	Constrói conhecimento pesquisando e selecionando fontes.																	
	Reconhece a função de fontes de informação.																	
	Pesquisa informação em diferentes fontes.																	
	Compara as fontes com diferentes mensagens, identificando alguns aspetos consensuais e divergentes.																	
	Organiza a informação com critérios de classificação diversificados.																	
	Seleciona informação seguindo o tema central da pesquisa.																	
	Identifica informação essencial.																	
	Analisa o material de pesquisa.																	
	Organiza as suas conclusões em textos ou a partir da representação em tabelas, diagramas ou gráficos.																	

	Realiza inferências válidas.																		
	Exprime uma opinião crítica a respeito do tema pesquisado.																		

 Não observado

 Com dificuldade/Não

 Com alguma dificuldade/Às vezes

 Sem dificuldades/Sim